

SUSANA PATRÍCIA GODINHO CRESPO

**APRENDER A INCLUIR EM CONTEXTO DE SALA DE
AULA DO 1º ANO DE ESCOLARIDADE**

Orientador: Jorge Manuel de Melo Serrano

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2010

SUSANA PATRÍCIA GODINHO CRESPO

**APRENDER A INCLUIR EM CONTEXTO DE SALA DE
AULA DO 1º ANO DE ESCOLARIDADE**

Trabalho de projecto apresentado na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação – Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor.

Orientador: Professor Doutor Jorge Manuel de Melo Serrano

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2010

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que acreditaram em mim, à minha família, ao meu namorado e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma tornaram possível a realização do presente trabalho e de uma maneira especial:

Ao Professor Doutor Jorge Serrano pela sua disponibilidade, orientação e ajuda na elaboração deste projecto.

À Professora Doutora Isabel Rodrigues Sanches pelas palavras de estímulo e incentivo que proferiu ao longo desta etapa a toda a turma de Portalegre.

Às minhas colegas por todo o incentivo e apoio manifestados em todo este processo.

Às docentes da Escola Básica/ JI do Atalaião que contribuíram para a elaboração desta dissertação.

Ao meu namorado por todo o carinho, compreensão e suporte emocional.

À minha família e amigos pela sua amizade e compreensão que me ajudaram a tornar possível este sonho.

RESUMO

O presente trabalho teve por objectivo investigar e construir um Plano de Intervenção baseado numa sala de 1º ano de escolaridade na cidade de Portalegre com vista à inclusão, na turma, de um aluno em situação de Necessidade Educativa Especial.

Este plano integra uma componente teórica – prática uma vez que foi feita uma análise teórica prévia que tinha como objectivo conhecer e caracterizar cientificamente toda a situação – problema e, conseqüentemente foram aplicadas técnicas de análise e recolha de dados: pesquisa documental, entrevista, sociometria e observação naturalista com base na literatura de referência para a aplicação dessas técnicas.

Posteriormente foi feita a análise de toda a situação e foram identificadas quais as áreas de intervenção que seriam pertinentes para a problemática em estudo com o intuito de ser elaborado um Plano de Intervenção, realizado durante quatro meses em contexto de sala de aula e com o objectivo de proporcionar alguma mudança face à situação – problema encontrada.

Este projecto de investigação – acção teve como objectivo responder à questão de partida: Como promover as aprendizagens numa ambiência inclusiva numa turma de 1º ano de escolaridade?

O Plano de Intervenção foi estruturado em quinze sessões de aproximadamente 90 minutos cada, onde foram desenvolvidas actividades com a turma que promovessem, o mais possível, a progressão académica e a participação do aluno em situação de NEE.

Para a avaliação do Plano de Intervenção recorreu-se às técnicas de recolha e análise de dados: entrevista e sociometria, assim como às reflexões semanais elaboradas após cada intervenção.

O Plano de Intervenção interferiu positivamente na inclusão do aluno em situação de NEE na sua turma.

Palavras – chave: Escola Inclusiva, Aprendizagem Cooperativa, Síndrome de Pelizaeus Merzbacher, Estratégias de Intervenção e Investigação – acção.

ABSTRACT

The main target of this task is to investigate and build a Intervention Plan based on a first grade room in a school from Portalegre. This had the found need for inclusion of a student in a Special Needs Education his class.

This plan integrates both theoretical and practical components since it was previously done a theoretical analysis based on gathering all the data regarding the surrounding environment and, from that, technical analysis and data collection were applied such as: documental research, interview, sociometry, naturalistic observation based on the reference literature regarding those techniques.

After that, a global situation analysis was done and, after that intervention areas were identified as pertinent for this study case regarding building an Intervention Plan, executed and applied during four months in the class room context and with the main objective of promote the changes regarding the Problem/situation previously found.

This investigation/action project had as main target answering the starting question: How to promote learning skills in an inclusive ambience in a first grade class?

The Intervention Plan was structured in fifteen sessions with near 90 minutes each, where activities were developed with the class mates trying to reach, as much as possible, the integration of the student in NEE situation.

In order to evaluate the Intervention Plan we used analysis and data collection techniques: interviewing and sociometry and also the weekly reflections done after each intervention period.

The Intervention Plan interfered positively regarding the student inclusion in NEE situation in his class.

Key Words: Inclusive School, Cooperative learning, Pelizaeus Merzbacher disease, strategies of intervention and Investigation / Action.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	7
1- ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
1.1- Escola Inclusiva	9
1.2- Aprendizagem Cooperativa	13
1.3 – Síndrome de Pelizaeus Merzbacher	19
1.4 – Estratégias de Intervenção.....	21
Sistema Bliss	28
Sistema PIC (Pictogram Ideogram Communication).....	28
Sistema SPC (Símbolos Pictográficos para a Comunicação).....	29
2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	31
2.1- Caracterização do projecto.....	31
2.2- Técnicas e instrumentos de pesquisa de dados	33
2.2.1 – Pesquisa documental	33
2.2.2- Entrevista	34
2.2.3 – Observação Naturalista	35
2.3.4. Sociometria.....	35
2.4- Procedimentos para a recolha e a análise de dados.....	36
2.4.1- Pesquisa documental.....	36
2.4.2- Entrevista	36
2.4.3- Observação Naturalista	37
2.4.4- Sociometria	37
3- CARACTERIZAÇÃO CONTEXTUAL DA SITUAÇÃO - PROBLEMA	39
3.1- O contexto escolar.....	39
3.1.1- Espaço físico e logístico.....	39
3.1.2- Recursos humanos	40
3.1.3- Dinâmica educativa.....	40
3.1.4- Preocupações explícitas subjacentes à escola inclusiva.....	40

3.2 – O grupo / a turma	42
3.2.1- Caracterização estrutural.....	42
3.2.2- Caracterização dinâmica	43
3.2.3 – Casos específicos da turma.....	43
4- PLANO DE ACÇÃO	46
4.1. Princípios Orientadores	46
4.2- Pressupostos Teóricos.....	46
4.3- Problemática / Questão de partida	48
4.4- Planificação, realização e avaliação da intervenção	48
4.4.1- Planificação global da intervenção	48
4.4.2- Planificação, realização e reflexão / avaliação a curto prazo.....	52
5- DESENVOLVIMENTO DA INTERVENÇÃO	55
6- AVALIAÇÃO GLOBAL.....	86
6.1- A nível do grupo e do aluno “caso”	87
6.2- A nível do contexto escolar.....	89
6.3- A nível do processo.....	90
REFLEXÕES CONCLUSIVAS	92
Ilacões relevantes	92
RECOMENDAÇÕES	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
ANEXOS.....	100
ÍNDICE DE QUADROS.....	i
ÍNDICE DE ANEXOS.....	ii

INTRODUÇÃO

No âmbito do mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor foi realizado este trabalho que pressupunha a construção de um programa de intervenção baseado na tentativa de construir uma resposta de intervenção, tendo em conta as necessidades apresentadas no âmbito de um contexto escolar onde existiam casos de Necessidades Educativas Especiais na cidade de Portalegre.

Este programa de intervenção viria a chamar-se: “Aprender a incluir numa sala do 1º ano de escolaridade”.

Inicialmente tornou-se pertinente fazer um levantamento teórico da situação temática e posterior análise com base na revisão da literatura e a aplicação de algumas técnicas de recolha de dados.

Assim o Enquadramento Teórico, correspondente ao primeiro tópico do trabalho e é formado por três pontos.

O primeiro envolve o conceito de Escola Inclusiva e é descrito consoante a sua origem e evolução em Portugal, assim como as mudanças que ocorreram na educação de crianças em situação de NEE face à implementação deste conceito nas escolas, fundamentado com os autores de referência.

O segundo ponto tem como objectivo descrever o conceito de Aprendizagem Cooperativa e referir as suas vantagens face à aplicação deste método numa perspectiva de inclusão.

Finalmente no terceiro explora-se um pouco a Síndrome de Pelizaeus Merzbacher, descrevendo algumas características desta doença e as orientações educativas sobre a aprendizagem das crianças com esta síndrome, tendo em conta a literatura ligada neste campo.

Na segunda parte deste trabalho, dedicada à investigação, é relatado o tipo de projecto a elaborar e as características de uma investigação – acção, fundamentado com a respectiva revisão literária.

No terceiro momento deste trabalho é feita a descrição dos contextos envolventes da situação – problema tendo como base a recolha de dados relativos à construção do plano de intervenção e sua consequente análise. Esta é feita através de uma caracterização de toda a situação em que se vai intervir e dos contextos em que ocorre.

No quarto capítulo é descrito todo o plano de acção sendo feita referência à escolha da problemática e construção da questão de partida. É construída uma planificação global,

onde são apresentadas as áreas de intervenção, os objectivos a atingir, actividades e respectiva avaliação.

Seguidamente é feita uma planificação a curto prazo onde é explicado o modo como esta se irá proceder no momento da intervenção.

Finalmente surge a avaliação global da intervenção realizada , assim como as reflexões conclusivas de toda a intervenção.

1- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1– Escola Inclusiva

As mudanças ocorridas durante o séc. XX na sociedade proporcionaram profundas alterações na Escola e nas respectivas práticas pedagógicas. A par destas mudanças, a educação de crianças com deficiência em Portugal foi evoluindo, passando por diferentes perspectivas e diferentes metodologias de intervenção (Costa, 1981).

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (1986, art.7º), é necessário:

” ...assegurar às crianças com Necessidades Educativas Específicas, devidas designadamente a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades.”

Para Birch (1974, citado por Bautista ,1997, p.29) a integração escolar é:”... um processo que pretende unificar a educação regular e a educação especial com o objectivo de oferecer um conjunto de serviços a todas as crianças, com base nas suas necessidades de aprendizagens.”

A acrescentar à afirmação anterior Sanz del Rio (1985, citado por Bautista, 1997, pp.29) refere que:

“...a integração é um marco educativo mainstriming como «referida à integração temporal, instrutiva e social de um grupo seleccionado de crianças diferentes com os seus companheiros normais, baseada numa planificação educativa e num processo programador evolutivo, e individualmente determinado. Esta integração requererá uma distribuição de responsabilidades entre o pessoal educativo regular e especializado e o pessoal administrativo e auxiliar.”

As escolas passam, então, a organizar-se em função dos alunos em situação de NEE (Necessidade Educativa Especial). Em 1986 os defensores dos direitos destes alunos, apelam para que: “...fossem criadas condições que permitissem responder às necessidades educativas dos alunos com NEE nas escolas regulares das suas residências.” (Decreto de Lei nº 319/91, 23 de Agosto).

Com o decreto-lei 319/91 de 23 de Agosto, o Ministério da Educação responsabiliza a escola regular pela educação das crianças consideradas com NEE, garantindo o seu acesso à escolaridade obrigatória e a sua gratuitidade e, define, ainda, medidas de apoio adequadas ao tipo de dificuldades (Bairrão, 1998).

No ano de 1994 reúnem-se em Salamanca mais de 300 participantes, em representação de 92 Governos e 25 Organizações Internacionais, com o objectivo de promover a noção de “Educação para Todos”. Foram analisadas as mudanças fundamentais de política necessária, para desenvolver o conceito de Educação Inclusiva, procurando capacitar as escolas para atender a todas as crianças.

Deste encontro surge a Declaração de Salamanca que defende:

“As crianças e jovens com necessidades educativas especiais, devem ter acesso às escolas regulares que a elas se devem adequar, através de uma pedagogia centrada na criança capaz de ir ao encontro destas necessidades. As escolas regulares, ao seguirem esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias criando, comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos “ (UNESCO, 1994, p.6).

Em 1997 surge o despacho conjunto nº 105/97 de 1 de Julho que vem determinar a forma como se devem processar os apoios educativos em relação às crianças consideradas com NEE e, atribuir às escolas o papel de intervir de forma diversificada necessária para o sucesso educativo de todas as crianças e jovens.

Segundo o artigo 10º deste diploma:

“...consideram-se alunos com Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente, os alunos que apresentem incapacidade ou incapacidades que se reflectam numa ou mais áreas de realização de aprendizagens, resultantes de deficiência de ordem sensorial, motora ou mental, de perturbações da fala e da linguagem, de perturbações graves de personalidade, ou do comportamento ou graves problemas de saúde.”

A escola inclusiva deve ajustar-se a todos, mesmo as crianças e jovens em situação de Necessidade Educativa Especial, devem ser incluídos nas estruturas educativas destinadas a todos.

O sucesso das escolas inclusivas favorece a igualdade de oportunidades e a participação activa, todavia, só se torna com o esforço colectivo dos intervenientes no processo educativo. A educação dos alunos em situação de NEE, nas escolas regulares, implica, então, alterações estruturais no plano da cultura pedagógica (Correia, 1999).

Se as escolas reunirem todos estes componentes, a inclusão de jovens e crianças com deficiências será facilitada. Assim sendo, a escola inclusiva tem como principal objectivo

proporcionar a igualdade de oportunidades educativas e sociais a todos os alunos, considerando a integração de todos no mesmo tipo de ensino, sem dar importância às suas diferenças ou dificuldades. De acordo com Sebba e Ainscow (1996, citado por Rodrigues, 2001, p. 112):

“ A educação inclusiva descreve o processo através do qual a escola tenta responder a todos os alunos enquanto indivíduos, reconhecendo e reestruturando a sua organização curricular e a provisão e utilização de recursos para melhorar a igualdade de oportunidades. Através deste processo a escola constrói a sua capacidade de aceitar todos os alunos que a desejam frequentar provenientes da comunidade local e, fazendo isto, reduz a necessidade de excluir alunos.”

Segundo César (2003) o conceito de escola inclusiva surgiu inicialmente como uma forma de dar resposta a alunos em situação de NEE, tornou-se mais abrangente com o intuito de contemplar a diversidade, tendo em conta a individualidade de cada um, para a promoção uma escola que seja de todos e para todos.

Nesta perspectiva a autora acima mencionada salienta a importância das interações sociais, nomeadamente no trabalho a pares ou em grupo, promovendo o trabalho colaborativo em contexto de sala de aula pois estas permitem maior desenvolvimento pessoal e social de todos os alunos assim como o seu desempenho escolar.

“As potencialidades do trabalho colaborativo, quando conjugadas com tarefas cuidadosamente elaboradas e com um contrato didático coerente, revelaram-se um importante contributo para a promoção do pleno desenvolvimento dos alunos e dos seus desempenhos académicos” (César, 2003, p. 128).

A autora refere ainda que a inclusão envolve partilha de saberes e experiências onde devem existir projectos que possam ir ao encontro de todos e cuja participação seja de todos, os vários intervenientes educativos.

Em Portugal surge o Decreto – Lei nº. 3/ 2008, de 7 de Janeiro que defende o desenvolvimento de uma escola inclusiva e igualdade de oportunidades.

“ Um sistema de educação inclusivo deve estruturar-se e desenvolver-se atendendo à diversidade de características das crianças e jovens, às diferentes necessidades ou problemas, e, portanto à diferenciação de medidas” Ministério da Educação, 2008, p. 11)

O referido Decreto – Lei (2008) define que a educação especial tem por objectivo a inclusão de todos, quer a nível do acesso à educação como a igualdade de oportunidades e autonomia de todos os alunos, preparando os alunos em situação de NEE para a sua vida futura.

Neste contexto, o Decreto-Lei nº. 3/ 2008, de 7 de Janeiro, define os apoios especializados para alunos com necessidades educativas especiais de carácter prolongado. No seu prólogo vem explícito que ele se insere no paradigma inclusivo e que os apoios especializados visam responder às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da actividade e da participação, num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas (...) dando lugar à mobilização de serviços especializados para promover o potencial psíquico e social (Ministério da Educação, 2008, Prefácio).

As alterações que ocorreram com este Decreto – Lei é a criação de escolas de referência para a educação bilingue de alunos surdos e escolas para a educação de alunos cegos e com baixa visão, assim como, unidades de ensino estruturados para a educação de alunos com perturbações do espectro do autismo e unidades para a educação de alunos com multideficiência e surdocegueira congénita (Ministério da Educação, 2008, p. 18)

O Decreto – Lei nº. 3/ 2008, de 7 de Janeiro, prevê como forma de avaliação dos alunos em situação de NEE recorrendo à utilização da CIF (Classificação Internacional de Funcionalidade e Capacidade) que serve de base à elaboração dos programas educativos individuais (PEI).

No processo de avaliação, segundo o Ministério da Educação (2008) devem constar as componentes de funcionalidade e incapacidade dos alunos, assim como dos factores contextuais. Depois de identificadas estas componentes é necessário identificar as categorias e instrumentos que vão ser usados.

Finalmente com o preenchimento da *checklist* é elaborado o relatório técnico – pedagógico que identifica o perfil de funcionalidade do aluno e determina quais as necessidades educativas especiais, bem como as medidas a serem adoptadas na elaboração do Programa Educativo Individual.

Segundo o Ministério da Educação (2008, p. 27) a elaboração do PEI permite às equipas pedagógicas:

- “ - a partilha de informação relativa ao funcionamento do aluno em vários contextos;
- uma compreensão comum, por parte de todos os intervenientes, dos facilitadores e barreiras ao desempenho do aluno;
 - uma implicação mais activa e responsável, por parte de todos, incluindo os pais ou encarregados de educação;
 - uma intervenção contextualizada e concertada”.

Outra referência ao Decreto – Lei nº 3/ 2008, de 7 de Janeiro, é a adequação do processo de ensino e de aprendizagem que tem como objectivo “facilitar o acesso ao currículo, à participação social e à vida autónoma das crianças e jovens em situação de NEE” (Ministério da Educação, 2008, p. 33).

Neste sentido as adequações curriculares vão exigir por parte das escolas mudanças na sua organização que possam ir de encontro às necessidades de cada aluno. Assim os docentes terão que aplicar estratégias pedagógicas diversificadas para o grande grupo que englobem também o aluno em situação de NEE (Ministério da Educação, 2008).

Assim, as medidas educativas das quais fazem parte as adequações no processo de aprendizagem são:

- “ - Apoio pedagógico personalizado;
- Adequações curriculares individuais;
 - Adequações no processo de matrícula;
 - Adequações no processo de avaliação;
 - Currículo específico individual;
 - Tecnologias de apoio.” (Ministério da Educação, 2008, p. 34)

1.2- Aprendizagem Cooperativa

Um dos princípios orientadores da aprendizagem deve ser a construção da tomada de consciência da identidade pessoal e social. Nesta perspectiva, torna-se pertinente reflectir sobre alguns aspectos sobre o ensino e aprendizagem.

Gómez (1990) defende que a escola deve ser o lugar onde ocorrem as experiências sociais, se constrói o conhecimento e se desenvolvem actividades que determinam o sentido e orientam a prática do ensino. Por outro lado, a escola deve proporcionar igualmente experiências que permitam a compreensão da realidade e capacidade de actuar sobre a construção do pensamento.

Ao falarmos numa perspectiva de Educação Inclusiva é necessário ultrapassar as barreiras existentes dentro das salas de aula e criar estratégias de aprendizagem que visem à participação de todos de forma igual (Ainscow & Booth, 2002)

Quando abordamos as teorias de aprendizagem centrada na interacção entre indivíduos destaca-se Vigotsky que construiu a sua teoria com base no desenvolvimento do indivíduo.

A teoria de Vigotsky incide sobre a ideia de que a criança adquire conhecimentos através da interacção com o meio, ou seja, as relações com os outros e as actividades em grupo proporcionam o desenvolvimento intelectual e cognitivo (Hurley, Proctor & Ford, 1999).

Segundo Vigotsky a criança em interacção consegue fazer sempre mais e melhor do que individualmente porém, os resultados provenientes desta interacção estão dependentes do seu desenvolvimento e potencial intelectual (Palácios, 1987).

Segundo Johnson e Johnson (1980, Slavin, 1990 e Sharan, 1990) citados por Bessa e Fontaine, 2002) os métodos cooperativos procuram desenvolver estratégias de aprendizagem com base na interacção entre os alunos.

Arends (2001) relata as investigações dos psicólogos Allport (1927) e de Dashiell (1935) que ao compararem os desempenhos de indivíduos a desempenharem as mesmas tarefas de forma individual e em grupo, concluíram que as tarefas realizadas em grupo foram melhor desempenhadas.

Após estas experiências realizaram-se outros estudos sobre o efeito do trabalho cooperativo contrariamente ao trabalho competitivo.

Experiências baseadas nestes métodos mostram que as estruturas cooperativas são mais produtivas que em estruturas competitivas (Arends, 2001).

O autor mencionado anteriormente (2001) salienta que quando existe ambiente cooperativo nos grupos:

- As relações levam a uma motivação mais forte para completar a tarefa em comum.
- O trabalho de grupo desenvolve uma relação de amizade considerável entre os membros do grupo.
- Existe maior comunicação e promoção de ideias para completar a tarefa.

Citando o trabalho de Bessa e Fontaine (2002) estes concluem que este tipo de aprendizagem é benéfica para a maioria dos alunos uma vez que abrangidos por este estilo de aprendizagem os indivíduos só serão bem sucedidos se os pares também forem e vice – versa.

Desta forma é fomentada a entajada com vista a alcançar um bem comum.

A cooperação activa-se quando dois ou mais indivíduos estão a realizar uma tarefa onde os esforços conjuntos e individuais contribuem para a realizar e quando os membros colocam os objectivos do grupo acima dos objectivos pessoais (Blanchet & Trognon, 1997 citados por Sherman, 2000).

Os autores acima mencionados (2002) referem que o método cooperativo para além de proporcionar as aprendizagens das matérias presentes nos currículos das salas promove também outros tipos de aprendizagens significativas e importantes para o desenvolvimento integral dos alunos na sociedade.

A aprendizagem cooperativa apresenta as seguintes características: “os alunos trabalham em equipa para dominar os materiais escolares; as equipas são constituídas por alunos bons, médios ou fracos” (Arends, 2001, p. 369).

Para Johnson e Johnson (1994) e Slavin (1991) citados por Bessa e Fontaine (2002) a aprendizagem cooperativa promove a auto – estima, o auto – conceito e a auto – eficácia.

Slavin (1991) defende ainda que os alunos ficam mais tolerantes às diferenças entre alunos, fazendo com que haja uma redução dos conflitos escolares.

Depois de serem apresentados os benefícios de uma aprendizagem cooperativa importa referir que é necessária uma estruturação correcta do grupo / turma.

Um dos principais objectivos da aprendizagem cooperativa é o sucesso de todos os alunos. Kagan (1994) expõe seis conceitos ligados à aprendizagem cooperativa:

- Conceito de grupo cooperativo – poucos elementos em cada grupo, heterogéneos em relação aos seus conhecimentos, sexo e raça que trabalham em conjunto para alcançarem a resolução da tarefa.
- Gestão de sala de aula cooperativa – os alunos colocam-se sentados em grupos para poderem, em conjunto, delinear as estratégias necessárias à realização da tarefa e , no final, procederem a uma avaliação.
- Vontade de cooperar - devem ser criadas condições para que os alunos cooperem entre si, através de tarefas que facilitem a criação de laços de confiança entre os elementos do grupo, para existir espírito de equipa, ou através de recompensas mediante o sucesso do grupo em determinada tarefa.

- Competência para cooperar – devem ser criadas situações de realização de tarefas em grupo como treino para aplicar o método da aprendizagem cooperativa.
- Princípios básicos – dentro do grupo é necessário haver interdependência positiva, responsabilidade individual, participação equivalente e interacção simultânea. Ou seja, o trabalho do aluno deve ser valorizado e considerado útil, todos os alunos devem ter um papel activo na acção e serem responsáveis pelo seu papel na tarefa para que todos alcancem o objectivo comum ao grupo.
- Estruturas – resultam das diferentes organizações dos indivíduos na sala de aula e o modo como desempenham a tarefa.

Para Slavin (1991) o ensino cooperativo caracteriza-se por a aprendizagem ser realizada com base na interacção entre os membros do grupo, trazer recompensas interpessoais (uma vez que o trabalho em grupo desenvolve as relações existentes entre pares), os alunos aprendem a gerir o tempo sem que sejam controlados pelo professor e alteram a dinâmica do grupo em função da actividade que estão a desempenhar.

O mesmo autor refere ainda que as estratégias apresentadas na aprendizagem cooperativa trazem muitas vantagens na integração, permitindo a revalorização da aprendizagem, a motivação pela ajuda mútua, o desenvolvimento de processos cognitivos quando o aluno organiza a informação e o pensamento para ajudar os outros elementos do grupo, permitindo uma atenção e intervenção imediata sem que seja necessário recorrer ao adulto.

Hegarty, Hodgson e Clunies – Ross (2004) referiram no seu estudo que os professores consideravam que os métodos cooperativos ajudavam muito as crianças em situação de NEE, uma vez que não era necessário dar instruções diferenciadas a estes alunos, fazendo com que se sentissem mais motivados, tinham um melhor entendimento do que iam fazer e permaneciam mais tempo debruçados sobre as tarefas.

A aprendizagem cooperativa procura promover um ambiente de aprendizagem onde o aluno tem um papel activo e reflecte sobre o que faz. Além disso, é incentivado a interagir com todos os agentes envolvidos no processo, onde todos podem reflectir, opinar, sugerir, contrapor, com o propósito de encontrar soluções, aprendizagens e construção do conhecimento. Ao invés do envolvimento individual, a aprendizagem cooperativa demanda promover o esforço intelectual conjunto de indivíduos e o envolvimento na busca de soluções e na produção de conhecimento (Freitas & Freitas, 2002).

Fraile (1998) considera que a aprendizagem cooperativa se revela vantajosa tanto para o aluno como para o professor. Para o aluno, este autor considera que os efeitos positivos da aprendizagem cooperativa se podem agrupar em duas categorias:

A – Efeitos da aprendizagem cooperativa ao nível das competências cognitivas:

- maior produtividade e rendimento;
- desenvolvimento do pensamento crítico e criativo;
- aquisição de competências cognitivas superiores e estratégias cognitivas de nível elevado;
- desenvolvimento de uma linguagem mais elaborada nos debates e na troca de informação entre os grupos.

B – Efeitos da aprendizagem cooperativa ao nível das competências sociais:

- aumento da auto-estima e valorização pessoal;
- aumento do interesse e da motivação induzida pelos processos interpessoais criados dentro do grupo.
- aumento das expectativas futuras que têm por base a valorização das capacidades e esforços apresentados;
- desenvolvimento de uma comunicação eficaz e positiva;
- desenvolvimento da responsabilidade individual perante o grupo e a sua própria aprendizagem;
- integração dos alunos com dificuldades de aprendizagem.

Relativamente ao professor, Fraile (1998) considera que a aprendizagem cooperativa ao promover uma aprendizagem activa, desenvolve a auto-estima e as relações interpessoais, permite atingir com maior facilidade e, simultaneamente, os objectivos propostos quer a nível cognitivo, quer a nível pessoal e social. Deste modo o professor assume um papel de facilitador, incentivador e observador, tendo um papel mais flexível dentro da sala.

O autor acima referido salienta ainda que a aprendizagem cooperativa por vezes pode não ser alcançável quando existem alunos que ao terem níveis de aprendizagem diferentes se desmotivam durante este processo ou o professor não se sentir suficientemente preparado e motivado para aplicar este método.

Arends (2001) apresenta alguns dos métodos da aprendizagem cooperativa:

As Student Team Achievement Divisions (STAD): Neste método os alunos são divididos por grupos de quatro ou cinco elementos, sendo distribuído por grupo os

instrumentos de estudo. Posteriormente os alunos estudam a matéria ajudando-se mutuamente, fazendo perguntas e debates entre si.

Ao final de algumas semanas realizam-se testes individuais, sendo recompensados aqueles que obtêm melhores resultados.

Jigsaw: Os alunos são distribuídos por grupos heterogéneos, com cinco ou seis elementos. Em cada grupo é eleito um líder de grupo que organiza e auxilia os seus elementos, nomeadamente resolvendo conflitos e servindo de moderador de comportamentos sociais e académicos.

É distribuído por cada grupo o material de estudo que têm de aprender. De seguida, cada elemento escolhe uma parte para aprender, juntando-se a outros elementos pertencentes aos grupos existentes na sala que escolheram a mesma parte do trabalho.

Após a discussão de ideias os elementos voltam ao seu grupo inicial e cada um expõe aquilo que aprendeu.

Investigação de grupo: É considerado o método da aprendizagem cooperativa. Neste o professor coloca uma temática à turma, cabendo aos alunos a decisão de como abordar o assunto em questão.

O grupo distribui uma tarefa para cada elemento para realizar individualmente. No final desta etapa os alunos deverão seleccionar o material recolhido, discuti-lo e apresentá-lo à turma colectivamente.

O docente neste método desempenha um papel facilitador do trabalho dos alunos, ajudando a manter as normas de conduta cooperativa.

Mir et all (1998) consideram que as principais dificuldades na implementação da aprendizagem cooperativa se deve ao facto de os professores quererem apenas cumprir os programas curriculares sem a utilização de novas metodologias, de quererem alcançar resultados positivos a curto prazo e por último, a implementação do método da aprendizagem cooperativa pode ser afectado pela idade, interesse e o meio em que os alunos se inserem.

Nas estruturas educativas inclusivas, todos os intervenientes nos processos educativos dos alunos (professores, auxiliares, órgãos de gestão e pares) trabalham em conjunto para aprender e ensinar, proporcionando a cada aluno experiências de aprendizagem adequadas, uma vez que aceitam e respeitam cada elemento da comunidade educativa (Morgado, 2003).

1.3 – Síndrome de Pelizaeus Merzbacher

A Síndrome de Pelizaeus Merzbacher é uma doença degenerativa grave no Sistema Nervoso Simpático (SNS) que ainda é pouco abordada pelos autores.

O nome desta patologia deve-se ao neurologista alemão Pelizaeus Friedrich (1850 – 1917) e ao psiquiatra Ludwig Merzbacher (1875 – 1942) que estudam a doença em 1885 e 1942 respectivamente (United Leukodystrophy Foundation, 2001)

Para Garben (2006) esta doença caracteriza-se por ser uma desordem neurológica que envolve a perda de mielina (bainha que envolve os nervos do cérebro). As características desta doença são nistagmus (oscilação dos olhos), desenvolvimento motor comprometido, tremor e espasticidade progressiva (aumento do tônus muscular), ataxia, dismetria e dificuldades a nível motor. A taxa de ocorrência é de 1 caso por 500.00 pessoas.

Segundo o autor acima referido a síndrome de Pelizaeus Merzbacher ocorre devido à mutação do gene PLP, que se encontra no cromossoma X. Manifesta-se com maior incidência nos indivíduos do sexo masculino, embora se possa manifestar em ambos os sexos. Os indivíduos do sexo feminino podem ser portadores deste gene, mesmo que este não se tenha manifestado.

A síndrome de Pelizaeus Merzbacher surge na idade neonatal ou nos primeiros anos de vida, ocorrendo um agravamento da espasticidade e a ataxia à medida que aumenta a idade do indivíduo (United Leukodystrophy Foundation, 2001)

Na perspectiva de Garben (2006) existem três tipos que se podem manifestar nesta doença:

- Tipo severo – é fatal durante a primeira década de vida do indivíduo devido à ocorrência de complicações respiratórias;
- Tipo clássico – com as condições necessárias os indivíduos poderão sobreviver até à sexta década de vida;
- Tipos espástico de paraplégia – têm uma esperança de vida normal.

A síndrome de Pelizaeus Merzbacher é uma desordem neurológica que envolve perda de mielina e caracteriza-se pela existência de sintomas como nistagmus, dificuldades motoras, tremor e espasticidade (Garben, 2006).

Sendo a mielina uma substância que protege o cérebro e que permite a condução dos impulsos a todo o corpo, a sua falta provoca alguns distúrbios motores (Ekman, 2000)

Como a síndrome de Pelizaeus Merzbacher se encontra relacionada com o sistema nervoso podem ocorrer algumas alterações a nível motor, afectando assim as actividades do quotidiano das crianças (United Leukodystrophy Foundation, 2001).

Para atenuar algumas disfunções a nível motor os doentes são acompanhados por vários especialistas, tais como fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais (Geralis, Foltz, DeGangi & Lewis, 2007)

Segundo os autores acima citados os fisioterapeutas realizam exercícios especiais de estimulação e manipulação que ajudam as crianças a adquirir algumas habilidades motoras.

Burns e Macdonald (1999) revelam que a fisioterapia melhora a capacidade funcional da criança, normalizando-a o mais possível. É feito também um tratamento que proporciona estímulos sensoriais que visam à obtenção de respostas a esses estímulos por parte do doente.

1.4 – Estratégias de Intervenção

Para a Pelizaeus Merzbacher Disease Foundation (2010) não existe um padrão de tratamento e intervenção das pessoas que sofrem desta síndrome. O tratamento baseia-se em medicamentos para as convulsões e rigidez ou espasticidade.

Nielsen (1999) defende que a aprendizagem da criança que apresenta algum tipo de deficiência mental possui um ritmo de desenvolvimento mais lento que o das outras crianças pelo que é necessário que os serviços educacionais sejam adequados o mais cedo possível para estas crianças.

Segundo o autor acima referido estas crianças possuem alguns problemas na memória a curto prazo, logo o processo de aquisição de competências é mais demorado.

“É necessário repetir continuamente o que foi ensinado, uma vez que estas crianças podem ter dificuldades em recordar o que lhes havia sido transmitido no dia anterior. São frequentemente incapazes de proceder a generalizações, a partir das suas experiências de aprendizagem” (Nielsen, 1999, p. 50).

Para Luckasson et al (1992, citado por Correia, 2008) os indivíduos com deficiência mental manifestam limitações em duas ou mais áreas de capacidades adaptativas: comunicação, cuidados pessoais, autonomia, entre outras.

Nielsen (1999) refere que ao nível da aprendizagem os professores devem definir objectivos que vão de encontro à realidade destes alunos, recorrendo a técnicas de manipulação de objectos concretos e a actividades faseadas para que possam ser repetidas as vezes que o aluno necessitar, com o objectivo das suas aprendizagens serem feitas numa ambiência inclusiva.

Na perspectiva de Correia (2008) é fundamental que se procedem, por parte do professor, a algumas adaptações ao nível do currículo no caso de crianças em situação de NEE :

“ ... o professor do ensino regular deve estar constantemente a recolher informação sobre determinada criança que venha a permitir-lhe não só elaborar programas educacionais consonantes com as suas capacidades (áreas fortes) e necessidades (áreas fracas), mas também que lhe possa proporcionar indicadores sobre o atingir de objectivos propostos e mudanças comportamentais pretendidas” (Correia, 2008, p. 58).

Fierro (1994) defende que nas situações de NEE as adaptações curriculares alteram o currículo académico e os métodos de forma ao aluno poder adquirir competências básicas cognitivas, de autonomia e competência social.

Ruiz e Pereja (2002) defendem que nem todos os alunos desenvolvem os objectivos e conteúdos da mesma forma, porém todos trabalham em função das suas capacidades, expectativas e estilos de aprendizagem. Alguns necessitam de determinadas estratégias de ensino que se adequem às suas necessidades específicas.

Consideram-se algumas dessas estratégias as adaptações curriculares que levam em consideração a individualidade do aluno.

As adaptações curriculares têm como pressupostos agir perante as dificuldades dos alunos. Não se trata de um novo currículo, mas de um currículo que possa ser alterado perante as necessidades de cada aluno. Estas implicam uma planificação que defina o que o aluno deve como e quando aprender, quais as estratégias a aplicar no processo de aprendizagem e como será a avaliação (Brasil, 1998).

Para Vieira e Pereira (1996) o currículo deve de estar de adaptado de modo a que o aluno desenvolva aptidões para a sua vida activa e autonomia.

“... os objectivos estratégicos do currículo, podemos dizer que este deverá: permitir ao aluno o máximo de desenvolvimento pessoal nas suas vertentes individual e social, respeitando o direito à diferença e incidir nos aspectos físicos, afectivos e intelectuais, de forma global, em cada momento evolutivo e em função dos diferentes contextos vivenciais” (Vieira & Pereira, 1996,p. 57)

Desta forma as actividades educacionais deverão ir de encontro às capacidades, aptidões e interesses dos alunos e não apenas como grau académico, mas com base em toda a sua vida (Correia, 2008).

“ O individuo com Necessidades Educativas Especiais, quando estimulado, encorajado e aceite no âmbito social do qual participa consegue, certamente, atingir resultados progressivos no processo ensino – aprendizagem. Para estimular, faz-se necessário conhecer a deficiência, garantindo, assim, sucesso em sua trajetória vigente e futura” (Hoffmann, Tafner & Fisher, 2003,p. 75)

Para Garben (2006) muitas das terapêuticas aplicadas aos alunos com síndrome de Pelizaeus Merzbacher são muito semelhantes às aplicadas em alunos que sofrem de Paralisia Cerebral no estado menos complexo.

Neste sentido é importante referenciar algumas formas de aprendizagem dos alunos com Paralisia Cerebral e consequentemente as estratégias de intervenção aplicadas nestes casos.

Hoffmann, Tafner e Fisher (2003) referem que em alguns casos de Paralisia Cerebral os alunos apresentam inteligência normal e sentem dificuldades ao nível académico, mas com treino é possível modificar determinadas características da sua condição física e tornar os alunos mais autónomos.

De acordo com Basil (1994) se a fisioterapia e a educação forem trabalhadas com auxílios pedagógicos adequados podem levar a que os docentes destas crianças tenham, pelo menos, como principal objectivo que os seus alunos se desenvolvam o máximo que as suas capacidades o permitam, tornando-se assim mais independentes.

A autora acima referida sustenta que é importante que o professor estimule a criança, procurando suprimir as suas dificuldades criando oportunidades de experimentação e vivências que devem ir ao encontro do meio onde esta se insere.

Segundo Capelli (2004) as estratégias de aprendizagem devem depender das necessidades, características do aluno e recursos disponíveis.

Carvalho (2004) esclarece que algumas estratégias utilizadas pelo professor, para que sejam eliminadas certas barreiras e ocorra uma participação activa do aluno, é muitas vezes fruto da formação do professor e da sua criatividade. Desta forma é necessário que a escola se adapte quer fisicamente quer a nível dos recursos humanos perante a existência de alunos em situação de NEE.

Basil (1994) defende que o professor de um aluno com Paralisia Cerebral deve aproveitar ao máximo as potencialidades do aluno e analisar cuidadosamente as estratégias de intervenção educativas utilizadas para no final reflectir sobre a aplicação dos objectivos propostos e formas de alcançá-los.

Para Nilsen (1999) o professor deve iniciar a sua intervenção junto do aluno em situação de NEE seleccionando um aluno que assuma a função de “companheiro mais íntimo” (p.98) que auxilia esse aluno.

“ A escolha do professor deve recair sobre um aluno merecedor de confiança que não só proporcionará apoio mas que, muito mais importante, será também um companheiro” (Nilsen, 1999, p.98)

O autor acima citado aborda a importância do professor ter à disposição material adaptado ao aluno em situação de NEE, defendendo ,também, que este material deve estar disponível para que os seus colegas possam experimentá-lo com o objectivo de estes identificarem as dificuldades que o aluno sente.

Araújo e Manzini (2001) argumentam que a educação e aprendizagem do aluno com Paralisia Cerebral inclui recursos adequados às condições (físicas, motoras e cognitivas).

Basil (1994) menciona que uma das estratégias de intervenção que se aplica na aprendizagem destes alunos são os sistemas de comunicação aumentativa e alternativa.

Quando as limitações ocorrem ao nível motor, em que há uma dependência na mobilidade e /ou da comunicação, por vezes, originam graves problemas a nível do desenvolvimento e socialização. (Cordeiro, 2006)

O autor acima referido defende que uma das formas de diminuir essas dificuldades é a utilização de ajudas técnicas como recurso. Estes são quase indispensáveis para as pessoas com deficiência, uma vez que estes recursos são considerados como:

- substitutos dos sistemas de “*input*” e “*output*” nas pessoas em situação de necessidade especial;
- são um sistema alternativo de comunicação para as pessoas que apresentam dificuldades na fala;
- possibilitam às pessoas com deficiência um controlo do ambiente que as rodeia, tornando-se assim mais autónomos;
- permitem um acesso mais facilitado ao ensino e ao trabalho;
- muitas das vezes, é a única forma de contacto que estas pessoas têm com o exterior.

A Norma Internacional ISO 9999, citado por Damasceno e Filho (2006, p.26) define ajudas técnicas como:

“(…) qualquer produto, instrumento, estratégia, serviço e prática, utilizado por pessoas com deficiência e pessoas idosas, especialmente produzido ou geralmente disponível para prevenir, compensar, aliviar ou neutralizar uma deficiência, incapacidade ou desvantagem e melhorar a autonomia e a qualidade de vida dos indivíduos.”

No que diz respeito à educação das crianças com Paralisia Cerebral estas devem ser acompanhadas, o mais cedo possível, por professores especializados em educação especial e por profissionais da área de reabilitação como por exemplo: fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, terapeutas da fala, psicólogos, etc. pois deste modo a intervenção junto destas crianças possa contribuir para um melhor desenvolvimento e aprendizagem (Basil, 1994)

Alpino (2003 e Lauand, 2005 citado por Lima, 2008) consideram que no processo de inclusão da criança com paralisia cerebral a existência de um apoio especializado permite uma melhor adaptação e desempenho.

Giangreco (1997, citado por Rose, 2001, citado por Lima, 2008) através de um estudo sobre as condições para desenvolver práticas inclusivas no ensino regular indica que as condições existentes à prática da inclusão são o trabalho colaborativo, o envolvimento familiar e o bom relacionamento entre profissionais.

Para Argueles, Hugues e Schumm (2000 citado por Capellini, 2004) a existência de um trabalho de colaboração entre o professor do ensino regular e o professor de educação especial é fundamental para o aluno em situação de NEE.

Esta informação vai de encontro com Zanata (2004 citado por Capellini, 2004) que defende que para a inclusão da criança em situação de NEE é imprescindível que ocorra um trabalho colaborativo entre os docentes.

Wood (1998) afirma que a colaboração entre os agentes educativos tem sido vista como responsável pelo sucesso da inclusão.

Para além do ensino colaborativo a aprendizagem cooperativa poderá ser adoptada como estratégia de ensino. Para Ruiz e Pereja (2002) esta estratégia consiste em realizar trabalhos de projecto com toda a turma que poderão partir dos interesses específicos de cada um, com o intuito de alcançarem um objectivo em comum.

A mesma autora refere que a utilização de recursos ergonómicos (adaptações do meio físico) possibilitam que as crianças tenham posturas corporais adequadas, facilitam o acesso aos mobiliários e outros locais da escola, e auxiliam nas funções que exigem coordenação motora e comunicação.

Um dos recursos de adaptação utilizados e têm como finalidade auxiliar na comunicação são as Tecnologias de Apoio, que possuem mecanismos que facilitam a expressão e a comunicação.

Quando o aluno com Paralisia Cerebral. apresenta problemas motores acentuados que impossibilitam a realização de gestos manuais, é comum a utilização destes sistemas.

Estes são escolhidos individualmente de acordo com as necessidades de cada um e o desenvolvimento cognitivo até então alcançado (Tetzchner & Martisen, 2000)

Para que as tecnologias de apoio possam ajudar a diminuir a diferença existente entre as incapacidades das pessoas portadoras de deficiência e o contexto onde se inserem, elas podem actuar:

“a) quer a nível do indivíduo, aumentando as suas capacidades funcionais (ex, uma cadeira de rodas que ajuda a aumentar a mobilidade de um utilizador, ou seja, a sua capacidade funcional para se mobilizar autonomamente);

b) quer a nível do contexto, diminuindo as solicitações ou as exigências desse contexto em relação às pessoas portadoras de deficiência (ex., uma rampa para facilitar a mobilidade dos utilizadores, um elevador,etc.)” (Azevedo, 2005, p. 4)

A utilização das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) também são um forte auxiliar na aprendizagem das crianças em situação de NEE.

Na perspectiva de Basil (1994) muitas das inovações a nível de hardware e programas informáticos tornam as pessoas com problemas motores ou com problemas sensoriais mais autónomas, contribuindo para que estes instrumentos sejam mais úteis e cómodos para todos os usuários.

Para Amante (1997) a utilização das TIC ajudam a criança ao nível do desenvolvimento da linguagem, pois através dos jogos as crianças são encorajadas a utilizar a linguagem. Também auxiliam ao nível do desenvolvimento do pensamento matemático e conhecimento do mundo.

“As TIC possibilitam dar resposta, de forma rápida, à grande curiosidade das crianças, permitindo abrir a porta da sala de actividades a todo um leque de conhecimentos que, integrando no conjunto do trabalho desenvolvido, pode contribuir para uma visão mais ampla e para uma melhor compreensão do mundo” (Amante, 1997, p.52)

As ajudas técnicas podem ser utilizadas em diversos contextos: casa, escola, trabalho, comunidade, servem para todas as pessoas e em qualquer momento da sua vida. (Cordeiro, 2006)

As tecnologias de apoio ou ajudas técnicas ajudam a diminuir as barreiras existentes entre as dificuldades das pessoas com deficiência e o seu contexto, actuando nos domínios da mobilidade, comunicação, manipulação e orientação. (Azevedo, 2005)

Para Basil (1994) as ajudas técnicas devem adaptar-se às potencialidades do aluno, devem permitir diversas opções de utilização e ainda ser resistentes e fáceis de transportar.

Entre as diversas ajudas técnicas existentes, fazem parte também as ajudas técnicas para a comunicação aumentativa.

A comunicação aumentativa e alternativa insere-se numa perspectiva transdisciplinar, na medida em que comporta um grande conjunto de elaborações teóricas, de sistemas de signos, ajudas técnicas e estratégias de intervenção, com o objectivo de ajudar as pessoas com dificuldades ao nível da fala. (Tetzchner & Martisen, 2000)

Para Azevedo (2005) a fala é o meio de comunicação mais utilizado pelas pessoas e é uma forma de interacção social. Quando impedidas de a utilizar devem recorrer a um Sistema de Comunicação Alternativo e Aumentativo de modo a facilitar a comunicação, substituindo a fala.

“A comunicação aumentativa significa comunicação complementar ou de apoio. A palavra “aumentativa” sublinha o facto de o ensino de formas alternativas de comunicação ter um duplo objectivo: promover e apoiar a fala e garantir uma forma de comunicação alternativas se a pessoa não aprender a falar.” (Tetzchner & Martisen, 2000, p. 22)

Segundo os mesmos autores, existem quatro formas de comunicação:

- comunicação com ajuda : todas as formas de comunicação exigem a utilização de suportes exteriores (exemplo: tabelas de comunicação, digitalizadores de fala, entre outros);
- comunicação sem ajuda: quem utiliza este tipo de ajuda cria as suas próprias expressões de linguagem (exemplo: gestos);
- comunicação dependente: a pessoa para comunicar necessita sempre de alguém para o fazer;
- comunicação independente: a mensagem a transmitir é totalmente orientada e produzida pelo indivíduo, sem o auxílio de outros.

Nesta perspectiva Azevedo (2005) remete-nos apenas para duas formas de comunicação: a comunicação com ajuda e a comunicação sem ajuda. O autor defende que na “comunicação com ajuda o utilizador recorre sempre a algum instrumento exterior ao seu corpo para comunicar aquilo que pretende, em oposição aos sistemas sem ajuda em que o corpo de quem comunica é o veículo transmissor que se pretende comunicar” (Azevedo, 2005, p.5)

Para Ponte e Azevedo (2003) todas as pessoas utilizam técnicas aumentativas, como por exemplo, o sorriso e as expressões faciais. No entanto, existem pessoas que necessitam de outras técnicas para poder comunicar. São exemplo dessas técnicas os sistemas gráficos para a comunicação.

Azevedo (2005) afirma que estes sistemas foram desenvolvidos nos anos 70, no Canadá e Estados Unidos, com o objectivo de auxiliar as pessoas com problemas neuromotores graves a comunicar.

Refere ainda que em Portugal estes sistemas surgem nas décadas de 80 e 90, adaptados à Língua Portuguesa, entre eles encontramos: O sistema Bliss, o PIC e o SPC.

Sistema Bliss

Downing (1973) citado por Tetzchner e Martisen (2000, p. 24) designa o sistema Bliss como “um conjunto de signos gráficos que não se baseiam em combinações de letras.”

É formado por 100 signos básicos que se combinam para formar novas palavras que não contém símbolos. O sistema dispõe de estratégias gráficas para introduzir partículas e alterações, o que ultrapassa a comunicação telegráfica.

Para os autores acima referidos, este é ainda adequado a pessoas que têm potencial para desenvolver um vasto vocabulário, mesmo que não consigam escrever.

Sistema PIC (Pictogram Ideogram Communication)

O sistema PIC é definido por Tetzchner e Martisen (2000, p.24) como “um sistema composto por desenhos de cor branca sobre um fundo negro, as palavras vêm escritas por cima do desenho, também a cor branca”.

Ferreira, Ponte e Azevedo (1999) indicam que os símbolos são referentes a objectos ou situações possíveis de esquematizar e estão agrupados por temas: pessoas, partes do corpo, vestuário e utensílios pessoais, casa, casa de banho e alimentação.

Os autores Tetzchner e Martisen (2000) referem que este sistema é mais fácil de perceber, em relação ao Bliss, no entanto, salientam a existência de algumas desvantagens:

- sistema pouco acessível para formar novos símbolos;
- dificuldade em desenhar e combinar símbolos entre si.

Sistema SPC (Símbolos Pictográficos para a Comunicação)

O sistema SPC é um dos sistemas de comunicação que está traduzido em diversos países do mundo, entre os quais Portugal. (Azevedo, 2005)

Neste sistema é frequente a utilização de vários programas para o computador que permitem a construção de materiais que permitem a comunicação das pessoas com problemas ao nível da fala, entre eles podemos encontrar o *Boardmaker*.

O SPC é composto por símbolos, os quais fazem parte desenhos de linhas simples e delineados a cor preta, sobre um fundo branco, cuja palavra se encontra escrita por cima do desenho.

Tetzchner e Martisen (2000) referem que estes símbolos se encontram agrupados em 6 categorias distintas e estruturadas com base na Chave de Fitzgerald. Esta é composta por um código de cores das diferentes categorias com o objectivo de ordenar os símbolos de modo a compreender melhor a importância da ordem das palavras da frase. (Ponte & Azevedo, 2003)

Para os mesmos autores, a Chave de Fitzgerald organiza-se do seguinte modo:

- pessoas – amarelo;
- acções – verde;
- adjectivos – azul;
- substantivos – laranja;
- sociais – rosa;
- diversos – sem cor

Este sistema para os autores Tetzchner e Martisen (2000) tem a vantagem dos símbolos serem fáceis de desenhar, copiar manualmente, fotocopiar e trabalhar as imagens e o texto à medida que se necessita.

Azevedo (2005) refere ainda que para além dos sistemas de comunicação existem ainda outras tecnologias de apoio à Comunicação Aumentativa e Alternativa, são exemplo: digitalizadores da fala, teclados de conceitos, dispositivos apontadores, programa Grid, entre outros.

Segundo Tetzchner e Martisen (2000) estas tecnologias podem ser manipuladas através de selecção directa, em que as pessoas seleccionam as suas próprias escolhas indicando aquilo que querem com o recurso a uma parte do corpo que lhes permita seleccionar: o dedo, a cabeça, o pé, o olhar ou por varrimento automático ou dirigido.

“Para uma pessoa que utilize signos gráficos poder escrever num computador, deve existir um programa disponível que permita o uso dos signos gráficos e que, além disso, se adapte ao conjunto das suas necessidades e capacidades” (Tetzchner & Martisen, 2000, p. 45).

O Decreto – Lei nº 3/ 2008, de 7 de Janeiro, refere-se às tecnologias de apoio como um conjunto de equipamentos e objectos que têm como função compensar algumas limitações funcionais e facilitar a autonomia dos alunos em situação de NEE (Ministério da Educação, 2008).

Assim, as tecnologias de apoio podem ser utilizadas nas diversas áreas: “cuidados pessoais e de higiene; mobilidade; adaptações para mobiliário e espaço físico; comunicação, informação e sinalização; recreação” (Ministério da Educação, 2008, p. 38).

A Comunicação Aumentativa e as Tecnologias de Apoio auxiliam muito as pessoas com deficiência, muitas das vezes, só desta forma é que estas têm oportunidade de comunicar, no entanto, para que estas tecnologias sejam aplicadas com sucesso é necessário que haja uma boa avaliação do doente e uma formação e informação adequada de todos, desde o utilizador, os terapeutas, familiares e todos aqueles que pertencem ao contexto do utilizador final (Azevedo, 2005).

2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

2.1- Caracterização do projecto

O projecto elaborado é um projecto de investigação – acção que visa identificar, recolher dados e elaborar possíveis soluções para a mudança de uma problemática.

O projecto de intervenção – acção pode ser descrito como:

“um procedimento in loco, com vista a lidar com um problema concreto localizado numa situação imediata (...) controlado passo a passo (...) durante períodos de tempo variáveis, através de diversos mecanismos (...), de modo que os resultados subsequentes possam ser traduzidos em modificações, ajustamentos, mudanças de direcção, redefinições, de acordo com as necessidades, de modo a trazer vantagens duradouras ao próprio processo em curso” (Bell, 1993, p. 20).

Para o autor acima referido a investigação – acção tem que ser planeada como qualquer outra investigação, dependendo dos métodos de investigação seleccionados:

“Os investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles. Realizam medições com a ajuda de técnicas científicas que conduzam a conclusões quantificadas e, se possível, generalizáveis. Os investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística. Duvidam da existência de factos “sociais” e põem em questão a abordagem “científica” quando se trata de estudar seres humanos (Bell, 1993, p. 20).

Na perspectiva de Bogdan e Biklen (1994) a investigação - acção, situada dentro da investigação qualitativa, envolve um estudo activo, empenhado, sistemático, uma participação constante do investigador no próprio local da investigação e uma associação directa e sistemática entre a acção, a reflexão e a mudança, a partir do registo escrito de todos os dados recolhidos e dos seus valores. Entendem que este método compreende “uma atitude prática, centrada nas inquietações do investigador e é usada como um instrumento de mudança social, que consiste na recolha de informações sistemáticas, com o objectivo de promover mudanças sociais” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 292).

Nesta linha de pensamento, Patton (1980) defende que os métodos qualitativos possibilitam ao investigador fazer um trabalho de campo sem estar restringido a categorias já determinadas e, tornar a pesquisa mais profunda, aberta e pormenorizada.

Cohen e Manion (1994, p. 271) referem que o modelo de investigação - acção incide na resolução de problemas específicos, “sempre que queremos um conhecimento específico para um problema específico, numa situação específica”

Segundo estes, este método, como método empírico, reúne, partilha, estuda, regista, reflecte, avalia e actua sobre a informação recolhida, através do registo, das observações e da análise de comportamentos e atitudes. Constitui, nesta sequência, a base das revisões, que levaram à melhoria e ao progresso da situação, que se pretende alterar.

Desta forma, o presente trabalho de investigação – acção é um trabalho constituído por métodos quantitativos que permitem uma investigação mais pormenorizada de toda a situação que envolve a problemática. Estes métodos permitem ainda que haja uma participação directa que possibilitem retirar o máximo de dados possíveis para proceder a uma mudança.

Nesta investigação decidi usar métodos como a entrevista, a sociometria, a observação naturalista e a pesquisa documental com o objectivo de conhecer os alunos de uma turma que tem uma criança em situação de NEE, assim como compreender melhor as relações existentes entre o grupo, para assim formular hipóteses que visem à resolução da problemática em questão.

Outro motivo, deveu-se ao facto de ser um método que se adequa a uma reflexão profunda e multifacetada (Kemmis, 1988), que permite um diálogo ao longo da pesquisa, que faz uma avaliação formativa dos processos (Stenhouse, 1987), que interage constantemente entre o investigador e os sujeitos da amostra, que admite a realização de correcções no decurso da investigação. É um método que mesmo depois de se colocar em prática nos permite questionar e fazer reformulações sempre que necessário pois reflectimos sempre antes e depois da acção. (Elliott, 1994)

O trabalho de projecto tem assim duas componentes: a componente teórica e a componente prática. Na componente teórica foi feito um levantamento dos dados e caracteriza-se toda a situação problema para sabermos no que realmente incidiu a nossa investigação – acção.

Feita a recolha e análise de dados empíricos foi possível começar a componente prática.

A componente prática incidiu numa turma de 1º ano de escolaridade, com crianças com idades compreendidas entre os seis e os sete anos de idade e que tinha na sua turma uma criança em situação de NEE.

As minhas intervenções foram feitas, uma vez por semana, com toda a turma com vista a incluir o aluno em situação de NEE nestas mesmas actividades e com o objectivo de potencializar as suas aprendizagens. Foi feita uma planificação semanal das actividades a serem realizadas, assim como os objectivos a serem atingidos, de acordo essencialmente com as planificações e objectivos traçados pela professora titular da turma.

2.2- Técnicas e instrumentos de pesquisa de dados

2.2.1 – Pesquisa documental

A pesquisa documental tem como finalidade a recolha de dados bibliográficos que correspondem à problemática em questão.

Esta assemelha-se à pesquisa bibliográfica, no entanto a diferença entre as duas está nas fontes utilizadas. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utilizam fontes escritas e referenciadas com diversos autores, como por exemplo livros, artigos de jornais e revistas e documentos impressos, a pesquisa documental utiliza materiais que muitas das vezes ainda não receberam nenhuma análise por parte desses autores (Albarelló, Digneffe, Hiernaux, et al, 1997).

Na perspectiva dos autores acima referenciados as fontes da pesquisa documental podem ser:

- Objectos e vestígios materiais – como por exemplo, vestuário, brinquedos, moedas, entre outros;
- Imagens – desenhos, mapas, pinturas, etc;
- Fontes não registadas – testemunhos de pessoas;
- Material audiovisual – fotografias, filmes, dispositivos, vídeos, etc.
- Fontes escritas oficiais e não oficiais – relatórios, documentos escritos, jornais, livros.

Nesta perspectiva para a planificação deste projecto foi necessário recorrer a dois tipos de pesquisa: documental e bibliográfica.

Para a pesquisa documental foram considerados os relatórios da avaliação escolar da criança em estudo, o Projecto Curricular de Turma e de Escola.

Em termos de pesquisa bibliográfica são consideradas as pesquisas feitas que implicassem a opinião de autores.

2.2.2- Entrevista

Para Ghiglione e Matalon (1993, p. 90) a entrevista é uma “ técnica de recolha de dados que é definida de diversas formas por diferentes autores, deste modo poder-se-á definir entrevista como uma breve conversa com vista a um objectivo”.

Para Estrela (1994) a entrevista tem como intuito a recolha de dados de opinião que forneçam detalhes sobre a investigação em percurso assim como dos intervenientes que fazem parte do estudo.

A entrevista tem como finalidade revelar alguns fundamentos da investigação servindo de complemento à base teórica do tema em estudo (Quivy & Campenhoudt, 1992).

Para a realização deste trabalho foi utilizada a entrevista semi – directiva. Uma definição sintética e limitada deste tipo de entrevista descreve-a como sendo o tipo de entrevista que está entre a não estruturada e a estruturada, no sentido de que não é estruturada mas tem estrutura, de que tem questões pré-definidas mas também questões que são construídas de maneira a serem “abertas”, a não deixarem pré-estruturar as questões seguintes.

Para Ghiglione e Matalon (1993, p. 92) “na entrevista semi – directiva existe um esquema de entrevista (grelhas de temas, por exemplo)”. Na linha do mesmo autor este tipo de entrevista permite que os temas sejam alterados consoante o rumo da conversa, ou seja não têm que seguir obrigatoriamente uma ordem.

Deste modo o entrevistador deve propor o tema ao entrevistado, no entanto deve deixar fluir a conversa até que esta acabará por se tornar numa entrevista de tema livre.

Escolhi este tipo de entrevista por ser uma entrevista que possibilitasse a mudança de questões se assim se proporcionasse de modo a recolher todas as informações que o entrevistado me pudesse fornecer, e também que tivesse como linha orientadora um guião que servisse de auxílio, contendo perguntas pré – definidas que poderiam ser modificadas a qualquer momento mediante o rumo da conversa. Deste modo eu ou qualquer uma das entrevistadas poderíamos modificar as questões em qualquer altura da entrevista e retomar novamente, se assim fosse.

2.2.3 – Observação Naturalista

A observação naturalista é, segundo Estrela (1994, p. 49), "uma forma de observação sistematizada, realizada em meio natural e utilizada desde o século XIX na descrição e quantificação de comportamentos do homem e de outros animais".

O autor refere ainda o facto de as primeiras observações naturalistas terem sido feita por Darwin.

A posição do observador é distanciada e pretende-se proceder a um registo exaustivo e continuado de dados observáveis, "passível de uma análise rigorosa", (Estrela, 1994, p. 49). O observador, por um lado, descreve objectivamente a situação e o comportamento e, por outro, tenta interpretar, através da inferenciação de possíveis conexões entre a situação e o comportamento, tomando a situação como ponto de partida.

2.3.4. Sociometria

Os testes sociométricos, de acordo com Northman e Weld (1999) servem essencialmente para detectar as relações ou não, existentes entre as crianças no seio de um grupo. Na perspectiva destes autores “Os testes sociométricos dão muitas indicações acerca da estrutura social dos grupos e das relações sociais que existem entre as crianças a que eles pertencem. Eles localizam as crianças isoladas e as que são muito populares... se foram repetidos, passado algum tempo mostram se esses factos sofreram alterações durante esse intervalo” (1999, p. 65)

Estrela completa essa ideia afirmando:

“A estrutura real de um grupo é determinada pelas relações de afinidade e não afinidade, que existem entre os seus diversos elementos, os testes sociométricos permitem em pequenos grupos, poucos organizados, captar de modo fácil as relações espontâneas, destacando, ainda, a posição de cada indivíduo no grupo, em função dessas relações” (1994, p. 367)

Com estes testes também se pode conhecer melhor as relações entre rapazes e raparigas e entre o grupo como um todo. Também se consegue averiguar quais os líderes dentro do grupo, ou seja os elementos mais influentes.

Para o autor acima referido (1994) existem algumas condições para a realização destes testes, nomeadamente:

- Deverá conhecer-se previamente o grupo para fazer uma adaptação do teste consoante as suas características;
- Antes de aplicar o teste deverá haver uma explicação prévia de como este se processa e as condições para o seu preenchimento (confidencial nas respostas e com sinceridade);
- Se possível, o professor deverá ausentar-se no momento da realização do teste.

2.4- Procedimentos para a recolha e a análise de dados

2.4.1- Pesquisa documental

Na pesquisa documental foram reunidos todos os documentos que na minha opinião eram pertinentes para a recolha de dados porque continham informações acerca do aluno e dos contextos em que se encontra.

Os documentos desta pesquisa são constituídos por relatórios, projectos curriculares de turma e de escola foram utilizados para completar alguns dados da caracterização da situação a intervir.

2.4.2- Entrevista

As entrevistas foram feitas com base num guião previamente elaborado, que continha as perguntas pré – elaboradas, objectivos, os tópicos a serem abordados e as observações em relação ao entrevistado.

As entrevistas não foram realizadas no mesmo dia, devido à incompatibilidade de horários para as realizar nos mesmos dias, porém foram feitas individualmente, na sala de professores depois das aulas terminarem e gravadas com o consentimento das docentes.

Antes de iniciar cada entrevista pedi autorização para gravar a conversa e expliquei, também, que estas informações serviriam só para obter dados e que iriam ser confidenciais.

Findas as entrevistas procedi à transcrição de cada uma, sendo o mais fiel possível e elaborei uma grelha de análise onde fui registando as orações pertinentes de cada resposta, dividindo por diferentes cores consoante cada categoria.

Terminado o preenchimento da grelha procedi à sua análise, analisando os tópicos presentes na grelha e construindo o respectivo texto de análise. (Ver anexos II a V)

2.4.3- Observação Naturalista

A observação foi feita à turma na segunda parte da manhã, ou seja, no período do intervalo até à saída para o almoço.

Quando as crianças entraram na sala já me encontrava num canto sentada numa cadeira, numa posição que me permitia ver todos os elementos presentes na sala.

Dei início ao registo da observação quando as crianças entraram na sala, seguidas da professora. No início as crianças mostraram-se pouco à vontade com a situação mas com o decorrer da aula parecia que se tinha abstraído da minha presença.

À medida que ia fazendo o registo também controlava o tempo para que pudesse ter contabilizações de tempo mais ou menos de 5 minutos, com base na perspectiva de Estrela (1986).

Depois da observação feita elaborei uma grelha de registo das anotações que efectuei ao longo da observação, o Protocolo da Observação e procedi à sua análise construindo uma tabela de registo, e posterior explicação em texto. Também foi elaborada uma planta da sala e respectiva legenda. (Ver anexo VI)

2.4.4- Sociometria

A sociometria foi elaborada segundo o modelo de Estrela (1986), da sua obra foram retirados os modelos do questionário e das Sociomatrizes das Rejeições e das Escolhas.

O questionário continha três critérios: dois na sala de aula e um no recreio e foi feito dentro da sala de aula, no período final da manhã. (Ver anexo I)

Para realizar esta técnica com as crianças foi necessário adaptar ao contexto porque as crianças ainda não conseguiam escrever o nome de todos os seus colegas, e se fosse feito por estas poderia esse factor influenciar as escolhas. Desta forma, à medida que me aproximava de um aluno fazia-lhes as questões oralmente e registava a sua resposta por escrito.

Terminado o questionário analisei as respostas cuidadosamente e preenchi as Sociomatrizes com as respostas dos alunos.

Posteriormente elaborei um pequeno texto síntese dos dados obtidos nas Sociomatrizes para perceber melhor qual a dinâmica que existe na turma.

3- CARACTERIZAÇÃO CONTEXTUAL DA SITUAÇÃO - PROBLEMA

A situação problema ocorre numa turma do 1º ano de escolaridade na cidade de Portalegre que tem uma criança com uma doença degenerativa grave – Síndrome de Pelizaeus Merzbacher que a afecta a nível motor, coordenação global, motricidade fina e coordenação óculo – manual.

3.1- O contexto escolar

O contexto escolar é todo o espaço da escola onde os alunos efectuem as suas aprendizagens, comporta o espaço interior do edifício, assim como o espaço exterior. Corresponde também a este contexto os recursos humanos, a dinâmica educativa presente (as relações existentes entre alunos, docentes e não docentes da escola) e ainda as preocupações da escola face à dinamização de uma escola de sucesso de todos e para todos.

É de referir que a informação apresentada foi retirada dos instrumentos de recolha de dados: entrevistas, observação, sociometria e projectos curriculares de turma e de escola.

3.1.1- Espaço físico e logístico

Segundo o projecto curricular de turma e observação, esta escola pertence ao Agrupamento de Escolas nº 1 de Portalegre, está situada num dos bairros da cidade, o Bairro do Atalaião.

É um espaço amplo tanto no interior como no exterior, possui boas acessibilidades para pessoas em situação de deficiência, com rampas de acesso, corredores e portas largas que possibilitem a mobilidade em cadeira de rodas.

O espaço é constituído por 10 salas, entre elas salas de pré – escolar, salas de 1º ciclo, sala da professora de educação especial e a sala da Unidade de Ensino de Apoio Estruturado.

Existe ainda um refeitório para as crianças do pré – escolar, um ginásio, casas de banho para crianças e adulto, sala de professores e da directora, assim com a biblioteca.

No espaço exterior existem baloiços e escorregas para as crianças brincarem.

3.1.2- Recursos humanos

Consultando o projecto curricular de turma verifica-se que os recursos humanos existentes nesta escola são constituídos por 18 docentes (professores, educadoras de infância e professoras de educação especial), 8 auxiliares e 4 monitores das actividades extracurriculares (inglês, música, expressões, actividade física e motora e robótica).

3.1.3- Dinâmica educativa

Segundo os dados retirados das observações que fiz e da sociometria considera-se que existe bom relacionamento entre as crianças, embora haja alguma subdivisão de grupos, os rapazes preferem relacionar-se com os rapazes e as raparigas com os pares do mesmo sexo, mas no geral existe um bom relacionamento entre todos.

Os grupos de alunos mais “fortes” procuram ajudar sempre os mais “fracos” sempre que estes necessitam, embora devido à imaturidade própria da idade, também possam rir-se com os comentários ou acções dos colegas, no entanto nunca põem de parte um colega tanto nas brincadeiras como dentro da sala de aula.

São crianças que geralmente cumprem as regras estabelecidas pelos adultos da escola. Dentro da sala observa-se que os alunos têm um comportamento de disciplina e respeito pelas regras da sala, permanecem a silêncio e participam quando solicitados pela professora mas também colocam questões quando necessitam sem receios. No fim das suas actividades aguardam pela sua vez nos lugares para que a docente veja os seus trabalhos.

3.1.4- Preocupações explícitas subjacentes à escola inclusiva

No testemunho das entrevistadas a escola preocupa-se em responder a todas as dificuldades dos alunos, embora no caso do aluno João (nome fictício) ainda não tenha sido disponibilizado o computador que ele precisa para o auxiliar nas actividades dentro da sala, uma vez que seria uma forma do aluno fazer um acompanhamento das aprendizagens que estão a ser feitas pelos seus colegas.

Mas a escola promove acções em prol da igualdade de oportunidades para todos, nomeadamente a criação do acompanhamento ao estudo, duas vezes por semana depois das aulas, as actividades extracurriculares e a abertura da biblioteca escolar. Nesta são promovidas acções de sensibilização à literacia havendo, também a possibilidade de os alunos

requisitarem livros e materiais multimédia (cd's e dvd's), sendo esta uma forma de ajudar aqueles que não têm condições financeiras para adquirir estes materiais.

A existência da Unidade de Ensino de Apoio Estruturado é outra das formas de apoiar os alunos com determinada problemática. Na Unidade são atendidas não só crianças autistas mas também crianças que apresentem algum tipo de dificuldade. Quando chegam à Unidade são avaliadas e procede-se à construção de um plano de intervenção que é posteriormente aplicado. Este tem como objectivo ir ao encontro das necessidades de cada criança de modo a diminuir as suas dificuldades.

Outra preocupação da escola é promover reuniões frequentes entre docentes e encarregados de educação, para que estes possam ter conhecimento das dificuldades dos seus educandos e, em conjunto com os docentes, procurarem soluções que visem resolver algumas das dificuldades apresentadas pelas crianças.

No Projecto Educativo do Agrupamento, intitulado: educação para todos numa escola inclusiva, é feita referência aos alunos em situação de NEE. Em primeiro lugar o projecto educativo menciona a existência no Núcleo de Apoio Educativo – Serviço de Educação Especial que possui como papel fundamental avaliar e intervir directamente junto das problemáticas dos alunos em situação de NEE, fazendo uma análise das suas necessidades educativas, famílias e contextos sociais. Auxiliar os alunos a adquirir e desenvolver competências relacionais e técnicas específicas de modo a promover as suas aprendizagens de acordo com as necessidades de cada um.

O apoio aos alunos é feito pelas docentes de Educação Especial do Agrupamento, assim como pela equipa de Intervenção Precoce, no caso de alunos que frequentem o ensino pré – escolar.

Para ocorrer um aumento e diversificação das respostas sócio – educativas e terapêuticas dos alunos o agrupamento possui várias parcerias com organismos públicos e privados que prestam auxílio aos alunos, ajudando-os também a inserirem-se na comunidade onde vivem.

Com base na promoção de uma melhoria no acompanhamento dos alunos que se encontram em situação de NEE é fomentada formação para os docentes no domínio das tecnologias de informação e comunicação, como auxílio para a promoção de uma escola inclusiva e para a prevenção da violência em meio escolar.

Finalmente, o Projecto Educativo do Agrupamento refere-se à criação de um Gabinete de Orientação Escolar e Profissional (GOEP) que se destina ao encaminhamento e acompanhar para a vida activa dos alunos em situação de NEE.

3.2 – O grupo / a turma

A turma em questão encontra-se no 1º ano de escolaridade de uma escola da cidade de Portalegre e é considerada pela professora titular uma turma “viva”.

A identificação das características do grupo / a turma são feitas com base na caracterização estrutural, caracterização dinâmica, história compreensiva dos casos específicos existentes na turma, o seu percurso escolar e nível de competências.

Todas estas informações foram retiradas das entrevistas realizadas, assim como, da pesquisa documental e sociometria.

3.2.1- Caracterização estrutural

A caracterização estrutural é a apresentação dos dados gerais da turma, quem são e quantos são os alunos que a compõem.

É composta por vinte e quatro crianças, das quais nove são raparigas e quinze rapazes com idades compreendidas entre os seis e os sete anos de idade.

As crianças residem todas na cidade e provêm de um nível sócio – económico médio/alto: habitam em casa própria e têm acesso a televisão, computadores e internet.

Os pais destas crianças possuem habilitações literárias entre o ensino secundário e o ensino superior, sendo que a maioria das suas profissões são funcionários públicos (por exemplo professores e GNR).

A maior parte dos alunos não são filhos únicos, possui um ou mais irmãos. Todos frequentaram anteriormente o pré – escolar.

Os recursos humanos presentes na turma são a professora titular de turma e a professora de educação especial que está presente quando faz atendimento ao João.

3.2.2- Caracterização dinâmica

A caracterização dinâmica é traçada com base nos dados obtidos através da aplicação do teste sociométrico no início e no final da intervenção.

Existe um bom relacionamento entre a turma, apesar de se verificar a existência de alguma preferência na escolha de pares do mesmo sexo, na primeira aplicação do teste sociométrico, sendo que no segundo teste as escolhas dos alunos remeterem para alunos de ambos os sexos, tornando assim a turma num grupo heterogéneo em vez da divisão da turma em dois grupos, o grupo dos rapazes e o grupo das raparigas como inicialmente.

No que diz respeito às aprendizagens, existem alunos com algumas dificuldades mas com algum auxílio por parte da professora conseguem acompanhar as actividades que se desenvolvem, porém existem outros alunos com muita facilidade em aprender.

Poder – se – à considerar que a turma possui um bom nível de desempenho porque há alunos muito participativos que revelam interesse e desempenho, respondem correctamente às questões que lhe são feitas, terminam rapidamente os exercícios e de forma correcta.

O espaço da sala de aula está organizado para que todas as crianças visualizem o quadro, existem mesas dispostas em “U” e outras crianças sentam-se no meio dessas mesmas mesas, viradas para o quadro. Existe também um computador e uma impressora, para além das estantes e cacifos com materiais das crianças. (Ver anexo VII)

Ao longo das actividades na sala a professora explica para todas o que se pretende fazer e repete essa mesma explicação com frequência e tenta encorajar todos os alunos a participarem e a darem a sua opinião, elogiando – os quando acertam nas questões.

3.2.3 – Casos específicos da turma

Na turma está inserida uma criança com uma doença degenerativa grave denominada Síndrome de Pelizaeus Merzbacher que a afecta a nível motor, da coordenação global, motricidade fina e coordenação óculo – manual.

As informações seguidamente descritas provêm da pesquisa documental e das entrevistas efectuadas.

3.2.3.1- História compreensiva do aluno

O João tem sete anos e é do sexo masculino, apresenta um diagnóstico de síndrome de Palizaeus Merzbacher, doença degenerativa do Sistema Nervoso Simpático que lhe condiciona um agravamento progressivo.

O aluno apresenta uma marcada dificuldade motora: dificuldade a nível do controlo motor do membro superior com tremor: dismetria, hiperreflexia miótica, cutâneo plantar em extensão, disartia, nistagmus horizontal e dificuldades a nível cognitivo.

Não realiza marcha autónoma, mas consegue colocar-se de pé e fazer pequenos percursos com apoio, embora com alguma dificuldade.

O seu controlo motor, coordenação global e coordenação óculo – manuais estão comprometidos.

Actualmente o aluno desloca-se numa cadeira de rodas eléctrica.

O João apresenta graves dificuldades na motricidade fina, nomeadamente na coordenação óculo – manual, não consegue agarrar em objectos, impossibilitando-o de realizar actividades de escrita e pintura, por exemplo.

No que se refere à sua autonomia, o aluno faz controlo dos esfíncteres, embora para fazer as suas necessidades fisiológicas necessite de ajuda para se despir, sentar, vestir e lavar as mãos.

Apresenta um atraso cognitivo bem como uma falta de atenção e concentração nas actividades que lhe são dirigidas.

Socialmente é uma criança meiga e afectuosa com os adultos e com os seus pares, está quase sempre bem – disposta. É bem aceite por todos no seu ambiente escolar e social.

No entanto, por vezes necessita de muita atenção tornando-se um pouco possessivo. Quando exige muita atenção aos colegas, estes aborrecem-se e reagem negativamente deixando-o a chorar e a pensar que os colegas já não gosta de si.

O aluno vive com os seus pais e o seu irmão mais novo num ambiente estável. É muito acarinhado por todos.

Os pais estão ambos empregados e são pessoas participativas e ansiosas em relação à vida escolar do seu filho, perguntam como correu o dia na escola, se aconteceu alguma coisa menos boa e como vão as suas aprendizagens. O relacionamento entre pais e filho também parece ser de muito carinho e atenção, pois o aluno diz com frequência que os pais lhe dão muitos beijinhos.

Acompanham também o João às aulas de hipoterapia semanalmente.

3.2.3.2- Caracterização do percurso escolar

O aluno frequentou o ensino pré – escolar numa IPSS na cidade de Portalegre, permanecendo nessa instituição até ao presente ano lectivo quando ingressou no 1º ano de escolaridade.

Está inserido na turma mas também tem apoio pedagógico dentro e fora da sala, com a professora de educação especial e a fisioterapeuta. Frequenta ainda as sessões de hidroterapia, que se realiza uma vez por semana na piscina municipal de Portalegre.

Desloca-se também semanalmente ao Centro de Recursos de Tecnologias de Educação e Informação para a Educação Especial para aprender a manusear o programa “GRID2” com o intuito de facilitar a sua comunicação ao nível da escrita, embora ainda não tenha na escola disponível esse equipamento.

Dentro da sala de aula o aluno é auxiliado pela professora ou pelos colegas quando as tarefas a realizar exigem a escrita e / ou desenho. O João participa nas actividades essencialmente de forma oral, ou seja a professora faz perguntas e o aluno responde, participa nos jogos, ouve histórias e reconta-as. Quando as tarefas exigem o manuseamento de material de escrita o aluno aguarda que a professora ou um colega o ajude a realizar a actividade.

No recreio é acompanhado por uma auxiliar de acção educativa que o ajuda a comer e a fazer as suas necessidades. Antes da saída para o almoço esta também veste o aluno e leva-o para a carrinha que o transporta para o ATL onde faz a sua refeição, à tarde os pais deslocam-se à escola para o levar para casa.

3.2.3.3- Nível actual de competências

Segundo os testemunhos das entrevistadas, a pesquisa documental e a observação verifica-se que o aluno apresenta um atraso cognitivo e perceptivo bem como a falta de concentração e atenção durante longos períodos de tempo. Apresenta dificuldades ao nível do raciocínio lógico, representação e concepção de modelos espaciais.

Possui uma limitação na selecção de estímulos, focagem e fixação de dados. Tem dificuldade nos conceitos de quantidade, cálculo e raciocínio numérico, destreza manual e motricidade fina.

A dificuldade nas funções dos movimentos involuntários impende-o de realizar actividades que impliquem motricidade fina (pintar, desenhar, escrever), logo estas actividades são realizadas com o auxílio da professora ou colegas.

Devido às suas dificuldades o aluno tem medidas educativas, segundo o Decreto – Lei nº 3/ 2008, de 7 de Janeiro: medida E) Currículo Específico Individual e medida F) Tecnologias de Apoio.

4- PLANO DE ACÇÃO

4.1. Princípios Orientadores

Para elaborar o plano de acção foi necessário ter como referência o Perfil do Aluno já referido anteriormente. Este processo foi complementado através das técnicas de recolha e análise de dados (entrevistas, sociometria e observação), assim como de toda a pesquisa documental que me possibilitaram reflectir sobre as dificuldades deste aluno para assim traçar um modelo de intervenção.

Desta forma o plano de intervenção – acção foi feito numa perspectiva ecológica e de trabalho cooperativo, que visou enquadrar as actividades no meio em que a criança se insere e implicar desta forma todos os intervenientes na acção, neste caso os seus pares e professora pois fazem parte do seu contexto social.

A afirmação vai de encontro com os autores Lou Brown (1989), Sehba (1988) e outros citados por Vieira e Pereira (1996) que defendem que as intervenções devem ser feitas com base no modelo ecológico, ou seja, deve ser feito no seu contexto diário e planificar as tarefas realmente importantes para o aluno de modo a desenvolver a sua autonomia o melhor possível.

A intervenção foi realizada com a criança em contexto de sala de aula, as actividades planificadas tiveram como objectivo a participação de toda a turma de modo a haver um trabalho de colaboração e cooperação entre todos e a inclusão do aluno em todas as actividades, bem como minimizar as dificuldades do aluno no seu contexto diário.

O período de intervenção decorreu entre os meses de Fevereiro a Junho do ano lectivo 2009/ 2010.

4.2- Pressupostos Teóricos

A planificação do plano de acção foi elaborada segundo os pressupostos teóricos de autores que defendem que a intervenção dos alunos em situação de necessidade educativa especial deve ser elaborada segundo uma perspectiva funcional.

Vieira e Pereira (1996) defendem que a existência de um modelo ecológico para a planificação de actividades possibilita que os alunos retirem o máximo partido das suas potencialidades, tornando-se cidadãos mais autónomos e produtivos para a sociedade.

“ O modelo ecológico apresenta algumas vantagens, porque conduz a um ensino mais directamente funcional, dado que o enquadramento dos conteúdos do programa no contextos dos ambientes concretos do individuo possibilita aprendizagens mais rápidas e mais eficazes e que essas aprendizagens sejam, em princípio, as mais importantes” (Vieira & Pereira, 1996, p. 58)

Os autores acima referidos organizam o currículo baseando-se nas áreas de desenvolvimento do aluno, definindo os objectivos conforme a maior funcionalidade.

Lou Brown (1989 citado por Vieira e Pereira, 1996) defende que a construção de uma planificação implica que sejam identificados os ambientes onde o aluno actua (escola, casa, comunidade) e quais as actividades que se pretende que o aluno aprenda a realizar assim como as competências necessárias de adquirir para essas actividades.

De seguida Vieira e Pereira (1996) esclarecem que dever-se-á registar os dados recolhidos de modo a responder às seguintes perguntas:

- O quê? – o que é que o aluno é capaz de fazer;
- Como? – é importante registar de que forma o aluno faz determinada tarefa;
- Para quê? – Identificar a intencionalidade da tarefa.
- Onde / Quando? – é importante identificar com clareza os locais onde o aluno realiza determinado comportamento.
- Quanto? – quantas vezes o aluno realiza o comportamento.

Para os autores acima referenciados após o planeamento devem ser delineadas as estratégias educativas utilizadas pelo professor, tendo também como suporte a idade cronológica do aluno e o seu grau de deficiência.

O plano de intervenção foi baseado numa perspectiva de trabalho cooperativo, todos os alunos participaram na acção com vista a alcançarem um objectivo comum. Assim a minha planificação foi elaborada na tentativa de promover o desenvolvimento da criança e do seu grupo/ turma, através da selecção de estratégias/actividades que pudessem ser desenvolvidas em contexto de grupo, pequeno grupo ou a pares.

Este plano foi organizado para áreas de desenvolvimento: Autonomia, Desenvolvimento Motor e Cognição pois são as áreas em que o aluno apresenta mais dificuldades.

4.3- Problemática / Questão de partida

Após a análise de toda a situação problemática e reflectindo sobre as questões que acho pertinentes de serem respondidas propus que a Questão de Partida para este trabalho fosse: Como promover as aprendizagens de uma criança com a Síndrome de Palizaeus Merzbacher numa turma de 1º ano de escolaridade sob uma dinâmica inclusiva?

4.4- Planificação, realização e avaliação da intervenção

A planificação da intervenção foi feita, num primeiro momento a longo prazo (ver quadro 1) onde foram identificadas as áreas a serem trabalhadas e os objectivos a serem alcançados. Sendo mencionadas algumas das actividades a realizar, assim como o tempo que decorre em cada meta.

Na mesma planificação foram ainda referidas as formas de avaliação utilizadas para verificar se os objectivos foram ou não atingidos, assim como os recursos utilizados.

Para a elaboração da planificação parti do que o aluno já sabia, para que pudesse alcançar os objectivos a seguir, baseando-me no Portage.

O Portage é um sistema de ajuda à educação originalmente desenvolvido em 1969, com o objectivo de desenvolver um serviço educacional para crianças em idade pré-escolar que evidenciavam um atraso de desenvolvimento e para os seus pais, nos Estados Unidos. (Associação Portage – Portugal, 1994)

Com a utilização deste programa pretendi identificar um objectivo alcançado pela criança e daí partir para o objectivo seguinte. Procurou-se haver sempre uma sequência de desenvolvimento para que não houvesse muita discrepância no que o aluno já adquiriu para o deveria adquirir. Tal decorre do facto de o programa dar a noção de como elaborar cada actividade de forma faseada, de modo a ser mais fácil a criança a conseguir realizar.

4.4.1- Planificação global da intervenção

Para a planificação global da intervenção foram definidas as áreas de intervenção, assim como os objectivos gerais que fossem de encontro à mudança da problemática. Os objectivos foram trabalhados ao longo dos meses de intervenção, em conjunto com os objectivos específicos de cada actividade a realizar com a turma.

Após cada intervenção foi feita uma avaliação da sessão para registar a existência de objectivos adquiridos.

De seguida é apresentado o Quadro referente à planificação global da intervenção.

Quadro nº 1 – Planificação Global da Intervenção

Áreas	Sub -áreas	Objectivos gerais	Objectivos específicos	Estratégias / actividades	Calendarização	Recursos	Avaliação
Autonomia	Higiene	- Lavar as mãos	- Lavar as mãos identificando os passos da tarefa.	- Colocar sabonete nas mãos do aluno, deixando-o esfregar as mãos. - Ensinar a sequência de acontecimentos quando se lava as mãos; - Promover a memorização e identificação desses acontecimentos.	De Fevereiro a Junho	-Professora e colegas - Materiais	-Observação - Registo em grelhas

		- Assoar-se	- Quando necessário e sem que se lhe recorde limpa o nariz e assoa-se 75% das vezes	- Incentivar o aluno a assoar-se sempre que sinta necessidade, sem solicitar a ajuda de um adulto; - Incentivar a criança a limpar o nariz aos lenços de papel e não à sua roupa	De Fevereiro a Junho	-Professora e alunos	-Observação; -Registo em grelhas
		- Vestir-se	- Saber apertar molas da roupa e colchetes na roupa com ajuda	- Criar materiais de diferentes tamanhos e texturas que ajudem o aluno a conseguir abotoar molas e colchetes;	De Fevereiro a Junho	-Professora -Materiais	- Observação - Registo em grelhas
	Comunicação	- Ler - Escrever	- Saber ler e escrever	- Saber ler e escrever através de símbolos através das Tecnologias de Apoio	De Fevereiro a Junho	- Símbolos no Computador	-Observação - Registo em grelhas
Desenvolvimento Motor	Motricidade Fina	- Manipular Objectos	- Virar as folhas de um livro uma de cada vez - Contar histórias junto da criança e pedir que seja ela a virar as folhas; - Pedir para ela me contar uma história, escolhendo o livro; - Permitir à criança virar páginas de diferentes espessuras	- Contar histórias junto da criança e pedir que seja ela a virar as folhas; - Pedir para ela me contar uma história, escolhendo o livro; - Permitir à criança virar páginas de diferentes espessuras	De Fevereiro a Junho	- Livros	-Observação - Registo em grelhas

		- Faz formas simples	- Faz formas simples em plasticina juntando 2 ou 3 partes	- Pedir à criança que modele a plasticina e faça diversas formas; - Pedir para a criança juntar as diversas partes de plasticina	De Fevereiro a Junho	-Plasticina	-Observação - Registo em grelhas
		- Coordena movimentos finos	- Constrói uma torre com 3 cubos	- Pedir à criança que faça uma torre com os cubos: primeiro com dois e posteriormente acrescenta-se o terceiro cubo; - Ir diminuindo a largura de cada cubo para que seja precisa uma maior coordenação dos movimentos	De Fevereiro a Junho	- Cubos de diferentes larguras e tamanho	-Observação - Registo em grelhas
	Motricidade Global	- Controla a Postura	- Mantém-se de pé com o máximo apoio	- Incentivar a criança a andar recorrendo ao andarilho; - A criança treina a posição de pé apoiada por um adulto, que vai aumentando de forma gradual no decorrer do tempo; - Sempre que possível deslocar a criança em pé apoiada por um adulto, como por exemplo, nas idas à casa de banho; - Gradualmente insere-se o andarilho para que a criança se possa adaptar a este e consiga	De Fevereiro a Junho	-Professora -Auxiliares de acção educativa -Andarilho	-Observação - Registo em grelhas

				deslocar-se.			
Cognição	Matemática	Compreender as noções de pertença e exclusão	-Aponta ou nomeia os elementos que faltam numa imagem	- Mostrar diversas imagens à criança; - Mostrar a mesma imagem, mas contendo elementos a menos e pedir que me identifique qual o elemento que falta	De Fevereiro a Junho	- Imagens	-Observação -Grelha de observação
		-Adquirir noções de agrupar	-Separa objectos por categorias	- Mostrar diferentes objectos e pedir que agrupe os mesmos consoante a sua cor, tamanho ou forma	De Fevereiro a Junho	- Objectos de diferentes cores, tamanhos e texturas	-Observação -Grelha

Nota: A calendarização decorreu ao longo dos meses de intervenção consoante as actividades planificadas semanalmente e do tempo que os objectivos demorassem a ser adquiridos pela criança.

4.4.2- Planificação, realização e reflexão / avaliação a curto prazo

Na planificação a curto prazo foi feita uma reestruturação dos objectivos e actividades a atingir semanalmente (ver quadro 2). Esta planificação foi elaborada de acordo com os temas e planificações da professora titular de turma e a avaliação foi feita através do registo das observações, dos objectivos adquiridos ou não pelo aluno em grelhas de registo, assim como pelas reflexões semanais elaboradas após cada sessão. Seguidamente apresenta-se a referida planificação, esclarecendo-se que se lhe levou efeito uma sessão por semana.

Quadro nº 2 – Planificação a curto prazo

Sessão	Actividades	Objectivos	Duração	Avaliação
1	Apresentação da turma Auxílio nas actividades que decorrem na sala	- Estabelecer diálogo com a turma - Auxiliar os alunos de modo a estabelecer uma relação de proximidade	90 minutos	Observação reflexão da intervenção
2	Actividade de escrita Actividade de colagem	- Construir frases recorrendo a imagens - Identificar palavras escritas através da utilização de imagens	90 minutos	Observação Reflexão da intervenção Registo em grelha
3	Trabalho colectivo sobre regras a cumprir num passeio	- Conhecer regras sociais - “Ler” palavras através de desenhos - Conhecer regras para trabalhar em grupo	90 minutos	Observação Reflexão da intervenção
4	Trabalho de Expressão Plástica	- Ser capaz de relatar acontecimentos anteriores de forma ordenada - Descrever objectos e separá-los conforme as suas características (cor, forma, textura) - Comparar objectos mediante algumas características	90 minutos	Observação Reflexão da intervenção
5	Elaboração da prenda do Dia do Pai	- Elaborar um presente para o Dia do Pai - Ler e escrever através de símbolos com a ajuda das tecnologias de apoio	90 minutos	Observação Reflexão da Intervenção Conversa com os alunos
6	Actividades colectivas sobre a Páscoa	- Colar e decorar uma cesta alusiva à Páscoa - Saber abotoar molas - Lavar as mãos - Fazer formas simples com massa - Manter-se de pé com o máximo de apoio alguns instantes	150 minutos	Observação Reflexão da Intervenção Conversa com os alunos Registo em grelha
7	Actividade física no exterior Actividade de matemática	- Fomentar o espírito de equipa e de entreajuda - Associar a imagem ao respectivo preço - Fazer soma de números	90 minutos	Observação Reflexão da Intervenção Conversa com os alunos Registo em grelha
8	Actividade de expressão dramática	- Conhecer o valor do dinheiro - Relacionar imagens num dado contexto - Reparar objectos por categorias - Interpretar um pictograma - Conhecer os procedimentos numa ida às compras	90 minutos	Observação Reflexão da Intervenção Conversa com os alunos Registo em grelha
9	Actividade de expressão plástica sobre o Dia da Mãe	- Ler e escrever uma poesia para o Dia da Mãe, recorrendo às tecnologias de apoio - Pintar com diversos materiais - Lavar as mãos identificando os passos da tarefa	90 minutos	Observação Reflexão da Intervenção Conversa com os alunos Registo em grelha
10	Elaboração de um calendário semanal	- Adquirir noções de tempo - Utilizar símbolos que representem	90	Observação Reflexão da

		uma acção - Ler através das tecnologias de apoio	minutos	Intervenção Conversa com os alunos Registo em grelha
11	Construção de um calendário mensal	- Adquirir noções de tempo - Agrupar imagens por características - Manipular objectos (velcro e esponja) - Procurar imagens na Internet - Ordenar elementos pelas suas características	90 minutos	Observação Reflexão da Intervenção Conversa com os alunos Registo em grelha
12	Actividade colectiva sobre animais de estimação	- Procurar informação em diversos materiais de pesquisa - Manipular objectos (livros, revistas) - Associar imagens a palavras - Ler e escrever através das tecnologias de apoio	90 minutos	Observação Reflexão da Intervenção Conversa com os alunos Registo em grelha
13	Actividade colectiva sobre a classe dos animais	- Nomear elementos presentes numa imagem - Saber distinguir os animais consoante suas características - Procurar uma imagem semelhante no computador	90 minutos	Observação Reflexão da Intervenção Conversa com os alunos Registo em grelha
14	Comemoração do dia do ambiente	- Catalogar plantas conforme suas características - Identificar regras para cuidar do ambiente - Nomear elementos que faltam numa imagem Ler e escrever recorrendo às tecnologias de apoio	90 minutos	Observação Reflexão da Intervenção Conversa com os alunos Registo em grelha
15	Elaboração de um puzzle	- Ordenar peças de um puzzle de modo a construir uma só imagem	45 minutos	Observação Reflexão da Intervenção Conversa com os alunos Registo em grelha

5- DESENVOLVIMENTO DA INTERVENÇÃO

Sessão 1

A intervenção desta sessão teve como orientação a planificação constante no Roteiro de Actividades da Sessão 1 que se encontra em Anexo VIII.

Confesso que estava um pouco nervosa porque ia iniciar uma nova etapa, não só do meu percurso académico como a nível pessoal, uma vez que o universo do ensino básico é um pouco diferente do que estou habituada profissionalmente e porque estava a entrar no seio de uma turma que não me conhecia, estando na expectativa em relação ao modo que seria recebida.

Ao entrarmos todos na sala as crianças dirigiram-se para os seus lugares e a professora iniciou o diálogo com a turma explicando a minha presença na sala naquele dia e durante os próximos meses, acrescentando ainda que como também era professora os alunos tinham que me respeitar e obedecer ao que lhes dizia.

De seguida passou-me a palavra para eu me apresentar à turma. Comecei dizendo o meu nome e o que iria estar com todos uma vez por semana para fazermos actividades que ajudassem melhor à aprendizagem do João e que todos iríamos participar.

Também referi que todos estavam à vontade para me perguntar tudo aquilo que quisessem para esclarecer as suas dúvidas e que estava ali não só para ajudar o João mas todos os meninos daquela sala.

De seguida pedi a todos os alunos que me dissessem o seu nome e idade para eu ficar a conhecê-los melhor.

Quando todos terminaram as suas apresentações dei de novo a palavra à professora para que esta prosseguisse com as actividades e desloquei-me para o pé do João para o auxiliar na actividade.

Naquele momento a turma iria iniciar a actividade de Estudo do Meio que se relacionava com a posição relativa de alguns objectos nas figuras (cima/ baixo, dentro/ fora, esquerda/direita e frente/ trás) em que tinham que pintar de determinada cor o objecto que se encontrava em determinada posição. Eu comecei por ajudar o João a realizar a actividade, fazendo perguntas a cerca da actividade, mas também perguntas a nível mais pessoal para poder compreender e conhecê-lo melhor, assim como ganhar mais a sua confiança comigo.

Depois de estar inicialmente apenas com o João fui passando por todos os meninos para ver o seu trabalho e tentar realizar algum diálogo com eles, mas foi um pouco difícil de conversar com algumas crianças pois mostraram-se muito fechadas e pouco à vontade com a minha presença. Para mim foi uma reacção perfeitamente natural, uma vez que sou ainda uma pessoa estranha na sala e não existe ainda confiança dos alunos.

Finda a actividade a professora procedeu à correcção da ficha de estudo do meio e marcou os trabalhos de casa.

Ao som da campainha os alunos foram saindo e o João esperou que uma das auxiliares de acção educativa o viesse buscar para o levar para a carrinha do ATL. O aluno despediu-se de mim com grande alegria e pediu que voltasse no dia a seguir para o ajudar nos trabalhos.

Fiquei então com a professora para conversarmos a cerca da minha intervenção. A esta conversa juntou-se também a professora de educação especial e em conjunto decidimos que iria à escola quando eram realizadas as actividades destinadas às disciplinas de Área de Projecto e Expressão Plástica uma vez que são disciplinas em que o aluno está presente na sala, já que durante a manhã se encontra em actividades fora da escola e / ou com o apoio da professora de educação especial e à tarde está mais tempo na sala.

Outra das razões para a minha intervenção ser feita nestas áreas curriculares deve-se ao facto de ser aqui que os alunos mais trabalham em grupos e em projectos que levem à participação de todos e finalmente porque ao ser educadora de infância numa turma de 1º ciclo será mais fácil intervir em áreas que me são mais familiares e que me permitam trabalhar de forma mais espontânea com todos os alunos, utilizando várias técnicas e materiais que nem sempre são utilizados no 1º ciclo por falta de tempo, uma vez que há um currículo que tem que ser cumprido.

Assim irei à escola uma tarde por semana, quando estiver destinada na planificação da professora titular a área de projecto e a de expressão plástica, onde irei intervir e basear-me nas planificações da professora e os temas propostos para estas duas disciplinas, sendo que os dias nem sempre serão os mesmos

Penso que esta estratégia se adequa a toda esta situação, uma vez que estas duas áreas curriculares são áreas que me permitem articular outras áreas, fazendo com que num projecto possa introduzir sempre o trabalho cooperativo em que todos têm uma tarefa e todos trabalham para o mesmo objectivo e sendo a Expressão Plástica uma das áreas que o João tem

mais dificuldade é uma forma de conseguir tentar desenvolver mais o aluno ao nível da motricidade fina.

Balanço Reflexivo

Fazendo uma breve reflexão da primeira tarde de intervenção considero que esta correu bem, apesar de notar que as crianças se encontravam pouco à vontade com a minha presença, no entanto, acredito que daqui a alguns dias ganhem confiança e se sintam mais à vontade.

O João recebeu-me muito bem desde início e neste primeiro dia fez-me sentir muito à vontade, interagiu muito bem comigo, fez-me muitas perguntas e também respondeu a todas as minhas questões.

Mas ao nível das actividades é um aluno que tem muitas dificuldades, sobretudo quando estas implicam que se leia ou escreva, uma vez que o aluno não faz nenhuma dela.

A professora é quem escreve o que o aluno diz oralmente e são os colegas que o ajudam nos desenhos, uma vez que ao pegar no lápis o aluno apenas faz riscos pois não consegue controlar o tremor do braço quando pega num objecto.

Sessão 2

A intervenção teve como orientação a planificação constante no Roteiro de Actividades da Sessão 2 que se encontra em Anexo VIII. Esta destinava-se à realização de uma actividade que me permitisse ter algum diálogo com as crianças a cerca dos seus gostos e para que me dessem algumas informações que me possibilitassem saber um pouco mais de todo o grupo e saber de que forma aperfeiçoar melhor as minhas estratégias para que seja feito um bom trabalho de cooperação entre todos, principalmente a cooperação de todos em relação ao João.

Iniciei a minha actividade explicando, uma vez mais, a razão pela qual me encontrava ali na sala e que a actividade que iríamos fazer era uma actividade sobre o que gostavam para que os ficasse a conhecer melhor, e se eles tivessem alguma dúvida sobre mim poderiam perguntar sem receio. Iríamos então apresentar-nos, dizendo o nome, a idade e o animal que mais gostavam.

Comecei a actividade dizendo o meu nome, a minha idade e o meu animal preferido. Depois passei a palavra ao João, perguntando-lhe o seu nome, a idade e que animal mais

gostava. Este respondeu que o seu animal preferido era o cão porque era bonito e grande, e que tinha 7 anos.

Enquanto o aluno falava fui registando na folha de papel cenário a sua resposta. De seguida perguntei à colega de carteira do João o seu nome, idade e animal preferido, registando a sua resposta na mesma folha de papel cenário. E assim procedi com todas as crianças que se encontravam na sala.

Depois de tudo escrito pedi às crianças que procurassem em revistas e jornais os animais que mais gostavam e o recortassem. Dizendo também que se não encontrassem na revista que tinham na carteira, pedissem emprestado aos seus colegas quando estes já não precisassem das suas mas que tinham que aguardar a sua vez sentados, de modo a que não se gerasse confusão na sala e não houvesse conflitos.

Como o João não conseguia recortar pedi aos alunos se haviam algum que não se importasse de ajudar a recortar a imagem. De imediato vários alunos se ofereceram para essa tarefa, decidi então que ajudava o primeiro que me tinha dito.

Durante esta parte da tarefa ocorreu um pequeno imprevisto, uma vez que uma das alunas que tinha escolhido como seu animal favorito a girafa não conseguiu encontrar nenhuma imagem no material disponibilizado. Então eu perguntei à turma se sabiam uma forma de conseguirmos resolver aquele problema e logo se iniciou a discussão desde assunto com todos. Alguns alunos sugeriram que se fosse procurar nos livros da escola e fotocopiar, outros que fossemos à biblioteca ver nas histórias e finalmente outra sugestão era retirar a imagem da internet e imprimir.

Depois de todas as sugestões dadas fizemos então uma votação, em que eu dizia a sugestão e os alunos levantavam o dedo para votar. À medida que votavam escrevia o número de votos no quadro.

A resolução encontrada, segundo a maioria, foi ir à internet retirar a imagem e imprimir.

Como perdemos algum tempo nesta votação, a professora ajudou-me ligando o computador e a internet para que eu continuasse a actividade. Desta forma, chamei cada um dos alunos e pedi que em frente à palavra correspondente ao animal que tinham escolhido colassem a sua imagem.

Quando chegou a vez do João ajudei-o a espalhar a cola no seu papel e um dos colegas indicou-lhe qual era a palavra que correspondia a «cão» para que ele colasse à frente desta a sua imagem.

Para finalizar e consolidar a actividade lemos todas em conjunto as frases que estavam escritas no papel cenário.

Passado poucos minutos tocou para a saída e as crianças saíram. Eu fiquei então a conversar com a professora que me deu um bom feedback da actividade, apesar de notar o meu nervosismo de ser a primeira vez.

Balanço Reflexivo

Em relação aos alunos, no início encontravam-se muito tensos por estar eu a dirigir a aula, mas quando começámos a parte de procurar imagens senti que estes estavam a ganhar algum entusiasmo na actividade, principalmente depois quando fizemos o pequeno debate para encontrarmos uma solução para a falta da imagem da girafa nas revistas.

Penso que foi uma actividade muito engraçada que resultou muito bem, embora tivesse com um pouco de receio por achar que por serem de uma faixa etária mais elevada do que as crianças com que normalmente lido profissionalmente não iriam ter entusiasmo para fazer.

Ao longo da actividade verifiquei também que existe uma entreajuda muito grande em relação ao João, pois há sempre alguém preocupado em ajudá-lo nas suas dificuldades, como por exemplo, quando estavam a procurar imagens. Como o aluno não consegue virar as folhas uma de cada vez, havia sempre quem o ajudasse a procurar a sua imagem em todas as páginas para que não escapasse nenhuma folha.

Devido a ter conhecimento desta dificuldade por parte do aluno é que optei por trazer revistas e jornais, para que o aluno pudesse folhear as páginas embora eu tivesse conhecimento da sua dificuldade.

Nesta primeira actividade penso que correu bem, embora tenha a noção que ainda não conquistei a confiança de todos os alunos, mas foi um bom princípio. Espero que as próximas intervenções corram, pelo menos como a de hoje já iria sentir que alguns dos objectivos propostos foram atingidos e que as situações imprevistas que poderão ocorrer sejam resolvidas da melhor forma como as desta intervenção.

Sessão 3

A intervenção desta sessão subordinou-se à planificação constante no Roteiro de Actividades da Sessão 3, que se encontra em Anexo VIII.

Nesta intervenção estava destinada uma actividade que fosse ao encontro da visita de estudo que os alunos irão realizar ao museu dos brinquedos, na Vila de Arronches.

Como uma visita de estudo é algo que se pode aproveitar para realizar um pequeno projecto que poderá ser apresentado também à comunidade decidi reservar este dia para falar um pouco do que as crianças sabem sobre o museu e dos brinquedos que lá se encontram, deixando para a próxima intervenção a exploração da visita de estudo de forma a construir um pequeno projecto que se centra também num dos pontos do projecto curricular de turma, que é o conhecimento de alguns aspectos da história dos seus familiares.

Quando se realiza uma visita de estudo as crianças são previamente preparadas para o que vão encontrar, mas sobretudo para as regras que têm que ser cumpridas quando estamos sem determinados locais, desta forma decidi para esta intervenção explorar um pouco a questão das regras que têm que ser cumpridas quando saímos da escola.

Iniciei a actividade perguntando onde era a visita de estudo que a professora me tinha dito e as crianças responderam que iam ao museu do (A) Brincar que tinha brinquedos. Depois perguntei que tipo de brinquedos é que eles achavam que iam encontrar lá e aí as opiniões divergiram muito, algumas crianças disseram que iriam encontrar consolas, carros e bonecas. Porém outras crianças disseram que no museu se encontravam os brinquedos antigos que já não existiam.

Pedi ao João que me dissesse o que ele achava e ele respondeu que havia todos os brinquedos que existiam agora e antes também, comentário que agradou aos alunos uma vez que alguns disseram que era isso mesmo que se encontrava no museu.

Seguidamente comentei com as crianças que como iam dar um passeio que os adultos diziam sempre algumas regras muito importantes que tínhamos cada vez que saíssemos da escola, e que neste passeio também tínhamos que cumprir algumas. Perguntei se sabiam de alguma, pedindo que levantassem o dedo para que falasse um de cada vez.

Algumas das crianças foram-me dizendo regras que achavam que eram importantes, como por exemplo:

- “Estar calado no museu”.
- “Fazer o que a professora manda”
- “Não fazer barulho”
- “Não comer”
- etc.

À medida que as crianças iam dizendo a regra ia registando no quadro. Desta vez o aluno não levantou o dedo para falar, mas eu perguntei -lhe se queria dizer alguma regra e ele respondeu-me que não porque estava cansado.

De seguida juntei a turma em grupo de quatro e cinco elementos e distribuí duas folhas brancas por cada grupo, dando posteriormente uma regra a cada grupo.

O objectivo da actividade era que cada grupo fizesse um desenho conjunto da regra que lhe tinha calhado, podendo se achar necessário acrescentarem palavras para se expressarem melhor, como por exemplo a palavra *não*.

No grupo do João pedi aos alunos que desenhassem mas não pintassem todos os desenhos que fizessem na folha, para depois ele poder ajudar e pintar com tinta o desenho. Quando este grupo terminou ajudei o João a pintar com as cores que quis, e outras sugeridas pelos colegas do grupo, alguns dos bonecos que estavam desenhados. Indo , de seguida um dos alunos do grupo colocar o desenho junto da janela para que secasse mais depressa.

Quando todos acabaram os seus desenhos escolhi um aluno de cada grupo para colar depois da frase o que correspondia ao seu grupo. No caso do grupo do João foi ele que, com a minha ajuda colou o desenho.

Para finalizarmos a actividade em conjunto cada um dos grupos repetiu em voz alta a sua frase e de seguida pendurámos o trabalho na parede.

Balanço Reflexivo

Na minha opinião esta actividade resultou bem, mas as crianças encontravam-se mais entusiasmadas na actividade que fiz na intervenção passada, contudo não ocorreu nenhum imprevisto nesta actividade.

Notei que a turma estava um pouco cansada, talvez por se um dos dias que saem mais tarde na semana. Até o João confessou que estava cansado quando lhe perguntei se queria contribuir para a actividade que estávamos a fazer.

No final quando todos saíram perguntei à professora o que tinha achado da actividade porque estava insegura de que tinha corrido bem. A professora respondeu que, na sua opinião, a actividade tinha corrido bem e que esteve bem estruturada, que a turma não esteve tão entusiasmada como na semana anterior porque era sexta – feira e estavam cansados pois a semana tinha sido muito cansativa.

Também me explicou que o João estava cansado porque para além de ter estado na escola o dia todo, foi ainda à fisioterapia pois tinha começado um novo ciclo de sessões para que o ajudem nos movimentos.

Para a próxima intervenção tenho preparada a continuação deste tema tenho esperança que as crianças participem com um pouco mais de entusiasmo uma vez que a intervenção irá decorrer um dia após a visita de estudo.

Sessão 4

Esta intervenção teve como base de orientação a planificação presente do Roteiro de Actividades da Sessão 4, que se encontre em Anexo VIII. Foi uma continuação da intervenção anterior, uma vez que se realizou um trabalho com toda a turma que tinha como objectivo a consolidação dos conhecimentos adquiridos na visita de estudo que a turma realizou ao Museu do Brinquedo.

Para dar início à sessão conversei um pouco com a turma na tentativa de saber o que tinham visto no museu, quais os brinquedos que cada criança mais gostou dos que se encontravam expostos, assim como de que materiais eram feitos.

Enquanto a conversa estava a decorrer em grande grupo tracei no quadro uma linha para o separar em duas colunas e em cada uma escrevi as palavras “Antes” e “Agora”. Posteriormente distribuí a cada criança uma imagem de brinquedos, umas de brinquedos actuais e outras de brinquedos antigos e solicitei que cada um me descrevesse algo a cerca da sua imagem e se este era um brinquedo actual ou se era mais antigo.

À medida que os relatos iam decorrendo, registei as frases das crianças no quadro, separando os brinquedos actuais e os brinquedos do passado e identificado também, o autor de cada frase para que mais tarde as crianças conseguissem saber qual era a sua frase.

Depois de todos terem feito uma pequena descrição da sua imagem distribuí à turma uma folha de papel, onde pedi a cada um que copiasse a frase para a respectiva folha com a cor a gosto. Posteriormente as crianças colaram a imagem na folha e decoraram o resto a gosto, fazendo desenhos a lápis de cor.

Antes do fim da aula, e depois de todos terem acabado o seu trabalho fomos todos até ao placard da sala para que fossem pendurados os trabalhos realizados.

Nesta actividade o João registou a sua frase, com a ajuda da professora, no programa GRID e procedeu à decoração do seu trabalho com lápis de cor a seu gosto.

Numa fase posterior e para consolidar esta actividade os alunos vão elaborar um convite aos familiares que se encontrem disponíveis para se dirigirem à escola para descreverem aos alunos como eram as brincadeiras no tempo em que eram crianças, e no caso de ainda terem alguns brinquedos levarem para escola para que os alunos possam observar, e posteriormente realizarem uma pequena exposição para toda a comunidade escolar.

Balanço Reflexivo

Na minha opinião os principais objectivos traçados na planificação foram obtidos com êxito em contexto de grupo.

Esta sessão serviu para mim como uma consolidação da minha relação com as crianças, uma vez que trabalhar em contexto de turma está a ser um pouco difícil para mim, uma vez que é uma turma que não me conhece e nem sempre acata as minhas decisões e acaba sempre por gerar-se alguma confusão e alguns conflitos que são resolvidos na hora pela professora titular de turma que chama a atenção das crianças. No entanto, nesta sessão senti que já houve progressos nesse sentido, uma vez que a professora apenas interveio nos relatos da viagem de estudo relembrando acontecimentos na viagem que não foram ditos pelos alunos e auxiliou o João no computador uma vez que ele ainda não consegue de forma autónoma utilizar o seu computador para escrever.

As crianças mostraram-se muito participativas, demonstrando mais confiança em mim, uma vez que já me abordaram para ver os seus desenhos, para verificar se a ortografia estava correcta quando copiaram as suas frases do quadro, entre outros. Este tipo de reacção só ainda se tinha verificado em algumas das crianças, principalmente no João que desde a minha primeira intervenção demonstrou alegria e confiança para trabalhar com ele.

Na planificação a actividade era para ser realizada em papel cenário, no entanto não foi possível, optei assim, por realizar a tarefa registando no quadro. Depois de feita a actividade considero que da forma como se realizou foi mais proveitosa para as crianças, uma vez que cada um escreveu o que disse, treinando assim novo vocabulário e a sua escrita. No caso do João, também treinou mais um pouco no seu computador, uma vez que este só o utiliza quando está na presença de mais alguém para além da professora titular de turma, uma vez que necessita de muita ajuda para escrever no programa.

Mas apesar das suas dificuldades já consegue reconhecer alguns símbolos e já os consegue ler, embora tenha por vezes a tendência a reproduzir uma frase que já tenha memorizado quando está presente o mesmo símbolo noutra frase.

Os trabalhos foram expostos no placard da entrada pela professora da turma que os pendurou, uma vez que eu estava a segurar o João, pois dentro da sala ele não está na cadeira, e sempre que possível é incentivado a andar, embora tenha que ser amparado por alguém pois não tem força para se aguentar em pé sozinho.

Apesar de não estarem presentes na planificação existem outros objectivos que tenho vindo a trabalhar desde a primeira sessão com o João, nomeadamente a higiene e a autonomia. Neste sentido tenho feito um encorajamento em que este aprenda a assoar-se de forma autónoma, no entanto isso ainda não se verificou.

Neste momento quando sente que necessita de assoar o nariz, a maioria da vezes já pede um lenço, no entanto não consegue autonomamente assoar-se, necessitando de ajuda para realizar a tarefa.

Outro dos objectivos que tenho estado a trabalhar é lavar as mãos de forma autónoma, mas tem sido um pouco mais difícil de trabalhar uma vez que a criança vai à casa de banho sempre com uma auxiliar durante o intervalo e nem sempre me encontro na escola nesses períodos. Este tem sido trabalhado desde a segunda sessão.

Para iniciar o trabalho deste objectivo comecei por perguntar à criança quem é que lhe lavava as mãos, se era ela ou se era algum adulto pelo que me respondeu que era sempre um adulto porque ele não sabia. Depois desta breve conversa expliquei porque é que tínhamos de lavar as mãos e como se fazia para que identificasse todos os passos na realização desta tarefa antes de a executar.

Na sessão a seguir mostrei algumas imagens com a sequência dos passos a realizar no acto de lavar as mãos, coladas com velcro num pedaço de cartolina que tinha como título: “*Como lavamos as mãos?*”, posteriormente solicitei à criança que as descolasse e voltasse a colar pela ordem de acontecimentos para perceber o que esta tinha assimilado.

A nível de memorização a criança não apresentou dificuldade, conseguindo identificar as etapas que decorrem quando se lava as mãos.

Posteriormente irei pedir ao aluno que explique à turma como se lavam as mãos, e sempre que possível, ir com ele à casa de banho para começarmos a lavar as mãos, na tentativa de fazer com que esta tarefa seja feita de forma mais autónoma.

Apesar de ter sido bem sucedida esta actividade não me sentia muito segura para a realizar uma vez que foi um pouco difícil para mim de planificar para este dia, uma vez que as minhas planificações são baseadas nos temas e planificações da professora titular de turma, o que não permite fugir muito do tema pretendido. Nesta sessão o tema da visita de estudo não

me deixou muito segura, uma vez que não realizei o passeio com as crianças, tendo que recorrer a alguma pesquisa para saber como era o museu e quais os brinquedos que lá se encontravam para construir alguma actividade que todos pudessem fazer e participar.

Muitas das vezes sinto também alguma inquietação por tentar articular os objectivos e temas da professora com os objectivos traçados para esta intervenção pois tenho que planificar para um grupo mas não posso esquecer que existem objectivos específicos para uma criança, que necessita de cuidados e atenção diferentes do restante grupo e tenho receio que não esteja a apoiar todos da mesma forma.

De qualquer forma penso que a minha intervenção está a correr bem, embora tenha decidido que as três primeiras sessões se destinavam, principalmente, ao conhecimento da turma e ao estabelecimento de relações de confiança e respeito com todos, não tendo por isso insistido muito em começar a trabalhar os objectivos específicos para o João com toda a turma.

Sessão 5

Esta intervenção foi planificada em conjunto com a professora titular de turma, planificação que se encontra no Roteiro de Actividades da Sessão 5, em Anexo VIII, uma vez que seria realizado em parceria, uma vez que se destinava à confecção da prenda do Dia do Pai e do respectivo postal.

Para a prenda do Dia do Pai foi decidido que as crianças iriam decorar um cartão que depois foi inserido num porta-chaves com desenhos sobre si e o seu pai. Esta actividade foi totalmente livre uma vez que as crianças decoraram a seu gosto e utilizaram os materiais que quiseram. No final do desenho as crianças escreveram o seu nome num dos lados do cartão do porta-chaves.

Posteriormente os alunos começaram a decorar o postal do Dia do Pai que era em forma de gravata na parte exterior do cartão, fazendo bolinhas com papel de seda de várias cores e colando a seu gosto na gravata ou desenhando algo que fosse da sua vontade.

Finda esta parte da actividade as crianças escreveram no caderno a frase que queria transmitir ao seu pai, para ser escrita no interior do cartão, a qual foi corrigida por mim ou pela professora da turma. Seguidamente deixaram-se os cartões a secar para que pudessem ser enrolados em papel de embrulho no dia seguinte.

O João fez também um desenho (com a ajuda de uma colega) no porta – chaves e, de seguida dirigiu-se ao computador com a minha ajuda para escrevermos a frase “Eu gosto muito de ti, pai” e após imprimir colou, com a minha ajuda, a frase no interior do cartão.

Seguidamente com a ajuda de uma colega colou pedaços de papel no exterior do cartão para decorá-lo.

Balanço Reflexivo

Na minha perspectiva esta actividade correu muito bem uma vez que consegui fazer com que as crianças se sentissem motivadas e mais “soltas” uma vez que era uma prenda para os seus pais empenharam-se em fazer com que ficasse bonita.

Apesar de por vezes se notar alguma confusão senti que as crianças já adquiriam respeito por mim, uma vez que sempre que inferi na tentativa de se fazer mais silencio para não perturbar as salas de aula ao lado, as crianças aceitaram e respeitaram o meu pedido de imediato.

Como era uma actividade mais livre para as crianças consegui ao mesmo tempo prestar um grande apoio ao João, uma vez que consegui apoiá-lo na escrita da frase ao computador, imprimir e decorar um pouco do postal.

No que diz respeito à escrita penso que o maior problema é o facto de o aluno não ter um mecanismo que o ajude a seleccionar as suas escolhas para que não tenha que utilizar as mãos, uma vez que ele consegue identificar e ler os símbolos mas quando os tem que escrever sente muita dificuldade em seleccionar o que pretende porque com os tremores algumas vezes não selecciona o pretendido e depois desmotiva-se e faz birra, dizendo que já não quer continuar.

Neste dia o aluno conseguiu seleccionar, com alguma dificuldade, os símbolos pretendidos para a frase embora os tenha conseguido ler sem qualquer obstáculo.

No que diz respeito à decoração do postal, o aluno pediu a uma colega que desenhasse o seu pai e posteriormente agarrou no lápis e decorou à volta consoante o que consegue fazer uma vez que não tem destreza para agarrar firmemente no lápis e desenhar. No lado exterior do postal o aluno apresentou alguma dificuldade em fazer com os dedos pequenas bolas de papel de seda e em espalhar a cola no postal, no entanto esta tarefa foi realizada de forma autónoma, apesar da minha supervisão e de alguma recomendação que fui fazendo.

Nesta sessão de intervenção senti-me mais à vontade com o grupo, talvez porque era uma actividade de expressão plástica e deste modo estava mais ligada com a minha área profissional pois, por vezes, tenho algum receio de abordar determinados conteúdos que pertencem ao currículo do 1º ciclo pois posso abordá-los de uma forma errada o que iria prejudicar as aprendizagens de todos os alunos.

Também gostaria de referir que foi muito benéfico o trabalho em cooperação entre mim e a professora titular pois senti que começo a fazer parte da turma e é muito importante que consiga dar opiniões e ideias que ajudem a melhorar as práticas educativas em prol de toda a turma e em especial do João. Este tipo de trabalho também ajuda a que nos tornemos profissionais capazes de compreender o que correu menos bem e o que se poderá melhorar, e nesta relação professora – educadora penso que estamos a caminhar nesse sentido pois falamos das actividades que foram realizadas e reflectimos no final o que poderia continuar a ser feito, principalmente para estimular e incluir o mais possível o aluno em todas as actividades que envolvam toda a turma.

Sessão 6

A intervenção subordinou-se à planificação constante no Roteiro de Actividades da Sessão 6 que se encontra em Anexo VIII. Esta tinha como tema principal a Páscoa, um vez que durante a semana se iriam realizar em toda a escola e agrupamento acções que englobavam esta temática.

Desta forma dei início à minha intervenção fazendo uma breve referência ao que iríamos fazer para comemorar esta época festiva (elaborar uma cesta em cartolina para levar o folar feito pelos alunos) e falei um pouco do significado real da Páscoa para a comunidade cristã.

Comecei por distribuir uma planificação da cesta a cada aluno para decorar a seu gosto e posteriormente colar. Para facilitar esta tarefa escrevi em cada lado um número e os alunos teriam que colar os pares consoante a sua ordem. Por exemplo, colar o número 1 com o número 2, o número 3 com o número 4 e assim sucessivamente até terem a sua cesta colada.

Enquanto aguardavam que a cesta colasse, distribui aos alunos alguns adereços feitos em esponja para montarem a cara de um coelho e construírem a asa da cesta. Dispus dois por mesa para que fizessem esta pequena actividade em pares.

Para juntar a asa à respectiva cesta os alunos colaram molas de encaixe para fazer essa mesma ligação e decoraram com pequenos pedaços de esponja branca em forma oval.

Como era o penúltimo dia antes das férias todas as turmas da escola fizeram folares da Páscoa para levarem para casa. Esta actividade teve início na parte da tarde e prolongou-se pelo dia seguinte, uma vez que todas as turmas iriam fazer o seu folar.

Antes de nos dirigirmos para o refeitório onde foram feitos os folares li em voz alta para toda a turma a receita dos folares para que todos tivessem conhecimento dos ingredientes necessários à confecção do bolo.

Quando chegámos ao refeitório os alunos fizeram uma roda em torno de duas mesas para juntarmos os ingredientes para fazer a massa. Esta seria apenas uma demonstração de como se fazia e, também, para que os alunos tivessem uma participação em toda a acção, uma vez que toda a massa que serviria para os folares já tinha sido feita na parte da manhã pelas auxiliares da cozinha para que tivesse tempo de repousar para estar apta a ser moldada e cozida no forno.

Ao fazermos a massa “a fingir” alguns dos alunos foram juntando, aos poucos, os ingredientes necessários: farinha, fermento, margarina, açúcar, ovos, erva doce, canela e leite. De seguida os restantes alunos misturaram os ingredientes com as mãos e amassaram a massa até se obter uma mistura homogénea.

Depois deste processo feito chegou o momento em que cada um iria moldar o seu folar para levar para casa, assim os alunos dispuseram-se nas mesas, quatro de cada vez para que não se gerasse muita confusão enquanto os restantes alunos observavam e aguardavam a sua vez. Após moldados os folares foram colocados em tabuleiros para serem cozidos no forno.

Finda esta actividade os alunos dirigiram-se para a sala onde foram lembrados os passos que foram feitos para se fazer o folar, assim como os ingredientes utilizados. Posteriormente, liguei o computador do João para que todos os alunos visualisassem o seu ambiente de trabalho. Ligámos então o programa GRID e o aluno escreveu os ingredientes com a minha ajuda e com a ajuda dos colegas que iam ditando o que era para escrever com os símbolos.

Finalmente imprimimos as frases escritas no GRID, alguns alunos recortaram, outros colaram e decoraram a cartolina que continha a receita. Foram ainda feitas umas letras maiores para colocar por cima da cartolina para escrever a frase: “Receita do folar da Páscoa”, que também foram ilustradas pelos alunos.

Depois de os folares estarem cozidos foram postos em cada uma das cestas para que os alunos levassem para casa. Os folares feitos por mim e pela professora da turma foram cortados em pedacinhos e serviram de lanche para toda a turma.

Balanço Reflexivo

Para mim esta actividade teve um balanço bastante positivo pois considero que em termos de planificação e actividades me permitiu aglutinar vários objectivos que defini anteriormente para a minha intervenção a longo prazo com os objectivos que foram propostos da professora para toda a turma.

A componente plástica da actividade da cesta permitiu ao João treinar a sua motricidade fina, assim como a manipulação de objectos com texturas e características diferentes. Desde o início da intervenção que notei que o aluno sente alguma dificuldade em actividades de colagem de materiais, principalmente papel porque é um objecto muito leve e quanto mais leve é o objecto mais tremor o aluno tem. Nesta actividade o aluno teve dificuldade em ligar as diferentes partes da cesta de cartolina pois era uma actividade que exigia alguma precisão e o aluno não conseguiu controlar o tremor, necessitou de ajuda para conseguir colar. No entanto quando colou os materiais em esponja fez mais facilmente sozinho.

A utilização das molas de encaixe teve como objectivo observar se o aluno depois de coladas conseguia abri-las e fechá-las. Como havia molas de diferentes tamanhos em todos os cestos pedi ao aluno que abrisse e fechasse aquelas que tinham diferentes dimensões, verificando assim que o aluno conseguiu abrir e fechar todas, embora tenha tido dificuldade em abrir as molas mais pequenas.

Na actividade da massa quando este amassava pedi-lhe que pegasse na massa e a apertasse com força entre as mãos, mas o aluno não demonstrou grande interesse afirmando que não conseguia fazer muita força nas mãos e acabou por mexer apenas na massa com as mãos. Quando o aluno moldou o seu folar começou por fazer uma birra, uma vez que queria fazer um boneco e não uma bola porque não era capaz, no entanto depois de conversar com ele e lhe explicar que os folares têm aquela forma que parece um cogumelo e que o ajudava a fazer um ele assentiu e começou a fazer. Expliquei que poderíamos fazer a bola de uma forma diferente dos outros meninos, em vez de pormos a massa entre as mãos e rodar poderíamos por a massa em cima da mesa e por cima colocarmos a nossa mão e rodar um pouco também

ficava uma bola. O aluno experimentou com as duas mãos para ver com qual delas conseguia fazer melhor e moldou o folar até à forma que o aluno achava que estava bem.

Com a actividade da receita tinha como intenção dar a oportunidade ao aluno de realizar alguma escrita no seu computador, uma vez que este apenas escreve quando está acompanhado pela professora de educação especial ou em algumas actividades que permitam que esteja algum adulto (eu ou a professora da turma) a auxiliar o aluno uma vez que este ainda não consegue escrever autonomamente sentindo alguma dificuldade em controlar os tremores quando aponta no ecrã ou clica no rato para seleccionar o símbolo. Outro dos objectivos que pretendia com esta actividade era dar a conhecer a toda a turma o modo como é possível o aluno escrever e participar nas actividades, deste modo os alunos visualizaram a tarefa e ajudaram também ao dizerem ao aluno o conteúdo da receita.

Toda a turma se mostrou muito interessada em saber de que forma se escrevia no GRID e depois de feita a receita pediram que o João escrevesse algumas palavras para verem como ficava.

Depois de colada a receita e ilustrada a cartolina decidi fazer um pequeno feedback dos alunos acerca de todo o dia, perguntando o que mais tinham gostado e se queriam repetir mais vezes actividades parecidas e estas mostraram-se muito contentes com as actividades pedindo para se repetirem quando for possível.

Nesta sessão admito que fiquei um pouco constrangida com o episódio em que o João fez uma birra, uma vez que comigo directamente ainda não tinha acontecido e apesar de sentir vontade de dizer ao aluno que podia fazer um boneco em vez de uma forma de bola na massa para não o contrariar, tentei ajudá-lo a combater a sua dificuldade de outra forma que para ele fosse mais fácil fazer, porque se deixasse fazer a sua vontade estaria a ser injusta com os colegas dele pois tinham que fazer todos a mesma forma do bolo e também porque assim o aluno nunca encontraria estratégias para combater as suas dificuldades.

Também tenho que admitir que se não for a entreaajuda entre mim e a professora da turma muitas das actividades não teriam o êxito pretendido uma vez que por vezes actividades em grupo geram confusão uma vez que todas as crianças querem mostrar os seus trabalhos ou dar a sua opinião. Em situações como a actividade da cesta em que as crianças tinham que construir a sua a professora foi dando uma ajuda aos alunos que sentiram algumas dificuldades ao colar, se não fosse a sua ajuda talvez não tivéssemos finalizado a actividade a tempo.

Finalmente a professora demonstrou grande satisfação com a actividade da escrita uma vez que as outras crianças tiveram algum contacto com a forma de escrita do João, dando então a sugestão de se repetir mais vezes a experiência e de identificarmos alguns dos espaços da sala com os símbolos do GRID de modo a que todos convivam com esta forma de comunicar.

Sessão 7

A intervenção teve como suporte a planificação que se encontra no Roteiro de Actividades da Sessão 7, em Anexo VIII, cujo o tema principal é a moeda.

Decidi realizar com a turma uma estafeta no pátio do recreio em que o objectivo desta era realizar uma actividade em que os alunos tivessem contacto com a moeda e a relacionassem com o preço dos produtos utilizados no seu quotidiano.

Para diversificar ainda mais a tarefa decidi realizá-la no exterior de modo a avaliar o comportamento da turma em relação a mim e à participação do João numa actividade que exigia espírito de equipa e cooperação, mas principalmente autonomia a nível motor.

No início da actividade expliquei ao grupo de que forma se iria realizar a actividade, respondendo também às questões que me foram feitas por parte dos alunos. De seguida formei quatro equipas com seis elementos cada, alinhando-os em fila por detrás de uma linha desenhada no chão com giz.

Ao lado de cada equipa coloquei ainda um cesto que serviu para cada elemento colocar o seu objecto quando terminasse a estafeta.

Antes do primeiro elemento de cada grupo partir para encontrar o seu objecto distribuí uma lista de compras contendo a imagem do objecto que os alunos tinham de encontrar no pátio.

Ao sinal de partida os alunos que estavam em primeiro lugar na fila da estafeta partiram em busca do seu objecto e ao regressarem teriam que colocá-lo no cesto, do depois é que o segundo elemento poderia partir para realizar a prova. Este procedimento repetiu-se até ao último elemento de cada equipa.

Estava planificado que à medida que os alunos chegavam com os objectos teriam que riscar na lista aquele que tinham trazido, no entanto optei por não fazer essa parte da planificação uma vez que se tornou um pouco confuso de estar a tomar atenção às listas e à prova ao mesmo tempo e essa tarefa não se justificava porque cada elemento tinha fixado qual o objecto que teria que encontrar.

Quando todos os grupos terminaram a prova dei por finalizada a actividade no exterior, referindo que o grupo vencedor foi o grupo que conseguiu reunir em primeiro lugar todos os objectos da lista. O último grupo a terminar foi o grupo onde pertencia o João, para grande desagrado do resto da equipa, uma vez que ao realizar a sua prova na cadeira de rodas perdeu um pouco mais de tempo em relação aos colegas.

Finda a actividade voltámos para o interior da sala e solicitei aos alunos que se agrupassem conforme os grupos que tinham sido formados na estafeta. Distribui uma tabela com as mesmas imagens da tabela anterior, mas com o preço de cada produto.

A actividade que os alunos teriam que fazer era efectuar a soma dos preços dos produtos que se encontravam dentro do cesto para terem a noção de quantos euros iriam necessitar para efectuarem aquelas compras se fosse numa situação real.

Finalmente fiz com a turma uma pequena reflexão da actividade que realizámos. Nesta conversa os alunos mostraram agrado em relação à actividade exterior, com a excepção de alguns dos elementos do grupo onde estava o João que referiram não terem gostado de perder a prova por ele ter perdido tempo em relação aos outros.

Expliquei então que alguns meninos são mais rápidos que outros e que temos que compreender que a única forma que o João tem para se deslocar é através da cadeira, mas que também tinha o direito de participar de igual forma na actividade como os outros meninos.

Uma das colegas saiu em defesa do aluno referindo que havia meninos que também não corriam muito depressa e não tinham cadeiras.

Por fim perguntei também ao João se tinha gostado da actividade e este respondeu que tinha gostado muito de brincar no recreio, jogando com todos os colegas.

Balanço Reflexivo

Fazendo uma reflexão desta actividade penso que esta foi a que me correu pior em toda a minha intervenção com esta turma, uma vez que considero que a minha prestação não foi muito positiva pois senti alguma dificuldade em controlar o grupo no exterior da sala. Talvez teria sido de ser uma actividade fora do contexto de sala de aula os alunos estavam mais agitados e não consegui fazer com que estivessem sempre na fila aguardando a sua vez para jogar, pois por vezes saíam da fila e tive que lhes chamar a atenção mais que uma vez.

Tinha como objectivo que o João realizasse a prova sozinho com a cadeira, uma vez que em pé este não iria conseguir aguentar muito tempo, mesmo com ajuda pois ao fim de algum tempo estaria cansado e tinha que se sentar. Mesmo na cadeira foi preciso a minha

ajuda para a realização da prova pois o aluno sentiu alguma dificuldade em manusear a cadeira no espaço e para encontrar o objecto também necessitou que o ajudasse. Esta dificuldade sentida pelo aluno fez também com que os outros elementos do grupo ficassem impacientes com o tempo de espera, ficando atrasados em relação aos outros.

Optei por colocar o João em segundo lugar na equipa para que os alunos conseguissem recuperar o tempo que perdiam, uma vez que já sabia que a prova dele iria demorar sempre mais tempo que a dos outros alunos, no entanto isso não se verificou.

Outro motivo pelo qual considero que a minha prestação não foi muito positiva foi por ter que pedir o auxílio da professora da turma para não perder ainda mais o controle da turma, uma vez que ao estar a ajudar na prova do João não conseguia controlar o grupo no local de partida/ chegada da estafeta.

Dentro da sala penso que poderia ter explorado mais e de outra forma a actividade da soma dos preços dos produtos. Depois de reflectir sobre esta actividade considero que ficou inacabada, que poderia ter concluído de outra forma.

Nesta actividade deixei transparecer muito a minha insegurança, talvez a actividade não tenha sido bem planeada e / ou concretizada.

No entanto penso que este género de actividades devem ser repetidas uma vez que fortalecem os laços de equipa e entreajuda de todos os elementos e apela à participação de todos, incluindo assim todos da mesma forma.

Sessão 8

A intervenção desta sessão foi uma continuação da temática da sessão anterior em que os alunos aprenderam conceitos relacionados com o dinheiro. Para proceder a esta intervenção foi feita uma planificação que consta do Roteiro de Actividades da Sessão 8, existente em Anexo VIII.

Nesta sessão optei por realizar uma actividade de dramatização de uma ida ao supermercado, dividindo a turma em grupos de quatro elementos.

Pedi aos alunos que decidissem entre si quem seria o vendedor e quem seriam os compradores. De seguida dei a todos os grupos uma lista de compras contendo produtos das várias categorias, como por exemplo as mercearias, os produtos de higiene, entre outros e pedi que dos produtos que constavam na lista assinalassem um de cada categoria. Posteriormente

dei a cada um dos grupos uma bolsa contendo notas e moedas de plástico e papel a imitar as notas e moedas em circulação, num total de 20€ e ainda uma folha de registo.

Os vendedores dirigiram-se o seu posto e os compradores iniciaram a actividade dirigindo-se à bancada do comprador do seu grupo.

A cada objecto pedido pelos compradores o vendedor tinha de recortar dos catálogos do supermercado a respectiva imagem e entregá-la ao comprador, pedindo então o valor que se encontrava na tabela de preços.

Depois de todos os produtos assinalados terem sido comprados os alunos dirigiram-se para os seus lugares e preencheram a folha de registo em grupo.

Finalizada esta parte da actividade construímos um pictograma colando o número de símbolos (€) correspondente ao número total de dinheiro gasto nos produtos. Cada grupo escolheu qual seria o elemento que iria colar os seus símbolos na cartolina.

Depois de construído o pictograma fizemos uma pequena análise dos resultados onde perguntei o valor gasto por cada um dos grupos e qual o grupo e gastou mais e menos dinheiro.

Balanço Reflexivo

Depois de ter considerado que na actividade da semana passada não consegui atingir os objectivos pretendidos o mesmo não se passou nesta sessão. Penso que a actividade correu muito bem uma vez que as crianças mostraram-se motivadas com a tarefa, e apesar de ser a fingir os alunos estavam bastante sérios e concentrados na tarefa como se fosse realidade, sendo muito participativas.

O João desempenhou bem a sua tarefa de comprador, conseguiu fazer a associação do que estava na lista de compras com a imagem que cada objecto representava e o respectivo valor monetário.

Nesta actividade também esteve presente a cooperação entre todos os alunos dentro dos grupos, houve entreajuda quando havia alunos com mais dificuldades nas somas do total de euros gasto, os que sabiam explicaram e ajudaram os colegas a perceber.

Foi também notória a ajuda que os colegas do grupo do João lhe deram, uma vez que entenderam que como este não consegue escrever decidiram de início que quem iria colar os símbolos do grupo na cartolina seria ele.

Nesta actividade o aluno demonstrou menos dificuldades em espalhar a cola no papel, embora tenha tremor na mão quando o faz.

Penso que esta actividade estava melhor planeada, as crianças também demonstraram um verdadeiro trabalho de cooperação e de equipa, entendendo as dificuldades de cada um e ajudando a ultrapassá-las o melhor possível.

Na minha opinião a consolidação das aprendizagens recorrendo a um pictograma resultou bastante bem pois senti que a tarefa foi compreendida pelos alunos, sendo capazes de fazer uma interpretação do gráfico olhando apenas para os símbolos. Foi uma boa estratégia para dar a tarefa por terminada.

Sessão 9

Esta sessão foi elaborada consoante a planificação constante no Roteiro de Actividades da Sessão 9 que se encontra em Anexo VIII.

Nesta o tema principal era o Dia da Mãe e a elaboração da prenda para oferecer às mães neste dia, que consistia em decorar um pano para limpar os óculos com o recurso a tintas de tecido, assim como a construção do próprio papel de embrulho.

Para dar início à actividade conversei com os alunos sobre o significado do Dia da Mãe e o que este representava para eles, perguntando também que actividades é que cada um gostaria de fazer neste dia com a respectiva mãe.

Depois desta breve conversa expliquei qual a etapa por onde iríamos começar a actividade. A primeira tarefa a ser realizada foi escrever no caderno uma pequena poesia (quadra) que representasse algo que gostariam dizer às suas mães, mas que por ser uma poesia esta teria que rimar nas últimas palavras.

À medida que cada um ia escrevendo fui fazendo a correcção e ajudando aqueles alunos que tivessem mais dificuldade em fazer com que as palavras rimassem.

O João para elaborar a sua poesia disse oralmente o que queria dizer e foi ajudado pela professora titular a encontrar os símbolos e a imprimir no computador.

Quando todas as poesias estavam corrigidas distribuí a todas as crianças um pedaço de papel cavalinho que continha um pequeno rectângulo, desenhado por mim anteriormente, para cada um passar o texto previamente escrito. Posteriormente os alunos decoraram a seu gosto com aguarelas o papel em volta do rectângulo.

De seguida distribuí os tecidos aos alunos e cada um desenhou a seu gosto com as tintas de tecido, colocando na janela quando terminaram para que secassem.

Depois de secos os tecidos os alunos embrulharam os seus presentes com a minha ajuda, para que a poesia ficasse virada para cima, desta forma o embrulho serviu também como postal do Dia da Mãe, e colocaram laços feitos de rafia de várias cores.

Balanço Reflexivo

Toda a actividade correu como planeada e não ocorreram imprevistos, no entanto não me senti motivada para realizá-la porque foi uma planificação elaborada com actividades decididas pela professora, apenas me coube planificar a sua ordem e executá-la.

Aceitei realizar a intervenção baseada neste tema por ser um dia especial para as crianças e porque todas as actividades desta semana seriam alusivas ao tema, havendo também muitas actividades em contexto de escola com as mães das crianças, como por exemplo, durante a semana algumas mães iriam à escola fazer uma pequena actividade com a turma. Desta forma a minha intervenção estaria sempre comprometida uma vez que estaria sempre presente um adulto na sala.

Na minha óptica foi uma situação pontual, uma vez que nunca tinha acontecido não ter a autonomia de decisão nas minhas intervenções, todavia espero que de futuro não se repita pois assim não teria sentido estar em intervenção sem alguma liberdade para a elaboração das minhas planificações.

Apesar de todo o meu descontentamento tentei fazer o meu melhor e penso que correu bem toda a actividade, a turma envolveu-se muito no que estavam a fazer para que tudo pudesse ficar perfeito pois o presente era para alguém muito especial.

Em relação ao João apresentou muitas dificuldades em pintar e experimentou várias posições para o pincel de forma a fazer como lhe agradasse mais, mas mostrou-se muito satisfeito por poder fazer a pintura como os seus colegas, uma vez que anteriormente na actividade da escrita fez a sua com os símbolos, logo diferente de todos os outros.

Sessão 10

Esta sessão foi elaborada em consonância com a planificação constante no Roteiro de Actividades da Sessão 10 que se encontra em Anexo VIII, tendo como actividade principal a elaboração de um calendário semanal de forma individual.

Para introduzir o tema desta sessão comecei por perguntar aos alunos se sabiam para que servia um calendário, e se achavam que era importante ou não para o nosso dia-a-dia. A

maioria dos alunos respondeu que os calendários serviam para sabermos a data em nos encontramos. De seguida perguntei também se conheciam muitos calendários diferentes ou se eram os sempre os mesmos.

Após as respostas dadas pelos alunos expliquei que existem os calendários mensais, que iriam mais à frente aprender a utilizá-los que serviam para saber ver o dia, o mês e o dia da semana em que calha determinada data e que havia outros, como por exemplo o semanal. Em que se poderia registar acontecimentos que fizessem parte de cada dia da semana, exemplificando assim com a rotina diária que os alunos têm na segunda – feira.

Desta forma propus a cada aluno que pensasse nas rotinas que tem durante todos os dias da semana e fosse registando numa folha, ordenando os acontecimentos por ordem sequencial e temporal. De seguida, distribui a cada aluno uma cartolina A4 com as quadriculas desenhadas previamente e escritos os dias da semana para que fosse mais fácil de os alunos conseguirem ordenar os acontecimentos de coluna a coluna. Cada quadrado correspondia a uma actividade que fizesse parte desse mesmo dia e o objectivo era que cada um desenhasse um símbolo correspondente a essa actividade. Por exemplo: ir à escola era um desenho de uma escola ou de um livro.

Nesta actividade o João procurou no seu programa símbolos que pudessem ser utilizados nas actividades que o aluno tem semanalmente, mas antes pedi que me descrevesse o que fazia durante os dias da semana para juntos seleccionarmos as principais actividades. Posteriormente recortaram-se e coloram-se nos respectivos quadrados desenhados na cartolina.

Depois dos calendários construídos solicitei a alguns que me descrevessem o seu calendário, assim como pedi ao João que apresentasse aos colegas o seu calendário para que os alunos comparassem os seus “símbolos” com os símbolos existentes no programa de computador do colega para que ficassem também familiarizados com os símbolos que este utiliza na sua escrita.

Balanço Reflexivo

Esta actividade correu de forma bastante positiva, uma vez que os alunos colaboraram com muito entusiasmo, sem demonstrar dificuldades para executá-la como planeada.

Como aspectos positivos tenho a destacar o interesse que toda a turma demonstra em compreender melhor a forma de escrita do João, procurando sempre saber os significados de alguns símbolos e tentado adivinhar outros.

Penso que a adaptação das actividades com estas duas formas de escrita são bastante benéficas para todo o grupo, principalmente para o João porque se sente incluído em participar de igual modo nas actividades com toda a turma, assim como cada vez que pratica a escrita está também a tornar-se a cada dia que passa mais autónomo na utilização dos eu computador.

Outro aspecto positivo que retirei desta actividade foi observar que o João conseguiu ordenar correctamente os acontecimentos pela sua ordem ao relatar as actividades que tem ao longo da semana.

Como pontos menos positivos foi verificar que o aluno apesar de ordenar de forma correcta os acontecimentos de cada dia, não consegue discriminar a ordem pela qual se situam os dias durante a semana. A meu ver o aluno sabia os dias da semana baseando-se nas actividades específicas que tinha em determinado dia, por exemplo, na terça feira é dia de cavalos.

Outro aspecto menos positivo que observei em relação ao João foi a dificuldade que o aluno demonstrou na manipulação de alguns materiais, nomeadamente na utilização da cola, uma vez que agarrar os objectos para o aluno é bastante difícil, embora em sessões anteriores já tenha demonstrado várias alternativas para que conseguisse espalhar a cola nos materiais de forma mais autónoma.

Sessão 11

A intervenção nesta sessão subordinou-se à planificação constante no Roteiro de Actividades da Sessão 11 que se encontra em Anexo VIII, tendo como actividade principal a elaboração de um calendário mensal colectivo.

Esta sessão teve como principal objectivo a iniciação ao estudo dos calendários, recorrendo inicialmente aos principais datas que cada mês possui para depois serem introduzidas as leituras dos calendários com os dias e dias da semana.

Recorri à associação de imagens para que fosse mais perceptível de identificar os dias do mês.

Para que houvesse um grupo para cada mês repartí a turma em doze grupos de dois elementos, ordenando-os consoante o mês do ano, por exemplo, o grupo que estava na primeira mesa da ponta era o grupo 1 que correspondia ao mês de Janeiro. De seguida distribuí uma folha com umas palavras cruzadas contento pistas sobre os dias do mês que se encontravam nesse dia, para que os grupos adivinhassem.

À medida que cada grupo ia fazendo solicitavam que eu corrigisse as palavras para poderem passar à etapa seguinte, que seria procurar na internet imagens alusivas a esses dias, assim como as respectivas datas de cada um desses acontecimentos.

Depois de escolhidas e impressas as imagens dei a cada grupo um folha de esponja e um pedaço de velcro para que colassem as respectivas imagens.

Quando todos os alunos terminaram o seu trabalho, solicitei ao João que procurasse no seu computador imagens que fossem semelhantes às imagens que os outros grupos tinham, imprimindo-as depois para que cada grupo acrescentasse essa imagem à sua página.

No final foram ordenadas as páginas conforme a ordem de cada mês ao longo do ano, enquanto cada grupo dizia aos seus colegas qual o dia que cada imagem representava e colocaram-se as argolas formando assim um pequeno livro.

Balanço Reflexivo

Os aspectos positivos que retirei desta actividade foi a cooperação e organização existentes em cada grupo, não foi necessário distribuir papéis pois dentro dos grupos essa distribuição foi feita autonomamente.

Também foi bastante positiva a participação do João nesta actividade, pois teve um dos papéis principais na acção e senti que o aluno estava bastante agradado com a tarefa que tinha, uma vez que estava a ajudar no trabalho dos seus colegas. Muitas das vezes noto que o João sente necessidade de ser um pouco o centro das atenções porque quando isso não acontece desmotiva e desinteressa-se pela actividade mais facilmente.

Penso que esta actividade mais uma vez contribuiu de forma positiva para que o aluno praticasse mais no seu programa de escrita e mais uma vez demonstrar que as duas formas de escrita são possíveis de articular em diversas actividades, sendo bastante útil para as aprendizagens do João e dos outros colegas, uma vez que em determinadas actividades as imagens ajudam muito na compreensão da escrita.

Considero que o menos positivo foi a espera que os grupos tiveram que fazer para pesquisar na internet, como não foi possível nessa hora dirigimo-nos à biblioteca recorreu-se então aos dois computadores que estavam na sala de aula para realizar a actividade.

Em relação à minha prestação na intervenção penso que correu bem, apesar de ter sempre receio nas minhas planificações uma vez que muitas das vezes tenho alguma dificuldade em articular os conteúdos a serem abordados conforme apresentados nas planificações da professora titular de turma com os objectivos que tenho que me propus trabalhar com o João aquando a realização do meu projecto.

Sinto ainda mais dificuldade em tentar não expor as actividades com um carácter muito lúdico uma vez que tenho receio que a turma não corresponda por achar que estas não se adequam ao seu grau de escolaridade e maturidade, no entanto, faço-o por ter noção que de outra forma o João não consegue corresponder, desinteressando-se com frequência.

Sessões 12 e 13

A intervenção nesta sessão subordinou-se à planificação constante no Roteiro de Actividades das Sessões 12 e 13 que se encontram no Anexo VIII, tendo como temática principal os animais.

Como o tema dos animais é um tema muito vasto decidi fazer duas sessões com o mesmo tema, embora nas duas intervenções tenha abordado questões diferentes. Assim na sessão 12 a actividade teve como principal tarefa a elaboração de uma pesquisa das características dos animais de estimação dos alunos em que após se terem formado os grupos cada um decidiu qual o animal que iriam trabalhar e comunicaram-me para que não houvesse repetições dos animais.

Para cada grupo distribui uma folha que continha as perguntas: “o que come?”, “como se reveste o meu corpo?” e “Que cores posso ter?”. De seguida cada grupo fez a sua pesquisa, houve grupos que foram apenas à internet e outros utilizaram também alguns livros.

Para finalizar foi também recolhida uma imagem do animal, ou desenhada para quem preferiu, e colou-se nas folhas essa mesma imagem. Antes de se pendurarem no placard cada grupo apresentou à turma o seu animal e as características que ele tinha.

Para a sessão 13 houve uma continuação do tema dos animais, embora segundo a planificação da professora, deveria ser introduzido o tema das classes entre animais.

A introdução a este tema foi feita com o recurso a uma apresentação de power point onde coloquei imagens de animais e suas características, separando-os então por classes. Após várias repetições dos nomes das classes e a explicação das características principais de cada classe solicitei aos alunos que se separassem em grupos novamente como na sessão anterior, de seguida cada grupo escolheu o animal que queria.

Fui distribuindo a todos os grupos folhas com um texto a cerca do animal que escolheram, onde estavam apresentadas diversas características, assim como a classe a que pertencia e ainda outra folha com a imagem do animal e as perguntas: “como sou?”, “O que como?”, “Onde vivo” e “A minha classe é?”.

A actividade consistia em que os alunos lessem o texto e respondessem em conjunto às perguntas, escrevendo na folha para o efeito. Finalmente os grupos procuraram na internet um animal que pertencesse à mesma classe do que o seu.

Antes de terminar a actividade os grupos apresentaram o seu animal aos colegas e responderam a algumas perguntas que estes foram fazendo.

Finalmente distribuí uma pequena ficha que continha imagens de animais e na outra coluna a classe de cada um, para que os alunos ligassem o animal à classe correspondente.

Balanço Reflexivo

Fazendo uma breve reflexão destas duas actividades considero que foram bem aceites pelos alunos e foram desempenhadas com algum interesse, embora tenha notado que a primeira agradou mais aos alunos por ter sido feita na biblioteca e não na sala de aula.

As pesquisas foram efectuadas com sucesso pela maioria dos grupos, havendo apenas dois grupos que necessitaram da ajuda dos adultos para pesquisar.

Os aspectos mais positivos foi o interesse que os alunos demonstraram em todas as actividades e a forma de trabalharem em cooperação definindo autonomamente os papeis dentro do grupo.

Aspectos menos positivos considerei que os conteúdos propostos pela professora ainda eram difíceis de assimilar para as crianças desta faixa etária, uma vez que na sessão 13 houve muitas dúvidas e confusões por parte do grupo porque a maior parte não conseguiu fazer a distinção de todas as classes.

Talvez eu não tivesse também escolhido também os animais certos para a actividade, penso que não consegui atingir os objectivos propostos.

Se tivesse que refazer a actividade iria alterar a forma de abordar os conteúdos, não iria proceder assim desta forma, mas como não tenho autonomia suficiente para escolher os temas e conteúdos foi desta forma que abordei o tema.

Sessão 14

A intervenção nesta sessão subordinou-se à planificação constante no Roteiro de Actividades da Sessão 14 que se encontra em Anexo VIII, tendo como actividade principal a construção de um trabalho colectivo relacionado com o projecto educativo.

Depois de sairmos em grande grupo para o exterior e recolhermos algumas plantas ao redor da escola voltámos para a sala onde procedemos a uma breve análise destas. Observámos algumas características como a sua forma, a cor e a textura.

De seguida foram distribuídas aos alunos folhas brancas onde tinham que colar as plantas duas a duas, escrevendo por baixo de que planta se tratava, a data e a estação do ano em que nos encontrávamos.

Demos, assim início à construção de um pequeno herbário das espécies de plantas que é possível encontrar nas proximidades da escola. Este projecto terá continuação no futuro, cujo objectivo será em cada estação do ano recolher plantas no mesmo sitio para verificar se existem espécies novas ou mudanças no terreno.

Finalmente para aproveitar as plantas que não foram catalogadas no herbário os alunos decoraram em conjunto um papel de cenário, fazendo também, pinturas alusivas ambiente e à biodiversidade. Depois deste estar terminado, perguntei aos alunos se sabiam algumas regras que deveríamos ter para cuidarmos do ambiente, e à medida que os alunos respondiam iam escrever ao quadro a sua regra.

Como forma de consolidação da matéria dada os alunos fizeram uma ficha de estudo do meio onde tinham que através das imagens identificar as regras que estavam presentes, e escreve-las por baixo de cada ilustração.

Balanço Reflexivo

O grupo demonstrou muito interesse na actividade, principalmente na ida ao exterior onde acabámos por nos encontrar com outras turmas que se encontravam em actividades fora da sala de aula.

Esta escola promove muitas actividades para serem realizadas em conjunto com as turmas para que haja um espírito de interacção e partilha entre todos. Como o projecto educativo da escola tem como tema a biodiversidade este dia foi marcado com muitas iniciativas de promoção ao meio ambiente.

Cada turma realizou um trabalho colectivo para ser posteriormente colocado no átrio da entrada em exposição para todos os alunos tomarem conhecimento das actividades feitas em cada sala de aula.

Fiquei muito satisfeita por ter tido a oportunidade de orientar uma actividade que envolvesse o exterior da sala de aula, porque desta forma a turma trabalhou mais em conjunto e cooperaram entre si, ajudando os alunos que apresentavam mais dificuldade sendo também uma maneira de avaliar melhor o que os alunos sentem em relação a mim.

Dentro da sala notei que ao longo do tempo sentiram-se mais confortáveis com a minha presença e no exterior isso também aconteceu pois perceberam que a actividade estava a ser dirigida por mim e quando tinham dúvidas procuravam esclarece-las comigo.

O João gostou muito da actividade, mas quando estávamos no exterior tentei que ele andasse um pouco apoiado a mim e o aluno recusou e pensei que era melhor não insistir muito com ele. Deste modo, o aluno deslocou-se na cadeira de rodas e quando queria recolher alguma planta pedia a um dos colegas que lhe desse o que ele queria.

No final da actividade falei com a professora para tentar perceber porque teria ele reagido desta forma, ao que me explicou que as sessões de fisioterapia que o aluno está a fazer não estão a motivá-lo e ele tem apresentado alguma recusa em frequentar as sessões. Frisou então que tomei a atitude correcta em não insistir com o aluno para estar de pé, pois só iria fazer com que ele se desinteressasse do resto da actividade.

Sessão 15

A intervenção nesta sessão cingiu-se à planificação constante no Roteiro de Actividades da Sessão 15 que se encontra em Anexo VIII, tendo como actividade principal a construção de um puzzle.

Como este dia era o meu último de intervenção e a turma já se encontrava quase no final do ano lectivo planeei uma actividade de despedida, em que a turma construiu um puzzle em esferovite cuja imagem era uma montagem de várias fotografias de actividades que foram ocorrendo ao longo do ano.

A ideia da montagem de fotografias surgiu pela parte da professora que pretendia mostrar como trabalho de final de ano algo que mostrasse as principais actividades, de uma forma mais original.

Assim, surgiu a ideia de fazer uma montagem com as fotografias, depois de impressas em tamanho A3 foram recortadas pelos alunos e coladas em esferovite. De seguida foi recortado o excesso de esferovite e montou-se o puzzle em cima de papel cenário decorado com uma moldura em papel autocolante de cor verde, colando as peças com fita cola

Balanço Reflexivo

A última intervenção foi correu muito bem, pois era uma actividade mais simples e informal e os alunos estavam muito entusiasmados para descobrirem o que estava afinal na imagem que era para montar.

Depois da tarefa finalizada distribui pela turma um chupa - chupa como presente de despedida e fui surpreendida quando o João me entregou um cartão com desenhos e frases de todos.

Chegando ao final destes meses de intervenção conclui que apesar de não ser a minha turma, e de estar presente apenas uma vez por semana, consegui realizar as actividades que havia proposto embora ter consciência que só foi possível porque a professora de apoiou e me deu liberdade para interagir com todos, e em especial com o João.

Tenho a perfeita noção que profissionalmente sou muito inexperiente e que tenho um longo caminho a percorrer, principalmente na Educação Especial, mas julgo ter tido um bom desempenho com a turma e tentei sempre que o aluno participasse activamente nas actividades que iam decorrendo.

Sempre que estavam a decorrer as actividades a minha preocupação foi sempre que o aluno fizesse sempre o mais possível de forma autónoma ou com a ajuda de algum colega. Ao longo das sessões fui notando algumas evoluções, principalmente nas tecnologias de apoio.

No que diz respeito aos objectivos definidos de início para a minha intervenção junto do João alguns não foram possíveis de trabalhar tantas vezes como outros, uma vez que não eram possíveis de articular com as actividades constantes nas planificações. Como por exemplo, lavar as mãos. As idas à casa de banho eram feitas no intervalo pelo que eu não assistia, não conseguindo trabalhar junto do aluno esta tarefa.

No que diz respeito à minha relação com o João sempre foi uma relação de cumplicidade, pois o aluno recebeu-me sempre com muito agrado na sala pois estava ali para trabalhar com ele, dando – lhe a atenção que nem sempre era dada. Realizou sempre as

actividades propostas e admitiu sempre as suas dificuldades, pedindo ajuda aos colegas ou aos adultos na sala.

Muito ficou por fazer e sempre haverá dificuldades que o João irá enfrentar ao longo da sua escolaridade, mas penso que dentro da sala o meu contributo foi significativo para a mudança dentro da sala, uma vez que o aluno esteve mais presente nas actividades do que o observado antes.

O meu desejo era poder continuar no futuro a ajudar o João e todas as outras crianças em situação de NEE pois é um universo ainda muito desconhecido para mim, mas que cada vez me fascina mais.

6- AVALIAÇÃO GLOBAL

A avaliação global destina-se a fazer uma breve reflexão de todo o trabalho envolvido para a construção desde projecto de investigação - acção.

Após ter sido feito inicialmente um estudo da situação em que iria intervir através da recolha de dados que me permitissem ter um conhecimento aprofundado da problemática cheguei à questão de partida que era: Como promover as aprendizagens numa turma de 1º ano de escolaridade”, delineando uma planificação a longo prazo onde identifiquei as áreas e os objectivos para trabalhar com o aluno.

Posteriormente foram elaboradas planificações a curto – prazo, realizadas semanalmente com toda a turma, que continham um plano elaborado que englobasse os objectivos por mim definidos na planificação a longo prazo e as planificações das docentes de turma e de educação especial.

A minha intervenção realizou-se ao longo de quinze sessões, em que cada uma tinha a duração de aproximadamente noventa minutos uma vez que me encontrava com a turma uma vez por semana.

No fim de cada sessão redigi uma reflexão onde registei os acontecimentos desta e a minha opinião, receios e ideias face às actividades.

Para fazer a avaliação das sessões construiu-se uma grelha de registo (ver tabela 3) onde se registaram os resultados da planificação a longo prazo, ou seja, onde se avaliaram de que forma os objectivos definidos a longo prazo foram adquiridos pelo aluno. Esta grelha foi construída também com base na observação e reflexões das sessões.

Inicialmente senti alguma dificuldade em proceder à articulação dos conteúdos de modo a trabalhar com toda a turma ao mesmo tempo e incluir o aluno em todas as actividades, uma vez que sentia algum receio que houvesse alguma desmotivação por parte dos alunos.

Como estava definido pelas docentes da turma e de educação especial que a minha intervenção iria decorrer nas horas de área – projecto e expressões optei por interligar estas com as outras áreas principais: língua portuguesa, matemática e estudo do meio, planificando actividades mais lúdicas que abrangessem as temáticas pertencentes ao programa do 1º ano de escolaridade, e consequentemente, às planificações das docentes.

Quando iniciei a minha intervenção a integração do aluno na turma já estava feita, porém existiam poucas as actividades em que o aluno participava. Contudo essa realidade alterou-se nas sessões de intervenção uma vez que o aluno participava activamente nas

actividades. O facto de ser essencialmente trabalho de grupo permitia que o aluno tivesse auxílio dos seus pares em determinadas dificuldades.

No final da intervenção a turma já estava adaptada à minha presença dentro da sala, participando com entusiasmo em todas as actividades.

Para consolidar melhor a avaliação de toda a intervenção apliquei novos instrumentos de recolha e análise de dados (sociometria e entrevista) para obter elementos que me permitissem chegar às conclusões deste projecto de investigação – acção, nomeadamente:

6.1- A nível do grupo e do aluno “caso”

Segundo o resultado da sociometria, no final da intervenção, o grupo tinha um bom relacionamento, apesar de existir alunos menos populares que outros a turma poder-se-á considerar uma turma heterogénea do que diz respeito às escolhas, uma vez que o grupo se relaciona num todos, não havendo grandes discrepâncias nas escolhas ou rejeições dos pares.

Situação que não se verificou nos resultados da primeira sociometria em que as escolhas indicavam que a turma estava definida em dois grandes grupos consoante o sexo.

Em relação ao aluno “caso” desde o início que não houve rejeições nas escolhas dos seus pares, significando por isso que o aluno se encontra integrado na turma, tais resultados foram idênticos nos testes sociométricos aplicados depois da intervenção. Em relação às escolhas do João nos dois testes, o aluno modificou as suas escolhas em relação aos seus colegas de turma.

No que concerne à opinião das entrevistadas, assim como às reflexões das sessões de intervenção a turma possui um bom relacionamento e empenhada, uma vez que os objectivos de trabalho foram todos alcançados no final do ano.

Para as entrevistadas o aluno apresenta muitas dificuldades e as suas aprendizagens foram pouco significativas devido às suas limitações, no entanto encontra-se bem incluído na sua turma, participando nas actividades e rotinas da sala de aula. Iniciou a leitura e a escrita manuseando o seu computador equipado com o programa GRID2, adquiriu também alguns conteúdos de matemática.




É uma criança muito sociável que gosta de ter pessoas perto para o ajudarem, mas por vezes, perante uma dificuldade acaba por se recusar perante algumas tarefas.

Em relação às aprendizagens adquiridas no final da intervenção o aluno tinha como objectivos adquiridos apertar as molas da roupa com ajuda, ler e escrever através das tecnologias de apoio, apontar e nomear objectos que faltam numa imagem e separar objectos por categorias.

Iniciada a aprendizagem, mas necessitando de ajuda para executar a tarefa o aluno conseguia identificar os passos para lavar as mãos, não conseguindo lavar de forma autónoma, fazia formas simples em plasticina juntando duas ou três partes e construía uma torre com três cubos se ajudado.

As aprendizagens não adquiridas pelo aluno ao longo do tempo de intervenção foram pedir, quando necessário, que um adulto o assoa-se, virar páginas uma de cada vez e manter-se de pé com o máximo de apoio. Esta última aprendizagem não foi exercitada muitas das vezes por recusa do aluno em colocar-se de pé, mesmo apoiado por um adulto.

Quadro nº 3 – Grelha de registo das aprendizagens

Área	Sub- área	Objectivos gerais	Objectivos específicos	Não adquirido	Iniciado com ajuda	Adquirido	Observações
Autonomia	Higiene	Lavar as mãos	Lavar as mãos identificando os passos da tarefa				Identifica os passos da tarefa, mas não consegue lavar as mãos sozinho
		Assoar-se	Quando necessário e sem que se lhe recorde limpa o nariz e assoa-se 75% das vezes				Quando necessita pede a um adulto que lhe assoe o nariz
		Vestir-se	Saber apertar molas da roupa com ajuda				Consegue apertar molas da roupa, mas sempre com a ajuda de um adulto

	Comunicação	Ler	Saber ler e escrever através de tecnologias de apoio				Palavras e frases simples
		Escrever					
Desenvolvimento motor	Motricidade Fina	Manipular objectos	Virar as folhas de um livro uma de cada vez				Vira várias folhas de cada vez
		Fazer formas simples	Faz formas simples em plasticina juntando 2 ou 3 partes				Consegue juntar duas partes sem ajuda
		Coordenar movimentos finos	Constrói uma torre com 3 cubos				Coloca os cubos se o adulto ajudar a segurar
	Motricidade global	Controla a postura	Mantém-se de pé com o máximo de apoio				Recusa por vezes em sair da cadeira
Cognição	Matemática	Compreender as noções de pertença e exclusão	Aponta ou nomeia os elementos que faltam numa imagem				Identifica quais os elementos em falta numa imagem
		Adquirir noções de agrupar	Separa objectos por categorias				Separa objectos pela sua forma, cor e tamanho

6.2- A nível do contexto escolar

Segundo os dados das docentes e da observação feita ao longo da intervenção o ambiente escolar é agradável.

Realizam-se muitas actividades em conjunto com as outras turmas e a comunidade onde a escola se insere, os docentes possuem um bom relacionamento existindo entreajuda na realização das actividades.

O aluno “caso” encontra-se plenamente integrado no seu meio escolar, convivendo com todos os pares e participando em todas as actividades. Gosta de receber afectos de todos: alunos, auxiliares e docentes.

6.3- A nível do processo

O processo de intervenção decorreu no geral de uma forma bastante positiva, fui bem recebida por todos dentro da escola. Sendo esta possível graças à disponibilidade das docentes de turma e de educação especial em me aceitarem no seu espaço, com os seus alunos de forma a poder realizar as actividades.

Foi-me fornecido todo o material necessário à minha investigação e procuraram sempre que possível avaliar comigo cada sessão para que eu tivesse um feedback das actividades, permitindo assim que melhorasse as minhas estratégias para as sessões que se seguiam.

A maior dificuldade encontrada foi a planificação de actividades que articulassem os conteúdos abordados pela docente nas suas planificações com os objectivos por mim propostos em relação ao aluno.

No início senti, também alguma dificuldade em conquistar alguma posição em relação à turma pois os alunos não me conheciam. Porém com o decorrer das semanas esse sentimento de falta de confiança foi-se atenuando e consegui estabelecer uma relação com a turma.

O facto de ser uma turma de primeiro ciclo também contribuiu de certo modo para sentir insegurança em relação à intervenção por não me encontrar muito familiarizada com os conteúdos que são abordados no programa deste ano de escolaridade. Na minha profissão os conteúdos são abordados de uma forma simples e sempre mais lúdica.

Encontrava-me insegura por expor os temas e actividades dessa mesma forma, com receio que os alunos considerassem as actividades inadequadas às suas idades. Felizmente os alunos gostaram e motivaram-se com o decorrer destas.

No que diz respeito aos objectivos propostos para o aluno fiquei um pouco apreensiva no decorrer das actividades porque fiquei consciencializada que podia ter abordado todos eles de igual forma, no entanto acabei por insistir com maior incidência em alguns.

Se houvesse um projecto no futuro teria que reformular novamente os objectivos e definiria um menor número para poder trabalhá-los de uma forma mais aprofundada. Alteraria também o número de vezes que me deslocaria à sala para que o trabalho tivesse uma continuidade ao longo da semana, em vez de ser uma sessão apenas por semana.

Talvez escolhesse o momento de intervenção quando tivesse uma turma em que leccionasse porque deste modo iria conseguir uma continuidade pedagógica que neste caso não foi possível de realizar.

Contudo estou muito grata por ter conseguido realizar a intervenção do meu projecto de investigação – acção dentro das condições em que me encontrava.

Considero que possuo ainda um longo caminho a percorrer no que diz respeito à Educação Especial mas gostei muito de elaborar este trabalho, sentindo-me bastante útil e realizada por poder prestar algum apoio a quem necessitava.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Ilações Relevantes

Este projecto de investigação – acção teve como ponto de partida o estudo sobre o modo de incluir numa sala do primeiro ano de escolaridade onde se encontrava uma criança em situação de necessidades educativas especiais.

Apoiada pelas teorias da aprendizagem cooperativa e nos princípios da educação inclusiva, proporcionou-se aos alunos algumas actividades individuais e colectivas que requeriam uma planificação e posterior avaliação.

Apesar de algumas limitações, de entre as quais a impossibilidade da recolha de informações por parte da família do aluno, o desenvolvimento de algumas actividades e a escassa informação sobre a síndrome que o aluno sofria e a falta de oportunidade de trabalhar profundamente alguns dos objectivos propostos, parece possível concluir que é possível incluir numa sala de primeiro ano de escolaridade.

Acredita-se que a conclusão mais relevante que se pode retirar deste estudo é que a inclusão será conseguida se houver um esforço por parte do docente em articular planificações e estratégias de modo a haver participação de todos nas actividades independentemente das suas dificuldades.

Salienta-se ainda que perante determinadas situações os processos de reflexão foram benéficos e representam um enorme contributo para o processo de avaliação e para o desenvolvimento profissional e pessoal da investigadora, uma vez que permitiram que esta se tornasse mais reflexiva e capaz de agir perante situações de maior insegurança para prestar o apoio mais adequado ao aluno e à turma.

A análise da informação recolhida através dos instrumentos de recolha e tratamento de dados permitem fomentar as seguintes ilações:

- A turma possui uma grande empatia em relação ao aluno, revelando que este se encontra bem integrado.
- Para a professora titular de turma o facto de terem alcançado todos os objectivos propostos revela que a turma foi empenhada, motivada, interessada e participativa.
- O progresso a nível das aprendizagens do aluno não foram muito significativas em relação aos objectivos a serem atingidos, porém algumas competências foram adquiridas com sucesso.

- O grande objectivo para o aluno era a sua socialização e integração no meio escolar, competências que se encontram relacionadas e ambas foram conseguidas com êxito.

Este projecto de investigação – acção que se relaciona com a aprendizagem de estratégias para a inclusão pretende ser um contributo para professores interessados em modificar as suas práticas pedagógicas e facilitar o processo de aprendizagem dos seus alunos.

Os resultados do projecto indicam que é possível incluir numa sala de primeiro ciclo se forem utilizadas estratégias adequadas a todos os alunos para que todos possam dar o seu contributo.

Os alunos que participaram nesta investigação aderiram com entusiasmo a actividades mais lúdicas, revelando que a diversificação de estratégias contribui para uma melhor assimilação de conteúdos, superando algumas dificuldades, depositando sentimentos de confiança e predispondo todos para a experimentação de novas estratégias de acção.

A articulação das actividades com as tecnologias de apoio facilitaram a comunicação do aluno na parte da escrita e da leitura, dando a possibilidade também, de estarem todos em contacto com a simbologia do programa GRID, havendo por isso melhor entendimento entre os pares.

A falta de informação relativa à intervenção de crianças com esta síndrome dificultou um pouco a escolha das actividades para todo o grupo.

RECOMENDAÇÕES

Com base na presente investigação é possível apresentar sugestões para futuras pesquisas que partindo dos mesmos pressupostos teóricos poderão conduzir a melhores resultados na inclusão e aprendizagem dos alunos com esta síndrome.

Em primeiro lugar considera-se interessante que pudesse ser dada uma continuidade ao estudo desta problemática, no sentido de aprofundar os efeitos das estratégias apresentadas, averiguar a sua continuidade por parte de professores e alunos, assim como a criação de novas práticas pedagógicas.

Destacam-se ainda algumas sugestões futuras para a realização de projectos relacionados com esta temática:

1. Uma investigação no âmbito das estratégias inclusivas em todo o ambiente escolar.
2. Um plano alargado a todas as turmas que promovam a inclusão de todos os alunos, proporcionando assim novas experiências e uma partilha entre todos.
3. Uma investigação que proporcione aos professores a aquisição de conhecimentos e estratégias inclusivas para aplicarem nas suas práticas pedagógicas.

Estes e outros estudos possibilitariam uma melhor compreensão e um alargamento das práticas inclusivas nas escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abarello, L., Digneffe, F. & al (1997). *Práticas e métodos de investigação*. Lisboa: Gradiva
- Ainscow, M. (1995). Educação para Todos: Torná-la uma Realidade. *Caminhos para as Escolas Inclusivas*. Lisboa: IIE.
- Ainscow, M. (1997). Educação para todos: torná-la uma realidade. In: Ainscow, M., Porter, G. e Wang, M. *Caminhos para as escolas inclusivas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Ainscow, M., Porter, G. & Wang, M. (1997). *Caminhos para as escolas inclusivas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Amante, L. (2007). As TIC na Escola e no Jardim de Infância: motivos e factores para a sua integração In *Sísifo - Revista de Ciências da Educação*, 03. 51- 64.
- Araújo, R. C. T; Manzini, E.J. (2001) Recursos de ensino na escolarização do aluno com deficiência física. In Manzini, E. J. (Org). *Linguagem, cognição e ensino do aluno com deficiência*. Marília: UNESP – Publicações.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Ed. Mcgraw-Hill.
- Associação Portage (1994) *Guia de pais para a educação precoce*. Lisboa: DC Autor.
- Azevedo, L. (2005). Tecnologias de Apoio à Comunicação Aumentativa. *Revista Diversidades*. Ano 2, nº 7. 4-9.
- Bairrão, J. B; Pereira, F; Felgueiras; I. Fontes, P; Vilhena, C. (1998). *Os Alunos com Necessidades Educativas Especiais: Subsídios para o Sistema de Educação*. Lisboa: CNE.
- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Edições 70: Lisboa
- Basil, C. (1994). Los alumnos con parálisis cerebral: desarrollo y educación. In Coll, C.; Palacios, J; Marchesi, A. (1994) *Desarrollo psicológico y educación – III Necesidades educativas especiales y aprendizaje escolar*. Madrid: Alianza Psicología.
- Bautista, R. (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivro.
- Bell, J. (1993). *Doing your research Project*, Milton Keynes: Open University Press.
- Bénard da Costa, A. M. (1981). Educação Especial. In Silva, M. & Tamen, I. *Sistema do Ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação. (pp.307- 353)

Bessa, N. ; Fontaine, A. (2002). *Cooperar para aprender – Uma introdução à aprendizagem cooperativa*. Porto: Edições ASA.

Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora: Porto

Booth, T.; Ainscow, M. (2002). *Index for Inclusion: developing learning and participation in schools*. CSIE: Bristol

Brasil.(1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais- Adaptações Curriculares- Educação Especial*. Brasília: MEC. Acedido a 20 de Novembro, 2010 em <http://www.webartigos.com/articles/15796/1/Adaptacoes-Curriculares-da-Educacao-Especial-Analise-dos-Discursos-e-das-Representacoes-sobre-o-Outro/pagina1.html#ixzz17MC5FILa>

Burns,Y.; Macdonald ,J (1999). *Fisioterapia e Crescimento na Infância*. 1ª ed. Santos: Santos Editora.

Calado, S. (2004). *Análise de documentos: métodos de recolha e análise de dados*. DEFCUL.Disponível: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>, visto em 18/12/2009

Capellini, V. L. M. F. (2004) Avaliação das possibilidades do ensino colaborativo no processo de inclusão escolar para alunos com deficiência mental. Dissertação apresentada ao Departamento de Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos para a obtenção do grau de doutor, orientada pela Professora Doutora Enicélia Gonçalves Mendes, São Carlos. Acedida em 21 de Novembro, 2010 em http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=556

Carvalho, R. (2004) *Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”*. Porto Alegre: Mediação.

César, M. (2003). A escola inclusiva enquanto espaço-tempo de diálogo de todos e para todos. IN Rodrigues (Ed.) *Perspectivas sobre a inclusão: Da educação à sociedade*. Porto: Porto Editora. (pp. 117-149).

Cohen, L. e Manion, L. (1994). *Research Methods in Education*. Fourth Edition, London and New York: Routledge

Cordeiro, M. (2006). Necessidades Educativas Especiais e Tecnologias da Informação e da Comunicação. *Revista Diversidades*. Ano 3, nº 11. 31- 36.

Correia, L., M. (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes regulares*. Porto: Porto Editora.

Damasceno, L ; Filho, T.,. (2006). Tecnologias Assistivas para autonomia do aluno com necessidades educativas especiais. *Revista Inclusão*. Julho. 25 -32.

Ekman, L. L.(2000). *Neurociências: Fundamentos para a reabilitação*. Rio de Janeiro: Guanabara.

Elliott, J. (1994). *El cambio educativo desde la investigación-acción*, Madrid: Morata.

Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In J. A. Lima e J. A. Pacheco (orgs.). *Fazer investigação: contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Edições Panorama. (pp. 105-126).

Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes*. Porto: Porto Editora.

Ferreira, M. ; Ponte, M.; Azevedo, L. (1999). *Inovação curricular na implementação de meios alternativos de comunicação em crianças com deficiência neuromotora grave*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.

Fierro, A. (1994). La escuela frente al deficit intelectual. In Coll, C.; Palacios, J; Marchesi, A. (1994) *Desarrollo psicológico y educación – III Necesidades educativas especiales y aprendizaje escolar*. Madrid: Alianza Psicología.

Fraile, L.(1998) *El trabajo en grupo: Aprendizaje cooperativo en secundaria*. Bilbao: Serviço Editorial de la Universidad del País Vasco.

Freitas, L.V.; Freitas, C.V. (2002). *Aprendizagem Cooperativa*. Porto: Edições ASA.

Garben, J. (2006). Palizaeus – Merzbacher disease: Genetic and cellular pathogenesis. *Cellular and Molecular Life Sciences Journal*”. Vol. 64. Nº 1 Janeiro / 2007. Birkäuser Basel. Disponível em <http://emedicine.medscape.com/article/1153103-overview>, visto em 21/12/2009

Geralis, E. (2007). *Crianças com Paralisia Cerebral – Guia para pais e educadores*. Porto Alegre: Artmed.

Ghiglione, R; Matalon, B. (1993). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora

Gomez, I. (1990). Concepciones psicoeducativas e intervención pedagógica, in *Cuadernos e Pedagogías*, nº 183, s/l, pp. 38-42.

Hegarty, S.; Hogdson, A.; Clunies – Ross, L.(2004). *Aprender Juntos. La integración escolar*. Madrid: Morata.

Hoffmann, R.; Tafner, M.; Fischer, J. (2003) Paralisia cerebral e aprendizagem: um estudo de caso inserido no ensino regular. *Revista Leonardo Pós*, Santa Catarina, v. 1, n. 2 jan/ jul. p.75-82.

Hurley, J., Proctor, J. & Ford, R. (1999). Collaborative inquiry at a distance: Using the Internet in geography education. *Journal of Geography*, 98 (3), 128-140.

Kagan, S. 1994. *Cooperative Learning*. Kagan Cooperative Learnig: San Clemente.

Kemmis, S. (1988). *El curriculum: más allá de la teoría de la reproducción*. Madrid: Morata.

Northway & Weld (1999). *Testes Sociométricos*. Um guia para professores", (2ª Edição). Lisboa: Livros Horizonte.

Lima, V. (2008). Publicações sobre a escolarização de crianças com paralisia cerebral na RBEE: 200- 2008. Projecto apresentado ao Departamento de Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos para a obtenção da Licenciatura em Plena Pedagogia, orientada pela Professora Doutora Enicélia Gonçalves Mendes, São Carlos. Acedida em 21 de Novembro, 2010 em http://www.ufscar.br/~pedagogia/novo/files/tcc/tcc_turma_2005/260983.pdf

Ministério da Educação, & Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. (2008). *Educação Especial – Manual de Apoio à prática*. Lisboa: ME/DGIDC.

Ministério da Educação. *Decreto-Lei n.º 3/ 2008*, de 7 de Janeiro.

Mir, C.; Casteleiro, J.M.; Castelló, I.; Ciera, I.; Garcia, M.T.; Jorba, A.; Lecinena, M.; Molina, L.; Pardo, A.M.; Rué, J.; Torredemer, I.V. (1998) *Cooperar en la escuela: La responsabilidade de educar para a democracia*. Barcelona: Biblioteca de Aula.

Morgado, J. (2003). *Qualidade, Inclusão e Diferenciação*. Lisboa: ISPA.

Organização Mundial da Saúde (2003). *Manual da Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*. Lisboa: Direcção-Geral da Saúde.

Palacios, J. (1987). Reflexiones en torno a las implicaciones educativas de la obra de Vygotsky. In M. Siguán (Coord.), *Actualidad de Lev S. Vygotsky* (pp. 176-188). Barcelona: Editorial Anthropos

Parrilla, A. (1992). *La integración escolar como experiencia institucional*. Sevilha: GID

Patton, M. O. (1980). *Qualitative evaluation methods*. Beverly Hills CA: Fage.

Ponte, M.; Azevedo, L. (2003). *Comunicação Aumentativa e Tecnologias de Apoio: Manual de Cursos*. Lisboa.

Quivy, R. ; Campenhout, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva

Rodrigues, D. (2001). *Educação e Diferença Valores e práticas para uma Educação Inclusiva*. Porto: Porto Editora.

Rose, R. (2001) Primary school teacher perceptions of the conditions required to include pupil with special education needs. *Educational Review*. Vol. 53, nº2.

Ruiz, M.; Pereja, E. (2002). Las adaptaciones curriculares como estrategias de atención a la diversidad. In Palomino, A.; González, J. (2002) *Educación Especial: centros educativos y profesores ante la diversidad*. Madrid: Ediciones Pirâmide.

Sharan, S. (1990). *Cooperative Learning*. London: Praeger Publishers.

Sherman, L. W. (2000). Cooperative learning and computer-supported intentional learning experiences. In C. R. Wolf (Ed.), *Learning and teaching on the World Wide Web* (pp. 113-127). San Diego, C.A: Academic Press.

Silva, M.(2009). Da Exclusão à Integração: Concepções e Práticas In *Revista Lusófona de Educação*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Slavin, R. E. (1990). *Cooperative learning: theory, research and practice*. Upper Saddle River, N.J.: Prentice-Hall.

Slavin, R.E. (1991). *Student team learning: a practical guide cooperative learning*. (3ª edição). Washington: National Education Association.

Stenhouse, L. (1987). *Investigation y desarrollo del curriculum*. Madrid: Morata.

Tetzchner, S.; Martisen, H. (2000). *Introdução à Comunicação Aumentativa e Alternativa*. Porto: Porto Editora Porto.

The Pelizaeus-Merzbacher Disease Foundation [The PMD Foundation]. (2010). Acedido a 15 de Novembro, 2010 em <http://www.pmdfoundation.org/>

UNESCO (1994). “*Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais – Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade*”. Paris: UNESCO

United Leukodystrophy Foundation - <http://www.ulf.org/types/pelizaeus.html>, visto em 20/12/2009

Vieira, F.; Pereira, M. (1996). «*Se houvera quem me ensinara quem aprendia era Eu...*». Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Wood, M. (1998) Whose job is it anyway? Educational roles in inclusion. *Excepcional Children*.64,2.181–195.

ANEXOS

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1— Planificação Global da Intervenção	49
Quadro 2- Planificação a curto prazo	53
Quadro 3- Grelha de Registo das Aprendizagens	88

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I : Teste sociométrico	iv
a) questionário	iv
b) Matriz Sociométrica de escolhas – Primeira Aplicação	v
c) Matriz Sociométrica de rejeições – primeira aplicação.....	vi
d) Matriz Sociométrica de escolhas – reaplicação.....	vii
e) Matriz Sociométrica de rejeições – reaplicação	viii
f) Análise dos Resultados – Primeira Aplicação.....	ix
g) Análise dos resultados – reaplicação.....	x
Anexo II: Primeira Entrevista à professora titular de turma	xi
a) Guião da entrevista.....	xi
b) Protocolo da entrevista	xiv
c) Análise de conteúdo	xvii
d) Apresentação de resultados	xxii
Anexo III: Primeira entrevista à professora educação especial.....	xxv
a) Guião da entrevista.....	xxv
b) Protocolo da entrevista.....	xxviii
c) Análise de conteúdo	xxx
d) Apresentação de resultados	xxxiii
Anexo IV : Segunda Entrevista à professora titular de turma	xxxv
a) Guião da entrevista.....	xxxv
b) Protocolo da entrevista	xxxvii
c) Análise de conteúdo	xxxix
d) Apresentação de resultados.....	xli
Anexo V : Segunda Entrevista à professora educação especial	xlii
a) Guião da entrevista	xlii
b) Protocolo da entrevista.....	xlvi
c) Análise de conteúdo	xlvi
d) Apresentação de resultados	li
Anexo VI : Observação naturalista	liii
a) Protocolo	liii
b) Apresentação dos dados	lxi
c) Análise dos dados.....	lxv

Anexo VII – Planta da sala.....	lxviii
Anexo VIII: Roteiro de actividades	lxix
Roteiros 1 e 2	lxix
Roteiro 3.....	lxxi
Roteiros 4 e 5	lxxiii
Roteiro 6.....	lxxv
Roteiro 7.....	lxxvii
Roteiro 8.....	lxxix
Roteiro 9.....	lxxxi
Roteiro 10.....	lxxxiii
Roteiro 11.....	lxxxiv
Roteiro 12.....	lxxxv
Roteiro 13.....	lxxxvi
Roteiro 14.....	lxxxvii
Roteiro 15.....	lxxxviii

Anexo I : Teste sociométrico

a) Questionário

I - 1. Se pudesses escolher o teu colega de carteira, quem escolherias? -----

Indica outro colega -----

E ainda outro -----

E quem não escolherias? -----

II - 1. Para realizar um trabalho a pares, quem escolherias para trabalhar contigo? -----

Indica outro colega -----

E ainda outro -----

E quem não escolherias? -----

III - 1. Quem gostarias de escolher para brincar contigo no recreio? -----

Indica outro colega -----

E ainda outro -----

E quem não escolherias? -----

Nome:-----

Fonte: Adaptado de Estrela (1986:382)

b) Matriz sociométrica de escolhas – primeira aplicação

		Sexo Masculino															Sexo Feminino										N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24			
Sexo Masculino	1			233					320				112	001												9	4	
	2	113					200	331	022																	9	4	
	3							003			002	300	120		010	231										9	6	
	4						221		330				112									003				9	4	
	5	002	120	003					030				311													9	6	
	6								202				030	111		323										9	4	
	7		020	010	200					101	003	300		002		200				030							9	8
	8						030			113			202	300	020						001						9	6
	9					300		020	101					202	010										003	8	6	
	10					300		021		230		113														8	4	
	11			333									222			111										9	3	
	12			303			020		102					030	201										010	9	6	
	13	020					210		101	002				030		303											9	6
	14			012	003				200					101			300		020					030			9	7
	15						300		200	002		103	001							030	020				010	9	8	
Sexo feminino	16																		202	030	020	010	100	001	300	003	9	8
	17																			033			221	312			8	3
	18																		032		300	020			203	111	9	5
	19								001									010	020	100			030	202	303		9	7
	20																	333			020		122		201		9	4
	21																	133	200			311			022		9	4
	22						300					030	100	010		020		002	201						003	9	8	
	23																	002	111	200		023	030			300	9	6
	24			002					300				203			101	230	010						020			9	7
Totais por Critério		122	120	346	101	200	541	113	946	324	002	422	968	334	232	644	244	454	241	131	142	342	234	415	233			
Totais combinados		5	3	13	2	2	10	7	19	9	2	8	23	10	7	14	10	13	7	5	7	9	9	10	8	213		
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido		3	2	7	2	2	7	4	12	5	2	5	12	7	5	7	6	8	6	5	4	5	6	6	6			

c) Matriz sociométrica de rejeições – primeira aplicação

		Sexo masculino															Sexo feminino										N.º de rejeições	N.º de indivíduos rejeitados
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24			
Sexo Masculino	1					110														001						3	2	
	2										111															3	1	
	3								001	100																3	3	
	4										111															3	1	
	5									010	100					001										3	3	
	6									111																3	1	
	7														100								001	010	3	3		
	8						100																010		3	3		
	9						001	100				010														3	3	
	10																							111		3	1	
	11																									3	1	
	12											111										111				3	1	
	13						111																			3	1	
	14	100										011														3	2	
	15						001	100																		3	3	
Sexo feminino	16	001				010					100															3	3	
	17																				010				101	3	2	
	18				010		001											100								3	3	
	19				100				001															010		3	3	
	20					111																				3	1	
	21																							100	011	3	2	
	22												001		100					010						3	3	
	23									010	101															3	2	
	24										110								001							3	2	
Totais por Critério		101	0	111	0	544	100	002	001	231	765	0	001	010	200	001	100	001	0	011	010	111	0	232	132			
Totais combinados		2	0	3	0	13	1	2	1	6	18	0	1	1	2	1	1	1	0	2	1	3	0	7	6	72		
N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado		2	0	3	0	8	1	2	1	4	9	0	1	1	2	1	1	1	0	2	1	1	0	5	4			

Legenda: 1º critério – situação de classe; 2º critério – situação de trabalho; 3º critério – situação de recreio

d) Matriz sociométrica de escolhas – reaplicação

		Sexo masculino															Sexo feminino										N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24			
Sexo Masculino	1					300			020	223	030		112	001												10	6	
	2					101		003				203	200			300			020				010			9	7	
	3							003			002		320		210	131										9	5	
	4		033					111					322													8	3	
	5		001	200			020			030			100	010		003										7	7	
	6					010			003				303	102	030							300				9	6	
	7	300	001		002					100		300	010	020	200										030	8	9	
	8	020					003			002		020	200	100	300				030			001			010	10	10	
	9	101				030	012	003	002				200	300											020	10	8	
	10	200	011											330												5	3	
	11		203											330			101				012					8	4	
	12	001	020	002		010	003		200			030		100	200											9	9	
	13					020	303		100	002			030		111											9	6	
	14						003		300				222	111		030										9	5	
	15		032	020								101						200		003	010					8	6	
Sexo feminino	16																	101	022			303	030	200	010	9	6	
	17													030			103			010	001	202	020	300		9	7	
	18	030	003						030								300			010	200	020			101	9	8	
	19										012					002			213				120		320	10	5	
	20																303	030		010			101		202	020	9	6
	21								001								303	202		030	101		020	010		10	7	
	22	030		001		102		300			020					003						010				8	7	
	23		020															202	003	010	030	300			101	9	7	
	24								010				010			003					202	001		020	100		8	7
Totais por Critério		331	157	112	001	342	125	214	333	223	021	333	984	653	531	326	403	413	143	163	223	424	260	411	352		142	
Totais combinados		7	15	4	1	9	8	7	9	7	3	9	21	14	9	11	7	8	8	10	7	10	8	6	11	206		
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido		7	9	4	1	7	6	5	9	5	3	6	13	10	6	8	4	5	5	8	6	7	7	5	8	149		

Legenda: 1º critério – situação de classe; 2º critério – situação de trabalho; 3º critério – situação de recreio

e) Matriz sociométrica de rejeições – reaplicação

		Sexo masculino															Sexo feminino										N.º de rejeições	N.º de indivíduos rejeitados
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24			
Sexo Masculino	1					001		110																		3	2	
	2												001							010					100	3	3	
	3								001	100															011	3	3	
	4														010							101				3	2	
	5							101														101			001	3	2	
	6		010					001		100																	3	3
	7					100	010													001			001			4	4	
	8		100					010															010			3	3	
	9		001			100																				2	2	
	10					001			100			010														3	3	
	11							101												010						3	2	
	12									010														001	100	3	3	
	13																		100	001			010			3	3	
	14					001					010														100	3	3	
	15																					010		101	3	2		
Sexo feminino	16					001		100			010															3	3	
	17							100				001														3	3	
	18			010															100	010				001	3	3		
	19							100	001						010										3	3		
	20					100		001			010														3	3		
	21					010					001				100										3	3		
	22											001					010								3	3		
	23	001				100	010																		3	3		
	24	010					001										100								3	3		
	Totais por Critério	011	101	010	0	414	021	624	102	210	031	012	001	0	120	0	110	200	021	011	0	121	012	403	111		67	
Totais combinados	2	2	1	0	9	3	10	3	3	4	3	1	0	3	0	2	2	3	2	0	4	3	7	3	46			
N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado	2	3	1	0	9	3	9	3	3	4	3	1	0	3	0	2	2	3	2	0	3	3	6	2	67			

Legenda: 1º critério – situação de classe; 2º critério – situação de trabalho; 3º critério – situação de recreio

f) Análise dos resultados – primeira aplicação

Procedendo à análise dos resultados obtidos nas matrizes sociométricas é possível verificar que dentro da turma as escolhas recaem maioritariamente por pares do mesmo sexo. Catorze alunos (1,2,3,5,8,9,10,11,13,16,17,18,20,21 e 23) preferem escolher crianças do mesmo sexo e dez alunos (alunos 4, 6,7,12, 14, 15, 19, 22 e 24) escolheram, pelo menos uma vez um colega do sexo oposto.

Do grupo do sexo masculino a criança que foi mais escolhida pelos seus colegas foi a criança número 12, escolhida por um total de vinte e três vezes.

No que diz respeito ao grupo do sexo feminino a criança mais escolhida pelos seus pares foi a criança com o número 17, assinalada por treze colegas.

No panorama geral de todo o grupo / turma poder-se-á considerar que as crianças mais sociáveis são as crianças números 8 e 12, uma vez que foram escolhidas por doze colegas cada um.

Através da análise das escolhas do grupo foi ainda possível verificar, através dos resultados obtidos, que as crianças menos escolhidas são do sexo masculino e correspondem aos números 2,4,5 e 10. Estas foram escolhidas por dois colegas cada um.

Do grupo das raparigas a número 20 foi escolhida quatro vezes, sendo a menos escolhida neste grupo.

Dos resultados apresentados é possível concluir que a turma se divide em dois grandes grupos: o grupo dos rapazes e o grupo das raparigas, embora estes subgrupos sejam considerados coesos entre si porque se verifica uma diversidade de escolhas.

Em relação às rejeições o elemento mais rejeitado é a criança com o número 9, pertencente ao sexo masculino. Este aluno foi por nove colegas.

As crianças 2, 4, 11, 18 e 22 (de ambos os sexos) não foram rejeitados por nenhum dos alunos.

Dentro do grupo de rapazes as rejeições recaem pelos pares do mesmo sexo mas em relação às raparigas verifica-se uma maior incidência na rejeição de pares do sexo masculino, embora em alguns casos pelo menos uma vez seja rejeitada uma rapariga. No entanto, os alunos número 16, 20 e 23 apenas rejeitaram pares do sexo masculino.

Outra excepção em relação ao grupo das raparigas são as alunas 17 e 21 que rejeitaram só colegas do mesmo sexo.

O aluno 4, aluno em situação de NEE foi escolhido por dois colegas (números 5 e 14) e nunca foi rejeitado.

g) Análise dos resultados – reaplicação

Analisando os resultados obtidas nas matrizes sociométricas de escolha e rejeição, resultantes da aplicação do teste sociométrico pela segunda vez à turma, no final da intervenção é possível verificar que as escolhas recaem, na sua maioria, por colegas do sexo oposto. No total treze crianças (números 2,6,7,8,9,11,15,17,18,19,22,23 e 24) fizeram esta escolha, em oposto às crianças (1,3,4,5,10,12,13,14,16,20,21) que escolheram apenas colegas do seu sexo.

Do grupo do sexo masculino a criança que foi mais escolhida mais escolhida pelos seus pares foi a número doze, escolhida num total de vinte e uma vezes.

Em relação ao grupo das raparigas a criança mais vezes escolhida foi a número vinte e quatro, assinalada onze vezes pelos seus colegas.

Considerando todo o grupo / turma e depois da análise dos resultados poder-se-á afirmar que a criança mais sociável é o número doze porque foi escolhida por treze colegas. Foi ainda possível de retirar de todos os dados que a criança menos escolhida do sexo masculino é a que tem o número quatro, sendo apenas escolhida por um colega e do sexo feminino é a aluna número dezasseis, escolhida quatro vezes.

A turma em relação às escolhas é heterogénea, uma vez que na sua maioria são feitas escolhas de ambos os sexos, existindo também muita diversidade nas escolhas dentro do grupo.

No que diz respeito às rejeições o elemento que tem maior número de rejeições é a criança número sete, pertencente ao grupo do sexo masculino, rejeitado dez vezes.

As crianças números quatro, treze, quinze e vinte, de ambos os sexos, não foram rejeitadas pelos colegas.

Dentro do grupo as rejeições recaem na sua maioria por elementos de ambos os sexos, com a exceção dos números (1,6,9,10) que rejeitaram elementos apenas do mesmo sexo.

As crianças número treze, quinze, dezasseis, vinte, vinte e um e vinte e três rejeitaram apenas colegas do sexo oposto.

O aluno em situação de NEE, com o número quatro, foi escolhido por um colega e nunca foi rejeitado.

Anexo II: Primeira entrevista à professora titular de turma

a) Guião da entrevista

Temática: Situação educativa da Turma do João

Objectivos da entrevista:

- Recolher informação para caracterizar o entrevistado.
- Recolher informação para caracterizar o grupo/a turma e sua inserção no contexto escolar.
- Recolher informação para caracterizar os casos emergentes do grupo/da turma.
- Recolher informação para caracterizar do aluno.
- Recolher informação para fazer o levantamento de estratégias e actividades que promotoras de inclusão do aluno na turma.
- Implicar o entrevistado no desenvolvimento do processo de investigação-acção em curso.

Entrevistado: Professora titular da turma

Data: 30/ 11/ 2009

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Tópicos	Observações	Perguntas
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente • Motivar o entrevistado • Garantir confidencialidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação entrevistador/entrevistado • Motivos da entrevista • Objectivos 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista semi-directiva • Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado • Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local apazível • Pedir para gravar a entrevista 	<ul style="list-style-type: none"> • “Em primeiro lugar quero agradecer a disponibilidade que me dispensou para a realização desta entrevista pois esta ser-me-á bastante útil para o projecto de investigação - acção irei realizar com uma criança em situação de NEE nesta escola. Esta entrevista tem como objectivo compreender melhor o funcionamento da turma, assim como aprofundar conhecimentos em relação ao João.

Bloco B Perfil do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o entrevistado • Caracterizar o seu contexto sócio-familiar 	<ul style="list-style-type: none"> • Idade • Habilitações académicas e profissionais • Profissão • N.º filhos • Ambiente sócio-familiar 	<ul style="list-style-type: none"> • Estar atenta às reacções de entrevistado e anotá-las por escrito • Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas 	<ul style="list-style-type: none"> • “Para começar, gostaria que me falasse um pouco de si para a conhecermos melhor... Qual o seu percurso de vida pessoal e profissional?”
Bloco C Perfil da Turma	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar a Turma em termos sócio-escolares • Fazer o levantamento de representações e expectativas, em relação à Turma 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados estruturais • Enquadramento sócio-escolar • Aprendizagem • Comportamento • Expectativas 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções ao discurso do entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> • “Falando na turma... como a caracteriza?” • “E em termos de aprendizagens?”
Bloco D Casos emergentes da Turma	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar, globalmente, os alunos que sobressaem do conjunto da turma 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados pessoais e sócio-escolares • Enquadramento familiar • Percurso escolar: aspectos positivos e aspectos negativos • Situação actual • Expectativas • Relação da turma com esses casos emergentes 	<ul style="list-style-type: none"> • Prestar atenção ao posicionamento da professora em relação aos alunos que destaca do conjunto da turma 	<ul style="list-style-type: none"> • “Considera que existem casos de alunos que sobressaem na turma?” • “Tem na sua turma casos de alunos em situação de NEE... como lida a turma com o esses casos?”
Bloco E Perfil do Aluno	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o João em termos pessoais, clínicos, psicológicos e sócio-escolares 	<ul style="list-style-type: none"> • Idade • Caracterizar o enquadramento familiar • Caracterizar o seu perfil clínico e psicológico • Percurso escolar • Relação do aluno com a turma 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter em atenção os comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções do discurso do entrevistado em relação à turma 	<ul style="list-style-type: none"> • “Falemos agora do João ... como é esta criança?” • “Como caracteriza a sua vida familiar?” • “Que percurso escolar teve o João ao longo da sua vida?” • “Que progressos em termos educacionais tem o João efectuado?” • “Como é a relação do João com os seus colegas?”

<p>Bloco F Estratégias eficazes implementadas/a implementar em relação à inclusão desses casos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer o levantamento de estratégias possíveis para actuação • Pedir a colaboração para o desenvolvimento do projecto 	<ul style="list-style-type: none"> • Objectivos a atingir • Estratégias implementadas/a implementar • Identificar as dificuldades e evoluções sentidas no desenvolvimento das actividades 	<ul style="list-style-type: none"> • Mostrar disponibilidade e vontade de ajudar a concretizar as soluções encontradas 	<ul style="list-style-type: none"> • “Que tipo de trabalho desenvolve com o aluno? • Sente algum tipo de dificuldade em desenvolver o processo de aprendizagem do João? • “Que estratégias a Escola implementa para que haja igualdade de sucesso para todas as crianças?”
<p>Bloco G Dados complementares</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos • Agradecer o contributo prestado 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivências • Constrangimentos... • Agradecimentos 		<ul style="list-style-type: none"> • “Há informações, sugestões ou comentários que gostaria de partilhar?” • “Agradeço então a disponibilidade dispensada para a realização desta entrevista, gostando também de saber se no futuro estará disposta a prestar apoio, sempre que necessário em intervenções no âmbito deste trabalho.”

Nota: Adaptado de Estrela (1986:355-357)

b) Protocolo da entrevista

Data: 30 de Novembro de 2009

Entrevistadora – E

Professora Titular de Turma- PTT

Objectivos Gerais

- Recolher informação para caracterizar o entrevistado.
- Recolher informação para caracterizar o grupo/a turma e sua inserção no contexto escolar.
- Recolher informação para caracterizar do aluno.
- Recolher informação para fazer o levantamento de estratégias e actividades que promotoras de inclusão do aluno na turma.
- Implicar o entrevistado no desenvolvimento do processo de investigação - acção em curso.

PROTOCOLO DA ENTREVISTA À PROFESSORA TITULAR DE TURMA

E- Em primeiro lugar quero agradecer a disponibilidade que me dispensou para a realização desta entrevista pois esta ser-me-á bastante útil para o projecto de investigação – acção que irei realizar com uma criança em situação de NEE nesta escola. Esta entrevista tem como objectivo compreender melhor o funcionamento da turma e aprofundar conhecimentos em relação ao João.

PTT- Não tem nada que agradecer (sorrindo)/, falar da minha turma é um prazer./ apesar de ser uma turma muito grande e viva/ são uns amores/ e gosto sempre de ajudar quem precisa./

E- (sorriso). Para começar gostava que me falasse um pouco de si para a conhecer melhor... Qual o seu percurso de vida pessoal e profissional?

PTT- Então para começar tenho 43 anos, / sou casada/ e tenho dois filhos. / Tenho o Curso do Magistério Primário/ e mais tarde tirei a licenciatura na E.S.E. de Portalegre/ em Estudo do Meio, Educação para a Cidadania e Formação Pessoal e Social. / Neste momento sou professora do 1º Ciclo/ e tenho 21 anos de serviço./

E- Falando na turma... como a caracteriza?

PTT- Esta turma é constituída por 24 alunos, / 9 raparigas e 15 rapazes./ apresenta um bom nível de desempenho/ e uma boa capacidade de memorização./

Os alunos são provenientes do meio urbano, / residem praticamente todos na cidade./ São de uma classe média/alta/ habitam em casa própria, têm computadores, livros, internet./

São alunos vindos de diferentes jardins-de-infância da cidade./ Dois vieram do Jardim de Infância de São Lourenço, /doze vieram do Colégio de Santo António, / seis do Infantário de São Cristóvão, / três alunos vieram do Jardim de Infância de São Bartolomeu/ e um do Jardim de Infância O Girassol. /

Nesta turma vinte e três alunos são de matrícula obrigatória/ e apenas um de matrícula facultativa./

E- E em termos de aprendizagens?

PTT- De um modo geral, /os alunos são muito participativos, / revelam interesse e empenho/, na medida das suas capacidades, / embora alguns necessitem de melhorar o seu ritmo de trabalho. / Verifica-se ainda alguma imaturidade, / própria da idade, / necessitam de trabalhar a Concentração, o Saber Estar e o Saber Ouvir. / Vê-se ainda alguma instabilidade comportamental/ e o cumprimento de regras também não está totalmente assumido. /

Em termos de aprendizagem a turma é bastante heterogénea, / há alunos muito bons./ dois já lêem tudo./ Na maioria são alunos bons/ e existem quatro alunos um pouco mais fracos/ que necessitam de ajuda para terminarem as tarefas com sucesso./

E- Considera que existem casos de alunos que sobressaem na turma?

PTT- Sim existem pelo menos quatro alunos que sobressaem./ Apreendem com facilidade todos os conteúdos/ e aplicam esses conteúdos com muita facilidade./ Terminam rapidamente as tarefas propostas e de forma correcta./ Têm um excelente raciocínio/ e boa memorização. /

E- Tem na sua turma casos de alunos em situação de NEE... como lida a turma com o esses casos?

PTT- Sim/ há um caso de NEE./ A turma aceita-o como se fosse mais um colega da turma/, apenas tem necessidade de ajuda para realizar as tarefas/ e sempre que é preciso prontificam-se para o ajudarem. /

E- Falemos agora do João ... como é esta criança?

PTT- O João é uma criança muito meiga e afectuosa/ e que gosta muito de atenção./ É um aluno que tem uma doença degenerativa/ que lhe condiciona um agravamento progressivo./ Não consigo pronunciar o seu nome sem ler! (risos)/

Tem muitas dificuldades a nível motor. / não anda/ e não controla os braços porque tremem muito /por isso não consegue pegar em objectos sem a ajuda de alguém. / Movimenta-se sozinho com a cadeira de rodas eléctrica. /

É uma criança que tem muitos problemas/ mas está quase sempre bem-disposta/ menos quando o contrariamos e aí faz birra. (risos)/

E- Como caracteriza a sua vida familiar?

PTT- O João vive com os pais e um irmão de 4 anos/, penso que o ambiente familiar é estável./ Os pais estão os dois a trabalhar/ e vê-se que é uma criança que recebe muito carinho/ e fala muito dos pais com ternura./ diz que a mãe e o pai lhe dão beijinhos./

Em relação às questões da escola são pais muito interessados em todas as actividades do João./ são eles que vão com ele e participam nas sessões de hipoterapia./ Mas também são bastante ansiosos com o filho./ procuram sempre saber como é que ele passou./ se aconteceu alguma coisa menos boa/ e como estão as aprendizagens dele./

E- Que percurso escolar teve o João ao longo da sua vida?

PTT- O João começou a frequentar o pré- escolar numa IPSS/ e ficou lá até este ano. /Foi no pré - escolar que começou a ter apoio pedagógico com a equipa de intervenção precoce/ porque apresentava graves dificuldades no seu desenvolvimento./

E- Que progressos em termos educacionais tem o João efectuado?

PTT- Ele gosta de aprender/, mas os momentos de concentração do João são muito curtos/ e se não estiver alguém por perto para o chamar à atenção ele simplesmente desliga/ e entra no "mundo da Lua"./

Tem realizado alguns progressos. / mas todas as aprendizagens são feitas oralmente/, pois o programa adequado ao João, que é o Grid ainda não está a funcionar na escola./ As principais dificuldades são ao nível da coordenação motora/ e as evoluções realizadas têm sido ao nível da socialização, da motivação e da oralidade./

E- Como é a relação do João com os seus colegas?

PTT- A relação com os colegas é bastante boa./ todos gostam de ajudar o João./ mas por vezes ele torna-se um pouco possessivo/ e aí os colegas reagem negativamente/ e o João chora dizendo ele já não é meu amigo./

E- Que tipo de trabalho desenvolve com o aluno?

PTT- Dentro da sala de aula, por enquanto, o meu trabalho tem sido à base da oralidade, ouvir histórias e recontá-las, responder a questões, completar frases... reconhecer os números, ordená-los, fazer contagens / sempre que aparece a necessidade de pintar ou assinalar alguma coisa, eu ou um colega ajuda/, porque ele não é capaz de pegar no lápis./ Gostava de poder fazer mais mas não tenho recursos para isso. /

E- Sente algum tipo de dificuldade em desenvolver o processo de aprendizagem do João?

PTT- Sim, tenho muita dificuldade/. Primeiro, porque não tenho formação especializada para trabalhar com alunos com N.E.E./ segundo a turma é muito grande e todos solicitam ajuda/ e é impossível conseguir ajudar todos/ e o João fica sozinho entregue a um trabalho que por vezes não consegue fazer./ Os colegas são ainda muito dependentes de mim./ alguns deles só fazem as tarefas com o meu apoio/, por isso não consigo estar ao pé do João e ao mesmo tempo ajudar os alunos menos autónomos./

E- Que estratégias a Escola implementa para que haja igualdade de sucesso para todas as crianças?

PTT- A Escola preocupa-se em responder às necessidades de todos os alunos/, por exemplo, duas vezes por semana as crianças têm apoio ao estudo/ depois de terminarem as aulas/ e ainda têm as actividades extracurriculares/ leccionadas por cinco monitores que vêm semanalmente à escola/.

E- Há informações, sugestões ou comentários que gostaria de partilhar?

PTT- Penso que à medida que fui respondendo às questões./ fui dizendo tudo o que sei sobre o João e a turma onde está inserido./

E- Agradeço então a disponibilidade para entrevista. Gostaria ainda de saber se no futuro estará disposta a realizar outras entrevistas ou a partilhar informações que me sejam úteis para a realização deste trabalho.

PTT- Não tem de quê./ Sempre que quiser estarei disponível. /

c) Análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Perfil do Entrevistado	Idade	- “Tenho 43 anos”
	Habilitações académicas e profissionais	- “Tenho o Curso do Magistério Primário” - “Tirei a licenciatura na E.S.E. de Portalegre em Estudo do Meio, Educação para a Cidadania e Formação Pessoal e Social” - “Tenho 21 anos de serviço”
	Profissão	- “Sou professora do 1º Ciclo”
	Nº de Filhos	- “Tenho dois filhos”
	Ambiente sócio – familiar	- “Sou casada”
Perfil da Turma	Dados estruturais	- “turma muito grande e viva” - “são uns amores” - “Esta turma é constituída por 24 alunos” - “9 Raparigas e 15 rapazes” - “Nesta turma vinte e três alunos são de matrícula obrigatória” - “Um [aluno] de matrícula facultativa”
	Enquadramento sócio - escolar	- “Os alunos são provenientes do meio urbano” - “Residem praticamente todos na cidade” - “São de uma classe média/alta: [habitam em casa própria, têm computadores, livros, internet.” - “São alunos vindos de diferentes jardins-de-infância da cidade” - “Dois vieram do Jardim de Infância de São Lourenço” - “doze vieram do Colégio de Santo António” - “seis do Infantário de São Cristovão” - “três alunos vieram do Jardim de Infância de São Bartolomeu” - “um do Jardim de Infância O Girassol”

	Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - “apresenta um bom nível de desempenho” - “boa capacidade de memorização” - “os alunos são muito participativos,” - “revelam interesse e empenho” - “embora alguns necessitem de melhorar o seu ritmo de trabalho” - “necessitam de trabalhar a Concentração Saber Estar e o Saber Ouvir” - “a turma é bastante heterogénea” - “há alunos muito bons” - “dois já lêem tudo” - “Na maioria são alunos bons” - “existem quatro alunos um pouco mais fracos” - “necessitam de ajuda para terminarem as tarefas com sucesso”
	Comportamento	<ul style="list-style-type: none"> - “alguma imaturidade” - “alguma instabilidade comportamental” - “o cumprimento de regras também não está totalmente assumido”
Casos Emergentes da Turma	Dados pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - “existem pelo menos quatro alunos que sobressaem” - “há um caso de NEE”
	Percurso escolar: aspectos positivos e aspectos negativos	<ul style="list-style-type: none"> - “Apreendem com facilidade todos os conteúdos” - “aplicam esses conteúdos com muita facilidade” - “Terminam rapidamente as tarefas propostas e de forma correcta” - “Têm um excelente raciocínio” - “boa memorização” - “apenas tem necessidade de ajuda para realizar as tarefas”
	Relação da turma com esses casos emergentes	<ul style="list-style-type: none"> - “A turma aceita-o como se fosse mais um colega da turma” - “sempre que é preciso prontificam-se para o ajudarem”
Perfil do Aluno	Caracterização do enquadramento familiar	<ul style="list-style-type: none"> - “O João vive com os pais e um irmão de 4 anos” - “penso que o ambiente familiar é estável” - “Os pais estão os dois a trabalhar” - “diz que a mãe e o pai lhe dão beijinhos” - “fala muito dos pais com ternura” - “pais muito interessados em todas as actividades do João.” - “são eles que vão com ele e participam nas sessões de hipoterapia” - “são bastante ansiosos com o filho” - “procuram sempre saber como é que ele passou”

		<ul style="list-style-type: none"> - “se aconteceu alguma coisa menos boa” - “como estão as aprendizagens dele”
--	--	---

	<p>Caracterização do seu perfil clínico e psicológico</p> <ul style="list-style-type: none"> - “O João é uma criança muito meiga e afectuosa - “gosta muito de atenção” - “tem uma doença degenerativa que lhe condiciona um agravamento progressivo” - “Tem muitas dificuldades a nível motor” - “Não anda” - “não controla os braços porque tremem muito” - “não consegue pegar em objectos sem a ajuda de alguém” - “Movimenta-se sozinho com a cadeira de rodas eléctrica” - “É uma criança que tem muitos problemas” - “está quase sempre bem-disposta” - “quando o contrariamos e aí faz birra” - “vê-se que é uma criança que recebe muito carinho” - “Foi no pré – escolar que começou a ter apoio pedagógico com a equipa de intervenção precoce” - “apresentava graves dificuldades no seu desenvolvimento”
	<p>Caracterização do percurso escolar do João</p> <ul style="list-style-type: none"> - “O João começou a frequentar o pré-escolar numa IPSS” - “ficou lá até este ano”
	<p>Caracterização do processo de aprendizagem do João</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Ele gosta de aprender” - “os momentos de concentração do João são muito curtos” - “se não estiver alguém por perto para o chamar à atenção ele simplesmente desliga[entra no “mundo da Lua”]” - “Tem realizado alguns progressos” - “evoluções realizadas têm sido ao nível da socialização, da motivação e da oralidade”

	Caracterização da relação do João com os seus pares	<ul style="list-style-type: none"> - “A relação com os colegas é bastante boa” - “todos gostam de ajudar o João.” - “por vezes ele torna-se um pouco possessivo [aí os colegas reagem negativamente e o João chora dizendo ele já não é meu amigo]”
Estratégias eficazes implementadas/a implementar em relação à inclusão dos casos em situação de NEE	Estratégias implementadas/a implementar	<ul style="list-style-type: none"> - “todas as aprendizagens são feitas oralmente” - “o meu trabalho tem sido à base da oralidade” - “ouvir histórias e recontá-las” - “responder a questões” - “completar frases” - “reconhecer os números” - “ordená-los” - “fazer contagens” - “sempre que aparece a necessidade de pintar ou assinalar alguma coisa, eu ou um colega ajuda” - “A Escola preocupa-se em responder às necessidades de todos os alunos” - “duas vezes por semana as crianças têm apoio ao estudo [duas vezes por semana]” - “[depois de terminarem as aulas] têm as actividades extracurriculares” - “leccionadas por cinco monitores que vêm semanalmente à escola”
	Identificar as dificuldades e evoluções sentidas no desenvolvimento das actividades	<ul style="list-style-type: none"> - “o programa adequado ao João, que é o <i>Grid</i> ainda não está a funcionar na escola - “As principais dificuldades são ao nível da coordenação motora” - “ele não é capaz de pegar no lápis”
Dados Complementares	Vivências	<ul style="list-style-type: none"> - “falar da minha turma é um prazer” - “Penso que à medida que fui respondendo às questões” - “fui dizendo tudo o que sei sobre o João e a turma onde está inserido”

Susana Patrícia Godinho Crespo, Aprender a incluir em contextos		<p>- “Gostava de poder fazer mais mas não tenho recursos para isso”^{mo de escolaridade}</p> <p>- “tenho muita dificuldade”</p> <p>- “não tenho formação especializada para trabalhar com alunos com N.E.E”</p> <p>- “a turma é muito grande”</p> <p>- “todos solicitam ajuda”</p> <p>- “é impossível conseguir ajudar todos”</p> <p>- “O João fica sozinho entregue a um trabalho que por vezes não consegue fazer”</p> <p>- “Os colegas são ainda muito dependentes de mim”</p> <p>- “alguns deles só fazem as tarefas com o meu apoio”</p> <p>- “não consigo estar ao pé do João e ao mesmo tempo ajudar os alunos menos autónomos”</p>
	Agradecimentos	<p>- “Não tem nada que agradecer”</p> <p>- “gosto sempre de ajudar quem precisa”</p> <p>- “Não tem de quê”</p> <p>- “Sempre que quiser estarei disponível”</p>

d) Apresentação de resultados

A análise de resultados foi feita através da divisão do discurso feito pelo entrevistado com vista a organizar melhor os dados. Desta forma a entrevista foi dividida em seis categorias e dentro destas existem ainda subcategorias onde são descritas as informações dadas pela entrevistada ao longo do seu discurso (unidades de registo)

Seguidamente apresentarei as categorias e subcategorias fazendo uma análise do conteúdo do discurso.

1- Perfil do entrevistado

O perfil do entrevistado é composto pelas informações pessoais da professora, que foram fornecidas durante a entrevista. Esta categoria divide-se ainda em cinco subcategorias:

- Idade - a entrevistada tem 43 anos;
- Habilitações académicas e profissionais - a entrevistada refere que iniciou o seu percurso académico com curso do Magistério Primário, de seguida entrou para a Escola Superior de Educação de Portalegre onde se licenciou em Estudo do Meio, Educação para a Cidadania e Formação Pessoal e Social. Nesta categoria a entrevistada também que possui 21 anos de serviço.
- Profissão - a entrevistada é professora de 1º ciclo de profissão.
- Número de filhos - a entrevistada menciona que o tem 2 filhos;
- Ambiente sócio – familiar - nesta categoria é referido que a entrevistada é casada.

2- Perfil da turma

No perfil da turma é feita uma descrição da turma em relação à sua constituição, dinâmica educativa e comportamento. Desta forma esta categoria divide-se em quatro subcategorias: dados estruturais, enquadramento sócio – escolar, aprendizagem e comportamento. Todas estas categorias permitem um melhor conhecimento da turma enquanto grupo.

- Dados estruturais - em relação aos dados estruturais da turma esta é composta por vinte e quatro alunos, 9 raparigas e 15 rapazes. A entrevistada caracteriza a sua turma grande em termos de dimensões mas com crianças afectuosas e vivas.
Refere ainda que das vinte e quatro matrículas, uma é facultativa e as restantes de matrícula obrigatória.
- Enquadramento sócio – escolar – segundo os dados fornecidos através da entrevista à professora titular de turma, os alunos pertencem a uma classe sócio – económica média/ alta uma vez que possuem habitação própria, têm acesso às tecnologias (internet, computadores e televisão).
São alunos que habitam praticamente todos em meio urbano, ou seja, as suas residências situam-se na cidade. No que diz respeito à sua situação antes de frequentarem o 1º ciclo, a entrevistada refere que todos os alunos frequentaram jardins-de-infância na cidade.
- Aprendizagem - em relação ao comportamento da turma a professora considera que esta é uma turma heterogénea, onde existe um bom nível de desempenho dos alunos, pois são muito participativos, revelam interesse e empenho. Possuem uma boa capacidade de memorização.
No entanto a entrevistada também reconhece que neste grupo existem alunos que necessitem de melhorar o seu ritmo de trabalho, melhorar a Concentração Saber Estar e o Saber Ouvir.
No geral a turma possui alunos muito bons, mas existem quatro alunos um pouco mais fracos que necessitam de auxílio para terminarem as suas tarefas com sucesso.
- Comportamento - em relação ao comportamento da turma a professora reconhece que existe alguma imaturidade e instabilidade comportamental. O cumprimento de regras também não está totalmente assumido.

3- Casos emergentes da Turma

Neste tópico são caracterizados os casos que sobressaem na turma e quais as relações que estes alunos estabelecem com os seus pares.

Esta categoria encontra-se dividida nas seguintes subcategorias:

- Dados pessoais - para a entrevistada a turma tem cinco alunos que sobressaem na turma, um destes casos é o aluno em situação de NEE.
- Percurso escolar (aspectos positivos e negativos) - existem alunos que sobressaem porque aprendem com facilidade todos os conteúdos e aplicam-nos também com muita facilidade. Estes alunos terminam rapidamente as tarefas propostas e de forma correcta, apresentam um excelente raciocínio e boa memorização. No que diz respeito aos aspectos menos positivos, a entrevistada refere que o aluno em situação de NEE necessita de ajuda para efectuar as tarefas.
- Relação da turma com esses casos emergentes - a entrevistada faz referência à relação que a turma possui com o aluno em situação de NEE, referindo que o aluno é bem aceite por toda a turma e que esta se prontifica a ajudá-lo sempre que necessita.

4- Perfil do aluno

No perfil do aluno é feita uma breve caracterização do enquadramento familiar da criança em situação de NEE presente na turma, assim como do seu clínico e psicológico com vista a obter dados a cerca do aluno. Nesta categoria estará também explícito o percurso escolar do aluno e de que modo são efectuadas as suas aprendizagens, assim como a relação existente entre o aluno e população escolar (docentes, não docentes e pares).

- Caracterização do enquadramento familiar – o aluno vive com os pais e o irmão mais novo, num ambiente segundo a professora, estável. Os pais estão ambos empregados e são pessoas participativas e ansiosas em relação à vida escolar do seu filho, perguntam como correu o dia na escola, se aconteceu alguma coisa menos boa e como vão as suas aprendizagens. Acompanham o filho à hipoterapia. O relacionamento entre pais e filho também parece ser de muito carinho e atenção, pois segundo o relato da entrevistada, o aluno diz com frequência que os pais lhe dão muitos beijinhos.
- Caracterização do perfil clínico e psicológico - Para a entrevistada, o aluno é uma criança meiga, afectuosa que gosta muito de atenção. Apesar de todos os seus problemas está quase sempre bem – disposta, no entanto quando contrariado faz “birra”.
O aluno tem uma doença degenerativa grave que o condiciona, principalmente, a nível motor: não anda, não controla os braços porque tem tremores, não consegue pegar em objectos sem ser com ajuda e movimenta-se com uma cadeira de rodas eléctrica.
Os seus problemas foram detectados no pré – escolar pois apresentava problemas ao nível do desenvolvimento.
- Caracterização do percurso escolar: o aluno frequentou uma IPSS até ingressar no primeiro ciclo, no presente ano lectivo.
- Caracterização do processo de aprendizagem – segundo a entrevistada o aluno gosta de aprender, no entanto apresenta momentos de concentração muito curtos, necessitando por isso de ter alguém constantemente a chamar – lhe a atenção para não se abstrair do que se está a fazer na sala. Desde o começo do ano lectivo o aluno, segundo a entrevistada, tem realizado alguns progressos, nomeadamente ao nível da socialização, motivação e oralidade.
- Caracterização da relação com os pares - na opinião da professora entrevistada a relação do aluno com os seus pares é bastante boa, os colegas ajudam sempre que é necessário. No entanto, algumas vezes torna-se um pouco possessivo querendo sempre a sua atenção, fazendo com os colegas se aborrecam e reajam de forma negativa. Quando esta situação acontece o aluno chora queixando-se que não gostam dele.

5- Estratégias eficazes implementadas/a implementar em relação à inclusão dos casos em situação de NEE

Nesta categoria a entrevistada revela quais as principais dificuldades que o aluno apresenta ao nível das actividades e a forma como decorrem as actividades dentro da sala de aula para este aluno.

- Estratégias implementadas/a implementar - nesta subcategoria a entrevistada refere que as aprendizagens efectuadas pelo aluno em situação de NEE são feitas essencialmente de forma oral, recorrendo a histórias

(pedindo ao aluno para recontá-las), responder a questões, reconhecer os números, ordená-los e fazer contagens. Sempre que as actividades impliquem o manuseamento de material de escrita ou pintura o aluno é ajudado pela professora ou pelos colegas.

Em relação à sua opinião em relação às medidas implementadas pela escola no que diz respeito à promoção de igualdades entre todos a entrevistada refere que a escola se preocupa em responder às necessidades de todos os alunos, dando como exemplo a existência das aulas de apoio ao estudo e as actividades extracurriculares semanalmente.

- Identificar as dificuldades e evoluções sentidas no desenvolvimento das actividades - no que diz respeito às dificuldades sentidas nas actividades, a entrevistada refere que são dificuldades principalmente a nível motor, que o impossibilitam de pegar no lápis, por exemplo. Outra da dificuldade apresentada pela professora é o facto de não estar disponível na escola o programada de computador “GRID” que iria auxiliar o aluno nas suas dificuldades de aprendizagem.

6- **Dados Complementares**

Esta categoria surgiu para registar as opiniões pessoais dadas pela entrevistada ao longo da entrevista, assim como dos constrangimentos em relação à problemática em questão.

- Vivências - nesta subcategoria a entrevistada refere que é um prazer da sua turma e que foi dizendo sempre tudo o que sabia da sua turma e do aluno em situação de NEE.
- Constrangimentos - a professora lamenta que gostaria de poder fazer mais para ajudar o aluno em situação de NEE, no entanto não possui recursos para isso.

Refere também que tem muita dificuldade para lidar com este caso porque não tem formação especializada para alunos em situação de NEE.

Na sua opinião o tamanho da turma e o facto de haver alunos muito dependentes dela a impossibilitam de dar mais apoio ao aluno, fazendo com que muitas das vezes o aluno fique sozinho com tarefas que não consegue realizar, porque não consegue atender todos ao mesmo tempo.

- Agradecimentos – a entrevistadora menciona que gosta de ajudar quem precisa e que estará disponível para eventuais trocas de informação futuras no âmbito deste projecto de investigação - acção.

Anexo III: Primeira entrevista à professora educação especial

a) Guião da entrevista

Temática: Situação educativa do aluno

Objectivos da entrevista

- Recolher informação para caracterizar o entrevistado.
- Recolher dados referentes ao aluno para compreender como este se encontra inserido no contexto familiar, escolar e relacional com os seus pares / professores
- Recolher informação para caracterizar o grupo/a turma onde o aluno se inclui.
- Recolher informação sobre o nível de competências, dificuldades e expectativas sentidas em relação ao aluno.
- Fazer um levantamento do trabalho efectuado com o aluno.
- Recolher informação para fazer o levantamento de estratégias e actividades que promotoras de inclusão do aluno na turma.
- Implicar o entrevistado no desenvolvimento do processo de investigação-acção em curso.

Entrevistado: Professora de Educação Especial da Turma

Data: 30 de Novembro de 2009

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Tópicos	Observações	Perguntas
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none">• Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente• Motivar o entrevistado• Garantir confidencialidade	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação entrevistador/entrevistado• Motivos da entrevista• Objectivos	<ul style="list-style-type: none">• Entrevista semi-directiva• Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado• Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local aprazível• Pedir para gravar a entrevista	<ul style="list-style-type: none">• “Desde já quero agradecer a disponibilidade que me dispensou para a entrevista porque ser-me-á bastante útil para o projecto de investigação - acção que irei realizar com uma criança em situação de NEE nesta escola. Esta entrevista tem como objectivo aprofundar conhecimentos em relação ao João.

Bloco B Perfil do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o entrevistado • Caracterizar o seu contexto sócio-familiar 	<ul style="list-style-type: none"> • Idade • Habilitações académicas e profissionais • Profissão • N.º filhos • Ambiente sócio-familiar 	<ul style="list-style-type: none"> • Estar atento às reacções de entrevistado e anotá-las por escrito • Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas 	<ul style="list-style-type: none"> • “Para começar, gostaria que me falasse um pouco de si para a conhecermos melhor... Qual o seu percurso de vida pessoal e profissional até agora?” • “Como surgiu a oportunidade de trabalhar na Educação Especial?”.
Bloco C Perfil da Turma	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar a Turma em termos sócio-escolares • Fazer o levantamento de representações e expectativas, em relação à Turma 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados estruturais • Enquadramento sócio-escolar • Aprendizagem • Comportamento • Expectativas 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções ao discurso do entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> • “Em relação à turma o que sabe sobre ela?”.
Bloco D Perfil do Aluno	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o João em termos pessoais, clínicos, psicológicos e sócio-escolares; 	<ul style="list-style-type: none"> • Idade • Caracterizar o enquadramento familiar • Caracterizar o seu perfil clínico e psicológico • Caracterizar o percurso escolar do João • Caracterizar o processo de aprendizagem do João • Caracterizar a relação do João com os seus pares / professores 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter em atenção os comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções do discurso do entrevistado em relação à turma 	<ul style="list-style-type: none"> • “Falemos agora do João ... como é esta criança?”. • “Há algum tempo que trabalha com o João... Como caracteriza a sua vida familiar?”. • “Que percurso escolar teve o João ao longo da sua vida?”. • “Que progressos em

				termos educacionais tem o João efectuado?”.
Bloco E Estratégias eficazes implementadas/a implementar em relação à inclusão dos casos de NEE	<ul style="list-style-type: none"> Fazer o levantamento de estratégias possíveis para actuação Caracterizar o trabalho desenvolvido com o João; Perfil Educativo 	<ul style="list-style-type: none"> Objectivos a atingir Estratégias implementadas/a implementar Áreas a trabalhar com o João Identificar as dificuldades e evoluções sentidas no desenvolvimento das actividades. Expectativas do entrevistado em relação ao futuro do aluno em termos de evolução. 	<ul style="list-style-type: none"> Mostrar disponibilidade e vontade de ajudar a concretizar as soluções encontradas 	<ul style="list-style-type: none"> “Que tipo de trabalho desenvolve com o aluno? Como se processa esse trabalho?” Quais as dificuldades de aprendizagem do João? “Que perspectivas vê em termos evolutivos no futuro do João. “ “Em relação à escola... Que estratégias implementa para que haja igualdade de sucesso para todas as crianças?”
Bloco F Dados complementares	<ul style="list-style-type: none"> Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos Agradecer o contributo prestado 	<ul style="list-style-type: none"> Vivências Constrangimentos... Agradecimentos 		<ul style="list-style-type: none"> “Há informações, sugestões ou comentários que gostaria de partilhar?” “Agradeço então a disponibilidade e dispensada para a realização desta entrevista, gostando também de saber no futuro a disponibilidade e para prestar apoio, sempre que necessário em intervenções no âmbito deste trabalho”.

Nota: Adaptado de Estrela (1986:355-357)

b) Protocolo da entrevista

Data: 30 de Novembro de 2009

Entrevistadora – E

Professora Educação Especial - PEE

Objectivos Gerais

- Recolher informação para caracterizar o entrevistado.
- Recolher dados referentes ao aluno para compreender como este se encontra inserido no contexto familiar, escolar e relacional com os seus pares / professores
- Recolher informação para caracterizar o grupo/a turma onde o aluno se inclui.
- Recolher informação sobre o nível de competências, dificuldades e expectativas sentidas em relação ao aluno.
- Fazer um levantamento do trabalho efectuado com o aluno.
- Recolher informação para fazer o levantamento de estratégias e actividades que promotoras de inclusão do aluno na turma.
- Implicar o entrevistado no desenvolvimento do processo de investigação-acção em curso.

PROTOCOLO DA ENTREVISTA À PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

E- Desde já quero agradecer a disponibilidade que me dispensou para a entrevista porque ser-me-á bastante útil para o projecto de investigação - acção que irei realizar com uma criança em situação de NEE nesta escola. Esta entrevista tem como objectivo aprofundar conhecimentos em relação ao João.

PEE- É um prazer partilhar a informação que tenho em relação ao João/, tudo o que for para ajudá-lo é bem- vindo/.

E- Para começar, gostaria que me falasse um pouco de si para a conhecermos melhor... Qual o seu percurso de vida pessoal e profissional até agora?

PEE- Sou professora há 30 anos./ Quando iniciei a minha vida profissional foi num colégio particular de ensino especial./ E fiquei a partir daí apaixonada por este trabalho/. Trabalhei 9 anos na Cerciportalegre/, depois passei para o ensino oficial/ mas sempre na Educação Especial/.

E- Então nunca trabalhou fora da Educação Especial?

PEE- Não./ E nunca tive o desejo de mudar de área/, a educação especial é a minha paixão /é muito gratificante trabalhar com estes meninos/, mas também é muito esgotante/. Mesmo assim não trocava por nada neste mundo/.

E- Em relação à turma do João qual a sua opinião a cerca dela?

PEE- É uma turma constituída por 24 alunos./ São alunos que a maioria veio do colégio/, com um bom nível socioeconómico/. São alunos que têm bom acompanhamento familiar/. A nível de aprendizagem pode-se considerar que é uma turma razoável/.

É uma turma que aceita bem o João/ e ajudam-no em tudo o que podem/ porque ele é uma criança que tem grandes limitações tanto a nível físico como cognitivo/. Ele está bem inserido na turma/ porque muitos dos colegas vieram com ele desde o pré – escolar /e já têm laços estabelecidos desde aí/.

E- E o João ... como é esta criança?"

PEE- O João é uma criança adorável muito simpática e meiga/. Gosta muito das professoras e auxiliares/ e nunca perde a oportunidade de ser “mimado” por alguém/. É uma criança muito bem-disposta/ e sempre pronta para aprender/.

E- Há algum tempo que trabalha com o João... Como caracteriza a sua vida familiar?"

PEE- Eu trabalho com o João desde Setembro, início do ano lectivo/, tenho-me reunido regularmente com os pais/ e pelo o que me é dado a perceber tem um bom ambiente familiar/ os pais são muito preocupados

com a sua vida escolar e pelo seu bem-estar em geral/ A mãe é no entanto muito ansiosa/ e parece-me pouco “esclarecida” em relação às reais capacidades de aprendizagem do João. /

E- Que progressos em termos de aprendizagem tem o João efectuado?

PEE- Ele gosta de aprender/ mas tem muita dificuldade em manter a atenção/ concentração por muito tempo/ o que dificulta o trabalho./

Os progressos dele são muito limitados/, devido às dificuldades ao nível motor/ mas têm sido feitas algumas aprendizagens./

E- Que tipo de trabalho desenvolve com o aluno?

PEE- Ao nível da aprendizagem da leitura e escrita / estou a utilizar o programa *Grid 2*/, mas só utilizo o computador no centro de recursos/ porque o do João está pedido desde o início do ano e ainda não chegou./

Ao nível da aprendizagem da Matemática, também o trabalho realizado é através do computador./

Faço estimulação sensorial e motora/, através de jogos /e materiais de diversas formas e texturas./

Quando saímos da sala tento que ele vá a andar/, mesmo apoiado a mim/ e não sentado na cadeira de rodas./

Também dou apoio nas sessões de hidroterapia/ que é feita uma vez por semana durante 1 hora./

E- Quais as dificuldades de aprendizagem do João?

PPE- O João tem limitações cognitivas/ mas são sobretudo as suas limitações motoras que condicionam a sua aprendizagem/. E também condiciona muito o facto de não haver recursos na escola/, como por exemplo, as tecnologias de apoio necessárias à sua aprendizagem/. Mas infelizmente é assim/, temos que trabalhar com aquilo que há./

E- Que perspectivas vê em termos evolutivos no futuro do João?

PEE- Penso que o João irá realizar o seu percurso escolar sempre com muito apoio/, no entanto acredito que conseguirá adquirir competências/, pois é um aluno muito persistente./

E- Em relação à escola... Que estratégias implementa para que haja igualdade de sucesso para todas as crianças?

PEE- Para além de serem feitas reuniões com alguma frequência com os pais/ para dar conhecimento da situação escolar dos filhos e procurar soluções para as dificuldades de cada uma/, existe também a Unidade de Ensino de Apoio Estruturado/ que atende crianças autistas e crianças com outras problemáticas/, aqui é feito um diagnóstico do aluno/ e depois é aplicado um plano de intervenção para minimizar as dificuldades que o aluno apresenta./ Outra medida que vai de encontro à igualdade de oportunidades é a criação da biblioteca da escola/, porque para além de promover a literacia para todos/ ainda possibilita aos alunos requisitar livros, cd's e dvd's para levarem para casa/, é uma forma de ajudar aqueles que não têm condições financeiras para terem estes materiais./

E- Há informações, sugestões ou comentários que gostaria de partilhar?

PEE- Julgo que ao longo da entrevista fui dizendo tudo aquilo que sabia e pensava em relação ao João/, de momento não tenho nada a acrescentar./

E- Então quero agradecer uma vez mais a disponibilidade que me dispensou para a realização da entrevista. Espero poder contar consigo no futuro para a continuidade deste trabalho.

PEE- Claro/, estarei sempre disponível para tudo o que necessitar. /

E- Muito obrigado.

c) Análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Perfil do Entrevistado	Habilitações académicas e profissionais	<ul style="list-style-type: none"> - “Quando iniciei a minha vida profissional foi num colégio particular de ensino especial” - “Trabalhei 9 anos na Cerciportalegre” - “Depois passei para o ensino oficial [sempre na Educação Especial]”
	Profissão	<ul style="list-style-type: none"> - “Sou professora há 30 anos”
Perfil da Turma	Dados estruturais	<ul style="list-style-type: none"> - “É uma turma constituída por 24 alunos”
	Enquadramento sócio -escolar	<ul style="list-style-type: none"> - “São alunos que a maioria veio do colégio” - “com um bom nível socioeconómico” - “São alunos que têm bom acompanhamento familiar”
	Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - “A nível de aprendizagem pode-se considerar que é uma turma razoável.”
	Comportamento	<ul style="list-style-type: none"> - “É uma turma que aceita bem o João.” - “ajudam-no em tudo o que podem”
Perfil do Aluno	Caracterização enquadramento familiar	<ul style="list-style-type: none"> - “Tenho-me reunido regularmente com os pais” - “Tem um bom ambiente familiar” - “Os pais são muito preocupados com a sua vida escolar e pelo seu bem-estar em geral” - “A mãe é no entanto muito ansiosa” - “Parece-me pouco” esclarecida” em relação às reais capacidades de aprendizagem do João.
	Caracterização do seu perfil clínico e psicológico	<ul style="list-style-type: none"> - “O João é uma criança adorável muito simpática e meiga” - “É uma criança muito bem-disposta” - “É uma criança que tem grandes limitações tanto a nível físico como cognitivo” - “É um aluno muito persistente”
	Caracterização do percurso escolar do João	<ul style="list-style-type: none"> - “Ele está bem inserido na turma” - “Muitos dos colegas vieram com ele desde o pré – escolar”
	Caracterização do processo de aprendizagem do João	<ul style="list-style-type: none"> - “É uma criança sempre pronta para aprender” - “Ele gosta de aprender” - “Tem muita dificuldade em manter a atenção/ concentração por muito tempo [dificulta o trabalho]” - “Os progressos dele são muito limitados” - “(...) dificuldades ao nível motor” - “Têm sido feitas algumas aprendizagens”
	Caracterização da relação do João com os seus pares / professores	<ul style="list-style-type: none"> - “já têm laços estabelecidos desde aí [pré – escolar]” - “Gosta muito das professoras e auxiliares” - “nunca perde a oportunidade de ser “mimado” por alguém”
	Estratégias implementadas/a implementar	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu trabalho com o João desde Setembro” - “Estou a utilizar o programa Grid 2” - “(...) computador” - “jogos” - “materiais de diversas formas e texturas”

Estratégias eficazes implementadas/a implementar em relação à inclusão dos casos de NEE		<ul style="list-style-type: none"> - “Também dou apoio nas sessões de hidroterapia [que é feita uma vez por semana durante 1 hora]” - “Para além de serem feitas reuniões com alguma frequência com os pais [para dar conhecimento da situação escolar dos filhos e procurar soluções para as dificuldades de cada um], - “existe também a Unidade de Ensino de Apoio Estruturado” - “atende crianças autistas e crianças com outras problemáticas “ - “aqui é feito um diagnóstico do aluno” - “depois é aplicado um plano de intervenção para minimizar as dificuldades que o aluno apresenta” “Outra medida que vai de encontro à igualdade de oportunidades é a criação da biblioteca da escola para além de promover a literacia para todos” - “possibilita aos alunos requisitar livros, cd’s e dvd’s para levarem para casa “ - “é uma forma de ajudar aqueles que não têm condições financeiras para terem estes materiais”
	Áreas trabalhadas com o João	<ul style="list-style-type: none"> - “Ao nível da aprendizagem da leitura e escrita” - “Ao nível da aprendizagem da Matemática” - “Faço estimulação sensorial e motora” - “Quando saímos da sala tento que ele vá a andar [mesmo apoiado a mim e não na cadeira de rodas]”
	Identificar as dificuldades e evoluções sentidas no desenvolvimento das actividades	<ul style="list-style-type: none"> - “Só utilizo o computador no centro de recursos” - O [computador] do João está pedido desde o início do ano e ainda não chegou - “São sobretudo as suas limitações motoras que condicionam a sua aprendizagem” - “E também condiciona muito o facto de não haver recursos na escola [como por exemplo, as tecnologias de apoio necessárias à sua aprendizagem] ” - “[Mas infelizmente é assim], temos que trabalhar com aquilo que há”
	Expectativas do entrevistado em relação ao futuro do aluno	<ul style="list-style-type: none"> - “Penso que o João irá realizar o seu percurso escolar sempre com muito apoio” - “No entanto acredito que conseguirá adquirir competências”
Dados complementares	Vivências	<ul style="list-style-type: none"> - “Nunca tive o desejo de mudar de área” - “A Educação especial é a minha paixão” - “É muito gratificante trabalhar com estes meninos” - “Mas também é muito esgotante” - “Mesmo assim não trocava por nada neste mundo” - “É um prazer partilhar a informação que tenho em relação ao João” - “Tudo o que for para ajudá-lo é bem-vindo”
	Agradecimentos	<ul style="list-style-type: none"> - “Estarei sempre disponível para tudo o que necessitar”

d) Apresentação de resultados

A análise de resultados foi feita através da divisão do discurso feito pelo entrevistado com vista a organizar melhor os dados. Desta forma a entrevista foi dividida em seis categorias e dentro destas existem ainda subcategorias onde são descritas as informações dadas pela entrevistada ao longo do seu discurso (unidades de registo)

Seguidamente apresentarei as categorias e subcategorias fazendo uma análise do conteúdo do discurso.

1- Perfil do entrevistado

No perfil do entrevistado constam as informações pessoais que o entrevistado, nesta caso a professora de educação especial, fornece ao longo da entrevista. Esta categoria subdivide-se em duas subcategorias: habilitações académicas e profissionais e profissão.

- Habilitações académicas e profissionais – A entrevistada descreve-nos o seu percurso profissional ao longo dos anos. Iniciou a sua vida profissional num colégio particular de ensino especial, posteriormente trabalhou ao longo de 9 anos na Cerciportalegre e por fim ingressou no ensino oficial na educação especial.
- Profissão: Professora de Educação Especial há 30 anos.

2- Perfil da Turma

Nesta categoria é feita uma descrição da turma em relação à sua constituição, dinâmica educativa e comportamento. Desta forma esta categoria divide-se em quatro subcategorias: dados estruturais, enquadramento sócio – escolar, aprendizagem e comportamento. Todas estas categorias permitem um melhor conhecimento da turma enquanto grupo.

- Dados estruturais – Turma composta por 24 alunos.
- Enquadramento Sócio – escolar – para a professora de educação especial entrevistada a turma é proveniente de um meio socioeconómico bom e que têm um bom acompanhamento familiar. Estas crianças vieram na sua maioria do colégio.
- Aprendizagem – Ao nível da aprendizagem a entrevistada considera que esta se encontra num nível razoável.
- Comportamento – Na questão do comportamento a entrevistada remete para o comportamento da turma com o aluno em situação de NEE. Desta forma considera que todos aceitam esta criança muito bem, auxiliando-o em tudo o que podem.

3- Perfil do Aluno

No perfil do aluno é feita uma breve caracterização do enquadramento familiar da criança em situação de NEE presente na turma, assim como do seu clínico e psicológico com vista a obter dados a cerca do aluno. Nesta categoria estará também explícito o percurso escolar do aluno e de que modo são efectuadas as suas aprendizagens, assim como a relação existente entre o aluno e população escolar (docentes, não docentes e pares).

- Caracterização do enquadramento familiar – a entrevistada refere que o aluno tem um bom ambiente familiar, os pais são pessoas que se preocupam com a sua vida escolar e com o seu bem – estar geral.

No seu relato a entrevistada menciona ainda que tem reuniões regulares com os pais e que na sua opinião a mãe da criança parece ser um pouco ansiosa e que não se encontra bem “esclarecida” em relação às reais capacidades do seu educando.

- Caracterização do perfil clínico e psicológico – para a entrevistada o aluno é uma criança adorável, simpática e meiga que está sempre bem – disposta. É uma criança muito persistente, mesmo tendo graves limitações tanto ao nível físico como cognitivo.
- Caracterização do percurso escolar – a criança está inserida numa turma, com muitos dos colegas que vieram com ele do pré - escolar.
- Caracterização do processo de aprendizagem – para a professora de educação especial o aluno tem muita dificuldade em manter a atenção e concentração por longos períodos de tempo, dificultando assim a sua aprendizagem. É uma criança que possui graves dificuldades a nível motor, o que faz com que os seus progressos sejam um pouco limitados, todavia é uma criança que gosta e está sempre disposta a aprender.
- Caracterização das relações com os pares e adultos: no que diz respeito às relações do aluno com os seus pares, a entrevistada considera que estas são boas uma vez que grande parte das crianças veio da mesma instituição de pré – escolar, onde estabeleceram laços. Com os adultos o aluno possui uma boa relação com todos, gostando muito de ser “mimado”.

4- Estratégias eficazes implementadas/a implementar em relação à inclusão dos casos de NEE

Nesta categoria a entrevistada revela as principais estratégias que utiliza no processo de aprendizagem do aluno em situação de NEE, assim como as áreas a trabalhar de modo a promover um melhor desenvolvimento das capacidades do aluno.

Ainda são referidas as principais dificuldades sentidas no desenvolvimento das actividades com o aluno e quais as expectativas que a entrevistada tem em relação à sua evolução no futuro.

- Estratégias implementadas / a implementar - desde que iniciou o ano lectivo (Setembro) que a entrevistada trabalha com o aluno utilizando o “GRID2” , através do computador e utilização de jogos e materiais de diversas formas e texturas. O aluno frequenta ainda as aulas de hidroterapia, uma vez por semana.

No caso da implementação de estratégias dinamizadoras de igualdade de oportunidades entre os alunos a professora refere que a existência de reuniões frequentes entre professores e encarregados de educação possibilita que os pais tomem conhecimento das situações escolares dos seus filhos, e decidirem em conjunto as soluções para as dificuldades existentes. Outra medida é a existência da Unidade de Ensino de Apoio estruturado que ajudam crianças autistas e crianças com outras problemáticas, onde são avaliadas e são propostos planos de intervenção para minimizar as suas dificuldades. Finalmente a entrevistada é da opinião que a biblioteca escolar é outra forma de promoção de igualdade para todos, uma vez que promove a literacia para todos e os alunos também têm a possibilidade de requisitar materiais (livros, cd e dvd), sendo esta uma forma de ajudar aqueles que não têm condições financeiras para adquirirem estes mesmos materiais.

- Áreas trabalhadas – as áreas que actualmente a professora trabalha com o aluno são as áreas da leitura e da escrita, matemática e estimulação sensorial e motora.
-
- Identificar as dificuldades e evoluções sentidas no desenvolvimento das actividades – para a entrevistada são sobretudo as limitações motoras que o aluno tem que condicionam a sua aprendizagem, no entanto, esta lamenta o facto de não haver na escola recursos para que

esta criança possa trabalhar mediante as suas dificuldades. Recurso nomeadamente ao nível das tecnologias de apoio, apesar de já ter sido pedido um computador que permita ao aluno trabalhar, pois assim não teriam que se deslocar ao centro de recursos para a utilização dessas mesmas tecnologias.

- Expectativas do entrevistado face ao futuro do aluno em termos de evolução – em termos de evolução das aprendizagens do aluno a professora de educação especial é da opinião que o aluno adquirirá algumas competências, porém este percurso será feito sempre com muito apoio.

5- Dados complementares

Nesta categoria a entrevistada faz referência a algumas das suas vivências e apresenta o seu discurso relativamente aos agradecimentos para a realização desta entrevista. Assim, nesta categoria serão apresentadas duas subcategorias.

- Vivências – para a professora entrevistada a educação especial é a sua paixão e nunca pensou em mudar de área, pois é muito gratificante este trabalho, embora seja também esgotante.
A professora refere ainda que para ela é um prazer partilhar a informação que tem em relação ao aluno em situação de NEE, pois tudo o que servir para ajudá-lo será bem recebido.
- Agradecimento – na fase final da entrevista a entrevistada revela que estará disponível para partilhar tudo o que for necessário para a realização deste trabalho.

Anexo IV : Segunda entrevista à professora titular de turma

a) Guião da entrevista

Temática: Balanço da situação educativa da Turma

Objectivos da entrevista:

- recolher informações para caracterizar a intervenção com a Turma;
- recolher informações sobre as relações existentes dentro da Turma;
- levantamento de dados para a caracterização do percurso de aprendizagens do aluno em situação de NEE ao longo do ano lectivo;
- fazer um levantamento das estratégias/ actividades promotoras de inclusão do aluno na turma no futuro.

Entrevistado: Professora Titular de Turma

Data: 14/ 06/2010

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Tópicos	Observações	Perguntas
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	- Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente - Motivar o entrevistado	- Motivos da entrevista - Objectivos	- Entrevista semi – directiva - Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado - Tratar o entrevistado com delicadeza	
Bloco B Perfil da Turma	- Balanço do ano lectivo - Caracterização das relações existentes na turma	- Objectivos atingidos - Mudanças nas relações	Estar atenta às reacções do entrevistado e registá-las por escrito	- “Chegámos ao fim de mais um ano lectivo. Que balanço faz deste ano que passou?” - “ E em relação ao grupo... Conseguiu atingir todos os objectivos propostos?” - “Ao longo de todos estes meses sentiu que ocorreu alguma mudança nas relações existentes dentro do

				grupo?”
Bloco C Perfil do Aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar a relação do aluno com a turma - Fazer um levantamento das aprendizagens do aluno 	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterização da relação do João com os seus pares - Percurso escolar: aspectos negativos e aspectos positivos 	<ul style="list-style-type: none"> - Ter em atenção os comportamentos não verbais que denunciem certas reacções do entrevistado em relação ao aluno 	<ul style="list-style-type: none"> - “Sentiu que a relação com o João com os seus colegas sofreu alguma alteração?” - “Notou algum progresso a nível educacional do - João ao longo da minha intervenção?”
Bloco D Balanço da Intervenção	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar a intervenção com a turma - Benefícios da intervenção para o aluno e para a turma 	<ul style="list-style-type: none"> - Intervenção com a turma - Objectivos atingidos 	<ul style="list-style-type: none"> - Prestar atenção ao posicionamento do entrevistado em relação à intervenção feita 	<ul style="list-style-type: none"> - “Em Fevereiro iniciei com o grupo e o João a minha intervenção. - “Qual a sua opinião sobre a minha presença dentro da sua sala?” - “Considera que foi benéfica para o aluno?”
Bloco E Estratégias eficazes implementadas/ a implementar promotoras de inclusão	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer um balanço das estratégias implementadas na intervenção promotoras de inclusão - Fazer um levantamento de possíveis estratégias a utilizar no futuro com a turma 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as dificuldades sentidas no desenvolvimento das actividades - Sugestão de novas actividades e estratégias promotoras de inclusão 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostrar compreensão e vontade de aceitar as sugestões dadas pelo entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> - “Considera que existem estratégias ou actividades que deverão ser feitas de futuro que visem à continuação da inclusão do João na turma?”
Bloco F Dados complementares	<ul style="list-style-type: none"> - Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes - Agradecer o contributo prestado 	<ul style="list-style-type: none"> - Vivências -Constrangimentos - Agradecimentos 		<ul style="list-style-type: none"> - “Há informações, sugestões ou comentários que gostaria de acrescentar a esta nossa conversa?” - “Agradeço a disponibilidade para a entrevista. Toda a informação partilhada ser-me-á muito útil para a realização do trabalho”

b) Protocolo da entrevista

Data: 14 de Junho 2010

Entrevistadora – E

Professora Titular de Turma- PTT

Objectivos Gerais

- Recolher informações para caracterizar a intervenção com a Turma;
- Recolher informações sobre as relações existentes dentro da Turma;
- Levantamento de dados para a caracterização do percurso de aprendizagens do aluno em situação de NEE ao longo do ano lectivo;
- Fazer um levantamento das estratégias/ actividades promotoras de inclusão do aluno na turma no futuro.

PROTOCOLO DA ENTREVISTA À PROFESSORA TITULAR DE TURMA

E- Mais uma vez quero agradecer a disponibilidade que me tem dado para a realização das entrevistas ao longo deste projecto. Esta entrevista tem como objectivo fazer um balanço da minha intervenção com a turma e recolher dados que me permitam fazer as conclusões de todo o processo que foi decorrendo ao longo destes meses.

PTT- É um prazer continuar a ajudá-la no seu trabalho/.

E- Chegámos então ao fim de mais um ano lectivo. Que balanço é que faz deste ano que passou?

PTT- Foi um balanço muito positivo/. Por vezes enfrentámos grandes dificuldades/ mas no final correu tudo bem/.

E- E com a turma...Conseguiu atingir todos os objectivos propostos?

PTT- Sim (risos)/ foram cumpridos todos os objectivos propostos para o ano lectivo/.

E- Ao longo de todos estes meses de convivência com a turma sentiu que ocorreram algumas mudanças nas relações entre o grupo?

PTT- Com muito trabalho por parte do professor/ e também dos alunos/, alguns conflitos existentes foram desaparecendo ao longo do ano/. A relação do grupo no final passou a ser muito boa/.

E- Sentiu que a relação do João com os seus colegas sofreu alguma alteração e vice-versa?

PTT- Não/, sempre o consideraram mais um elemento da turma/ e sempre que podiam ajudavam-no nas tarefas/. O João sempre foi muito carinhoso com todos/ e procurou sempre que todos lhe dessem muita atenção/.

E- Em Fevereiro iniciei a minha intervenção com o grupo e com o João. Qual a sua opinião sobre a minha presença dentro da sua sala?

PTT- Foi uma “mais valia”/, pois o trabalho que desenvolveu com o João foi muito bom/ e ele gostava muito quando estava na sala com ele/, pois era mais uma pessoa que estava ali para lhe dar atenção/ e ele necessitou sempre de muita/ e eu nem sempre lhe podia dar/. E abordou muitos temas/ sempre de forma lúdica/, o que ajudou muito a turma/ quando eram temas novos/ pois sentiam-se muito mais motivados para aprender/, motivando também o João/ pois era disso que ele precisava/.

E- Notou algum progresso a nível de aprendizagens do João ao longo da minha intervenção?

PTT- Sim/ penso que fez algumas aprendizagens/, mas infelizmente não todas as que gostaríamos/ que ele tivesse adquirido/, tem ainda muitas dificuldades/. Mas a sua intervenção foi benéfica para o João/, com toda a certeza/ (sorrindo).

E- Considera que existem estratégias ou actividades que deverão ser aplicadas no futuro que ajudem na continuação da inclusão do João na turma?

PTT- É sempre bom novas estratégias e actividades/, mas em relação à inclusão do João não há necessidade/, pois ele está muito bem incluído na turma/, não se sente de forma nenhuma à parte dos colegas/.

E- Há informações , sugestões ou comentários que gostaria de acrescentar a esta nossa conversa?

xxxvii

PTT- Gostava apenas de dizer que gostei muito de a ter a trabalhar comigo na sala/ e que fez um bom trabalho/, pois empenhou-se bastante/. Que tudo corra pelo melhor/ e que tenha muito sucesso/.

E- Agradeço bastante a disponibilidade para a entrevista, e dos seus elogios (sorriso). Toda esta informação partilhada vai ser bastante útil para a continuação deste trabalho. Também gostei muito de estar na sua sala a intervir, nunca tinha trabalhado directamente com crianças em situação de NEE mas gostei muito do desafio.

PTT- Não tem de quê/. E volte sempre que quiser à nossa sala para nos visitar/.

c) Análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Motivos da entrevista	“É um prazer continuar a ajudá-la no seu trabalho”
Perfil da Turma	Objectivos atingidos	“Foi um balanço muito positivo” “mas no final correu tudo bem” “foram cumpridos todos os objectivos propostos para o ano lectivo”
	Mudanças nas relações	“Com muito trabalho por parte do professor” “e também dos alunos” “alguns conflitos existentes foram desaparecendo ao longo do ano” “A relação do grupo no final passou a ser muito boa” “sempre o consideraram mais um elemento da turma” “sempre que podiam ajudavam-no nas tarefas”
Perfil do Aluno	Caracterização da relação do João com os seus pares	“O João sempre foi muito carinhoso com todos” “e procurou sempre que todos lhe dessem muita atenção”
	Percurso escolar: aspectos negativos e aspectos positivos	“pois era disso que ele precisava” “penso que fez algumas aprendizagens” “mas infelizmente não todas as que gostaríamos que ele tivesse adquirido” “tem ainda muitas dificuldades” “Mas a sua intervenção foi benéfica para o João, com toda a certeza”
Balanço da Intervenção	Intervenção com a turma	“Foi uma “mais valia”” “pois o trabalho que desenvolveu com o João foi muito bom” “ele gostava muito quando estava na sala com ele” “era mais uma pessoa que estava ali para lhe dar atenção” “abordou muitos temas” “sempre de forma lúdica” “o que ajudou muito a turma”
	Objectivos atingidos	“quando eram temas novos” “pois sentiam-se muito mais motivados para aprender” “motivando também o João”
Estratégias eficazes implementadas/ a implementar promotoras de inclusão	Identificar as dificuldades sentidas no desenvolvimento das actividades	“e ele necessitou sempre de muita (atenção)”

	Sugestão de novas actividades e estratégias promotoras de inclusão	<p>“É sempre bom novas estratégias e actividades”</p> <p>“mas em relação à inclusão do João não há necessidade pois ele está muito bem incluído na turma”</p> <p>“não se sente de forma nenhuma à parte dos colegas”</p>
Dados complementares	Vivências	<p>“Gostava apenas de dizer que gostei muito de a ter a trabalhar comigo na sala”</p> <p>“que fez um bom trabalho”</p> <p>“empenhou-se bastante”</p>
	Constrangimentos	<p>“Por vezes enfrentámos grandes dificuldades”</p> <p>“eu nem sempre lhe podia dar (atenção)”</p>
	Agradecimentos	<p>“tenha muito sucesso”</p> <p>“Que tudo corra pelo melhor “</p> <p>“Não tem de quê”</p> <p>“volte sempre que quiser à nossa sala para nos visitar”</p>

d) Apresentação de resultados

A análise de resultados foi elaborada através da divisão do discurso efectuado pela entrevistada com o objectivo de organizar os dados. Desta forma a entrevista foi dividida em seis categorias e dentro destas encontram-se ainda subcategorias que têm como finalidade apresentar as informações dadas pela entrevistada ao longo do seu discurso (unidades de registo).

1- Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado

Nesta categoria é feita a apresentação de alguns dos objectivos da entrevista de modo a introduzir o primeiro bloco de perguntas. A entrevistada revela que é um prazer continuar a dar informações úteis que permitam continuar com a realização do projecto de investigação – acção em causa.

2- Perfil da Turma

O perfil da turma é composto pelas opiniões da entrevistada em relação à sua prática pedagógica ao longo do ano lectivo e à modificação das relações existentes dentro da turma no decorrer do ano lectivo. Esta categoria divide-se em duas subcategorias:

- Objectivos atingidos - para a entrevistada o balanço do ano lectivo foi muito positivo com todos os objectivos propostos atingidos.
- Mudanças nas relações - ao longo dos meses existiram alguns conflitos dentro da turma, no entanto com a ajuda do professor estes foram desaparecendo fazendo com que as relações entre pares fosse muito boa no final do ano.

3- Perfil do Aluno

Esta categoria corresponde às informações dadas pela entrevistada em relação ao aluno, nomeadamente à relação que este manteve ao longo do ano com os seus pares e o seu percurso escolar durante os meses de duração do ano lectivo. Desta forma a categoria divide-se em duas subcategorias:

- Caracterização da relação do João com os seus pares - o aluno foi sempre ser carinhoso com todos procurando sempre que lhe dessem muita atenção.
- Percurso Escolar - aspectos negativos e aspectos positivos - para a professora titular de turma o aluno fez algumas aprendizagens, embora não fossem suficientes pois apresenta muitas dificuldades. No entanto, considera que a intervenção junto do aluno foi benéfica para ele.

4- Balanço da Intervenção

No balanço da intervenção é feito um feedback do trabalho feito com toda a turma e em termos que objectivos foram atingidos, na opinião da entrevistada. Esta categoria divide-se nas subcategorias:

- Intervenção com a Turma - no que diz respeito à minha intervenção com a turma a entrevistada salienta que foi muito útil para toda a turma, mas principalmente com o João pois este gostava muito da minha presença na sala e lhe dava alguma da atenção que ele necessitava. Em relação às temáticas que foram abordadas, a professora considerou que foram abordados muitos temas e o facto de serem de forma mais lúdica ajudou muito nas aprendizagens.
- Objectivos atingidos - os objectivos que foram atingidos com a intervenção, na opinião da entrevistada foi a motivação que consegui despertar na turma e no João, essencialmente quando eram temas novos.

•
5- Estratégias eficazes implementadas/ a implementar promotoras de Inclusão

Esta categoria retrata a opinião da entrevistada em relação às práticas inclusivas dentro da sala com todos os elementos da turma. Uma das subcategorias regista quais as dificuldades sentidas no desenvolvimento de actividades e na outra, qual a sua opinião face à aplicação de novas actividades no futuro.

- Identificar as dificuldades sentidas no desenvolvimento das actividades - para a entrevistada a principal dificuldade na realização das actividades é o facto do João necessitar sempre de muita atenção.
- Sugestão de novas actividades e estratégias promotoras de inclusão - na opinião da entrevistada é sempre positivo a existência de novas actividades e estratégias, mas no que diz respeito à inclusão do João na turma não existe necessidade, uma vez que para a professora o João está muito bem incluído na turma, não se sentindo de forma nenhuma à parte dos colegas.

6- Dados complementares

Nesta categoria registaram-se as opiniões pessoais dadas pela entrevistada ao longo da entrevista, assim como dos constrangimentos em relação ao ano lectivo que passou e, também à presença do João na sala.

- Vivências – nesta subcategoria a entrevistada revela que gostou muito da presença da entrevistadora dentro da sala e que foi feito um bom trabalho com a turma pois houve muito empenho.
- Constrangimentos – a professora revela que por vezes enfrentaram grandes dificuldades ao longo do ano. Lamenta, também por nem sempre poder dar atenção ao João.
- Agradecimentos – a entrevistadora deseja muito sucesso para a entrevistadora e o convite para visitar a turma sempre que desejar.

Anexo V : Segunda entrevista à professora educação especial

a) Guião da entrevista

Temática: Balanço da situação educativa do aluno

Objectivos da entrevista:

- fazer um levantamento do trabalho efectuado com o aluno
- recolher informação sobre as novas competências adquiridas pelo aluno ao longo do ano lectivo
- recolher informações sobre a adaptação do aluno às tecnologias de apoio
- recolher dados sobre actividades e estratégias que devem ser feitas futuramente em promovam ainda mais a inclusão do aluno na sua turma

Entrevistado: Professora de Ensino Especial

Data: 16/ 06/2010

Designação dos Blocos	Objectivos Específicos	Tópicos	Observações	Perguntas
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none">- Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente- Motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">- Motivos da entrevista- Objectivos	<ul style="list-style-type: none">- Entrevista semi- directiva- Explicar quais os pressupostos da entrevista	<ul style="list-style-type: none">- “Agradeço mais uma vez a sua disponibilidade para esta entrevista. Para a continuação do meu projecto necessito de recolher algumas informações que caracterizem o percurso escolar do João e a minha intervenção ao longo destes quatro meses”
Bloco B Perfil do Entrevistado	<ul style="list-style-type: none">- Balanço do ano lectivo- Levantamento do trabalho feito com o aluno- Opinião do entrevistado face à utilização das tecnologias de apoio com o aluno	<ul style="list-style-type: none">- Trabalho realizado pelo entrevistado com o aluno	<ul style="list-style-type: none">- Estar atento às reacções do entrevistado e anotá-las por escrito	<ul style="list-style-type: none">- “ Qual o balanço que faz deste ano lectivo que passou?”- “ E com o João... Que trabalho realizou com ele ao longo do ano?”- “Considera indispensável a utilização das

				tecnologias de apoio para o desenvolvimento deste aluno?”
Bloco C Perfil do Aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Recolha de informação sobre as aprendizagens alcançadas pelo aluno - Adaptação do aluno às tecnologias de apoio 	<ul style="list-style-type: none"> - Características do aluno - Aprendizagens feitas ao longo do ano lectivo - Utilização das tecnologias de apoio como meio de comunicação - Inclusão do aluno 	<ul style="list-style-type: none"> - Ter em atenção os comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções ao longo do discurso do entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> - “Quais foram as aprendizagens feitas pelo aluno nestes meses?” - “No 2º período o aluno recebeu o computador com o programa GRID2. Como foi a adaptação do aluno a esta tecnologia de apoio?” - “Que novas aprendizagens foram feitas com este material?”
Bloco D Intervenção do entrevistador	<ul style="list-style-type: none"> - Recolha de informação sobre a intervenção com o aluno e a turma - Benefícios da intervenção para o aluno 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho realizado com a turma com vista à inclusão do aluno 	<ul style="list-style-type: none"> - Prestar atenção ao posicionamento do entrevistado em relação à intervenção feita 	<ul style="list-style-type: none"> - “No mês de Fevereiro iniciei a minha intervenção junto da turma do João. Na sua opinião houve alguma alteração nas aprendizagens do aluno?” - “Como considera a inclusão do João ao longo do ano lectivo? Pensa que houve alguma alteração a este nível?”
Bloco E Estratégias eficazes implementadas/ a implementar promotoras de inclusão	<ul style="list-style-type: none"> - Recolha de informação sobre as estratégias que possam melhorar a inclusão do aluno - Recolha de elementos que avaliem as estratégias implementadas ao longo da intervenção 	<ul style="list-style-type: none"> - Levantamento de novos objectivos a serem atingidos - Identificar novas estratégias que possam ser aplicadas futuramente 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostrar compreensão e vontade de aceitar as sugestões dadas pelo entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> - “No futuro existem algumas estratégias/ actividades que poderiam ser adoptadas como promotoras de inclusão do aluno na turma?”

<p>Bloco F Dados complementares</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes - Agradecer o contributo prestado 	<ul style="list-style-type: none"> - Vivências - Constrangimentos - Agradecimentos 	<ul style="list-style-type: none"> - Dar oportunidade ao entrevistado de acrescentar novos elementos à conversa - Agradecer a disponibilidade para a realização da entrevista 	<ul style="list-style-type: none"> - “ Há algum comentário ou informação que gostaria de acrescentar as esta entrevista?” “Obrigado pela disponibilidade e colaboração para esta entrevista. Estes dados serão muito úteis para o desenvolvimento deste projecto “
--	--	---	---	--

b) Protocolo da entrevista

Data: 16 de Junho 2010

Entrevistadora – E

Professora Educação Especial - PEE

Objectivos Gerais

- Recolher informações para caracterizar o percurso escolar do aluno ao longo do ano lectivo;
- Fazer um levantamento do trabalho efectuado com o aluno;
- Recolher informação sobre a adaptação do aluno às tecnologias de apoio;
- Saber quais as estratégias e actividades que podem ser realizadas futuramente que promovam ainda mais a inclusão do aluno na sua turma.

PROTOCOLO DA ENTREVISTA À PROFESSORA ENSINO ESPECIAL

E- Agradeço mais uma vez a sua disponibilidade para esta entrevista. Para a continuação do meu projecto necessito de recolher algumas informações que caracterizem o percurso escolar do João e a minha intervenção ao longo destes quatro meses.

PEE- Não precisa agradecer/, é sempre um prazer ajudar./

E- Então para começar podia dizer-me que balanço faz deste ano lectivo que passou?

PEE- Foi um ano bastante positivo./ Conseguimos atingir muitos objectivos que estavam propostos/, o ambiente na escola foi também muito bom/, houve a participação/ e ajuda de todos nas diversas actividades/. Pessoalmente, o grande objectivo era a inclusão do João na escola/ e isso foi conseguido em pleno/. (sorri)

E- Que trabalho realizou com o João ao longo do ano?

PEE- Para além de trabalhar alguma autonomia com ele/, foram trabalhados os conteúdos da Língua Portuguesa/ com o GRID2/, onde foram ensinadas as letras do alfabeto/ e algumas palavras/. Também foi dada a Matemática/ onde foram trabalhados os conteúdos delineados no seu PEI/.

E- Quais as aprendizagens feitas pelo aluno nestes meses?

PEE- As aprendizagens foram pouco significativas/, pois /o João tem muitas dificuldades/, tanto cognitivas como motoras/, que o condicionam bastante/. Muitas das vezes num dado momento/ parecia que as aprendizagens foram adquiridas/ mas se voltássemos a repetir a actividade /ele já não sabia/, embora a sua memória seja muito boa/ pois/ fixa as conversas/ e acontecimentos passados/ com muita nitidez/.

E- No segundo período o aluno recebeu o computador com o programa GRID2. Como foi a adaptação do aluno a esta tecnologia de apoio?

PEE- Desde o início do ano lectivo/ o João teve um tempo de adaptação ao programa/ e ao ecrã tátil/ com a ajuda dos colegas do CRTICEE/. Adaptou-se bastante bem/ apesar das suas limitações/, foi pena o computador só chegar até ele em Fevereiro/ porque tínhamos tido mais tempo para o utilizar diariamente/, em vez de ser só uma semana/. Mas/ ele gosta muito do computador/ e/ conseguiu adaptar-se muito depressa/.

E- Que aprendizagens foram feitas com este material?

PEE- As aprendizagens feitas com o GRID/ foram essencialmente as da Língua Portuguesa./

E- Considera indispensável a utilização das tecnologias de apoio para o desenvolvimento do aluno?

PEE- Completamente/. O João tem muita dificuldade/ em manusear os materiais/, com o computador essa dificuldade não sendo eliminada/ é pelo menos esbatida/.

E- Também no mês de Fevereiro iniciei a minha intervenção junto do João e da turma. Na sua opinião houve alguma alteração nas aprendizagens do aluno?

PEE- Sim, claro que sim./ Sobretudo nas áreas da Matemática/ e da Língua Portuguesa./ procurou sempre abordar essas áreas de uma forma muito lúdica/, utilizando sempre outras áreas como a Expressão Plástica para chegar a esses conteúdos/ e treinou muito a leitura/ e a escrita/ porque fez actividades que envolviam a utilização do computador/ e isso ajudou muito/ porque assim o João ia treinando o que aprendia comigo/. Para além disso ter uma pessoa dentro da sala que o ajudava /foi bastante benéfico para ele /e o João gostou muito de si desde início/.

E- Como considera a inclusão do João ao longo do ano lectivo?

PEE- A inclusão do João em todo o meio escolar foi conseguida em pleno./ Ele está completamente integrado/ e gosta bastante da escola, dos colegas e professores./

E- No futuro existem algumas actividades ou estratégias que possam vir a ser adoptadas face à continuação da inclusão do aluno na sua turma?

PEE- Penso que a parte de socialização e adaptação do João à escola foi conseguida/, mas no próximo ano lectivo/ o grande objectivo será conseguir a autonomia do aluno/ o máximo possível ./ mas será um grande desafio/ porque o João tem muitas dificuldades a esse nível./

E- Há algum comentário ou informação que gostaria de acrescentar a esta entrevista?

PEE- Penso que foi tudo dito./ O João é um menino muito especial/ e as pequenas conquistas são sempre grandes vitórias./ Gostei muito de a ter junto dele/ para ajudá-lo/ e penso que fez um bom trabalho./ não desanime/ se os objectivos que tinha propostos não foram atingidos no total/ porque nem sempre é possível conseguir./ (sorri)

E- Obrigado pela disponibilidade e colaboração para esta entrevista e consequentemente para o desenvolvimento deste projecto de intervenção – acção.

PEE- De nada./ estarei sempre disponível para a ajudar/. Espero que corra tudo bem para o seu futuro profissional./

E- Obrigado. (sorri)

c) Análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Motivos da entrevista	<p>“Não precisa agradecer”</p> <p>“é sempre um prazer ajudar”</p>
Perfil do Entrevistado	Balanço do ano lectivo	<p>“Foi um ano bastante positivo”</p> <p>“Conseguimos atingir muitos objectivos que estavam propostos”</p> <p>“o ambiente na escola foi também muito bom”</p> <p>“houve a participação e ajuda de todos”</p> <p>“nas diversas actividades”</p>
	Trabalho realizado pelo entrevistado com o aluno	<p>“o grande objectivo era a inclusão do João na escola”</p> <p>“e isso foi conseguido em pleno”</p> <p>Para além de trabalhar alguma autonomia com ele</p> <p>“foram trabalhados os conteúdos da Língua Portuguesa”</p> <p>“com o GRID2”</p> <p>“foram ensinadas as letras do alfabeto”</p> <p>“algumas palavras”</p> <p>“foi dada a Matemática”</p> <p>“foram trabalhados os conteúdos delineados no seu PEI”</p>
Perfil do Aluno	Características do aluno	<p>“O João tem muitas dificuldades tanto cognitivas como motoras”</p> <p>“que o condicionam bastante”</p> <p>“em manusear os materiais”</p> <p>“a sua memória seja muito boa fixa as conversas”</p> <p>“e acontecimentos passados”</p> <p>“com muita nitidez”</p> <p>“apesar das suas limitações”</p> <p>“O João é um menino muito especial”</p>
	Aprendizagens feitas ao longo do ano lectivo	<p>“As aprendizagens foram pouco significativas”</p> <p>“Muitas das vezes num dado momento”</p> <p>“parecia que as aprendizagens foram adquiridas”</p> <p>“se voltássemos a repetir a actividade”</p> <p>“ele já não sabia”</p> <p>“As aprendizagens feitas com o GRID”</p> <p>“foram essencialmente as da Língua Portuguesa”</p>
	Utilização das tecnologias de apoio como meio de comunicação	<p>“Desde o início do ano lectivo”</p> <p>“teve um tempo de adaptação ao programa”</p>

		<p>“e ao ecrã tátil “</p> <p>“com a ajuda dos colegas do CRTICEE “</p> <p>“Adaptou-se bastante bem “</p> <p>“ele gosta muito do computador “</p> <p>“conseguiu adaptar-se muito depressa “</p> <p>“com o computador essa dificuldade não sendo eliminada “</p> <p>“é pelo menos esbatida “</p>
	Inclusão do aluno	<p>“A inclusão do João em todo o meio escolar foi conseguida em pleno “</p> <p>“Ele está completamente integrado”</p> <p>“gosta bastante da escola, dos colegas e professores “</p>
Intervenção do entrevistador	Trabalho realizado com a turma com vista à inclusão do aluno	<p>“ Sim, claro que sim “</p> <p>“Sobretudo nas áreas da Matemática “</p> <p>“e da Língua Portuguesa “</p> <p>“ procurou sempre abordar essas áreas de uma forma muito lúdica “</p> <p>“utilizando sempre outras áreas como a Expressão Plástica para chegar a esses conteúdos “</p> <p>“treinou muito a leitura “</p> <p>“e a escrita “</p> <p>“ fez actividades que envolviam a utilização do computador “</p> <p>“ ajudou muito”</p> <p>“o João ia treinando o que aprendia comigo “</p> <p>“ ter uma pessoa dentro da sala que o ajudava foi bastante benéfico “</p> <p>“o João gostou muito de si desde início “</p> <p>“ não desanime se os objectivos que tinha propostos não foram atingidos no total “</p>
Estratégias eficazes implementadas/ a implementar promotoras de inclusão	Levantamento de novos objectivos a serem atingidos	<p>“no próximo ano lectivo “</p> <p>“o grande objectivo será conseguir a autonomia do aluno ”</p>
	Identificar novas estratégias que possam ser aplicadas futuramente	<p>“ será um grande desafio “</p> <p>“o João tem muitas dificuldades a esse nível “</p>

Dados complementares	Vivências	<p>“Penso que a parte de socialização e adaptação do João à escola foi conseguida “</p> <p>“as pequenas conquistas são sempre grandes vitórias “</p> <p>“Gostei muito de a ter junto dele para ajudá-lo “</p> <p>“penso que fez um bom trabalho “</p>
	Constrangimentos	<p>“foi pena o computador só chegar até ele em Fevereiro “</p> <p>“tínhamos tido mais tempo para o utilizar diariamente “</p> <p>“em vez de ser só uma semana “</p> <p>“nem sempre é possível conseguir “</p>
	Agradecimentos	<p>“De nada “</p> <p>“estarei sempre disponível para a ajudar “</p> <p>“Espero que corra tudo bem para o seu futuro profissional “</p>

d) Apresentação de resultados

A análise de resultados foi organizada através da divisão do discurso da entrevistada com o objectivo de seleccionar as informações. Desta forma a entrevista foi dividida em seis categorias que são, ainda, divididas em subcategorias cuja finalidade é apresentar os dados retirados da entrevista, as unidades de registo.

1- Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado

Nesta categoria é feita a apresentação de alguns dos objectivos da entrevista de modo a introduzir o primeiro bloco de perguntas. A entrevistada revela que é um prazer ajudar, não sendo necessário agradecer.

2- Perfil do Entrevistado

O perfil do entrevistado é traçado através do discurso da entrevistada em relação ao trabalho realizado com o aluno, assim como a sua opinião face ao ano lectivo que passou. Esta categoria divide-se em duas subcategorias:

- Balanço do Ano Lectivo - para a entrevistada o balanço do ano lectivo foi bastante positivo com todos os objectivos propostos atingidos. Refere ainda que o ambiente escolar foi muito bom pois houve a participação de todos nas diversas actividades.
- Trabalho realizado pelo entrevistado com o aluno - ao longo do ano lectivo a entrevistada tinha como principal objectivo a inclusão do João na escola, sendo este conseguido na sua plenitude. Para além de trabalhar em prol da inclusão e adaptação do João na escola a professora trabalhou ainda a autonomia, conteúdos da Língua Portuguesa com o GRID 2 (letras do alfabeto e algumas palavras), assim como conteúdos de Matemática delineados no PEI do aluno.

3- Perfil do Aluno

Esta categoria corresponde às informações dadas pela entrevistada em relação ao aluno, nomeadamente algumas das suas características, as aprendizagens efectuadas ao longo do ano, a forma como lidou com a utilização do computador como ajuda para a escrita e leitura e de que forma o aluno se encontra incluído no seu ambiente escolar. Desta forma a categoria divide-se em quatro subcategorias:

- Características do aluno - o aluno tem muitas dificuldades tanto cognitivas como motoras o condicionam bastante. Apresenta dificuldades em manusear materiais. Possui uma memória muito boa, fixa as conversas e acontecimentos passados com muita nitidez. Mas apesar das suas limitações, é para a entrevistada um menino muito especial.
- Aprendizagens feitas ao longo do ano lectivo - para a professora de educação especial as aprendizagens do aluno foram pouco significativas, pois muitas das vezes o aluno dava a entender que tinha retido algo do que foi ensinado mas se voltasse a repetir este já não sabia. Contudo o aluno adquiriu algumas aprendizagens ao nível da língua portuguesa com o programa GRID2.
- Utilização das tecnologias de apoio como meio de comunicação - o aluno teve algum tempo de adaptação ao programa e ao ecrã tátil no CRTICEE, adaptando-se bem e depressa ao computador. Para além de gostar muito de o utilizar, o computador também ajuda o aluno a suprimir as dificuldades que o aluno apresenta.
- Inclusão do aluno - na opinião da entrevistada o aluno está muito bem integrado no seu meio escolar, gosta bastante da escola, dos colegas e professores. A sua inclusão foi conseguida em pleno.

4- Intervenção do entrevistador

Neste tópico a entrevistada reflecte a sua opinião sobre a intervenção feita pelo entrevistador à turma onde o João está inserido. Esta categoria divide-se na subcategoria:

- Trabalho realizado com a turma com vista à inclusão do aluno - no que diz respeito à minha intervenção com a turma a entrevistada salienta foi útil para o aluno, principalmente nas áreas da Matemática e Língua Portuguesa pois houve sempre a tentativa de as abordar de forma lúdica, utilizando outras como a Expressão Plástica para alcançar esses conteúdos. Foram também treinadas as aprendizagens feitas com a entrevistada, nomeadamente a leitura e a escrita com o computador. O facto de o João ter uma pessoa que o aluno gostava dentro da sala para o ajudar foi muito benéfico.

A entrevistada deixa ainda o conselho para que não haja desânimo no caso de haver objectivos propostos que não foram conseguidos.

5- Estratégias eficazes implementadas/ a implementar promotoras de Inclusão

Esta categoria retrata a opinião da entrevistada em relação às práticas inclusivas no futuro. Divide-se em duas subcategorias:

- Levantamento de novos objectivos a serem atingidos – para a entrevistada no próximo ano lectivo o grande objectivo é trabalhar a autonomia do aluno.
- Identificar novas estratégias que possam ser aplicadas futuramente – a entrevistada não refere quais as estratégias que pretende aplicar, no entanto refere que será um grande desafio pois o aluno apresenta muitas dificuldades ao nível da autonomia.

6- Dados complementares

Nesta categoria registaram-se as opiniões pessoais dadas pela entrevistada ao longo da entrevista, assim como dos constrangimentos em relação ao ano lectivo que passou.

- Vivências – nesta subcategoria a entrevistada revela que a socialização e adaptação do João à escola foi conseguida, que existem as pequenas conquistas que são sempre grandes vitórias. Exprime ainda o seu agrado em relação à presença da entrevistadora dentro da sala, assim como ao seu trabalho.
- Constrangimentos – a professora revela que o facto de o computador só ter chegado em Fevereiro ao aluno fez com que tivesse menos tempo para aprender. Uma vez que passariam a usá-lo diariamente em vez de ser apenas uma vez por semana.
- Agradecimentos – a entrevistadora deseja que no futuro profissional da entrevistadora corra tudo bem, mostrando-se também, sempre disponível para ajudar.

Anexo VI : Observação naturalista

a) Protocolo

Ano de escolaridade: 1ºAno do Ensino Básico

Actividade: Ficha de Estudo do Meio

Data: 10-12-2009

Hora de início 11:15

Hora de conclusão: 12:00

Observadores: Eu (E)

Professora: P

Alunos: A, B, D, F, FM,G, I, J,JR, L, M,R

Objectivos: Observar o comportamento das crianças em grupo

Observar o comportamento das crianças com a professora

Observar o comportamento das crianças com o D

Observar a dinâmica das aprendizagens

Hora	Observadores	Descrição de situações e de comportamentos	Notas complementares e inferências
11:15	E	<p>A P entra na sala juntamente com os alunos.</p> <p>Os alunos sentam-se nos seus lugares.</p> <p>A P diz: “ Agora que já acabou o recreio vamos lá acalmar e vamos começar a trabalhar, agora é hora da ficha de Estudo do Meio”.</p> <p>O F diz: “ Não sei do meu livro” e o J responde: “ Está na mochila!”</p> <p>A P pergunta a F se já encontrou o livro e F responde que sim.</p> <p>A P diz: “Vamos abrir os livros na página 38, um 3 e um 8, é a seguir à ficha que fizemos ontem”.</p> <p>A P diz: “ D agora vamos conversar um bocadinho todos está bem?”</p> <p>A P pergunta: “Então já abriram todos o livro?”</p> <p>B, F, FM, G, I, J, JR, L, M e R dizem: “Sim.”</p> <p>A P pergunta: “Lembram-se de termos conversado nos dias da semana e o que fazemos em todos esses dias?” e diz :” A natação, as pinturas e o inglês e também para alguns meninos os cavalos.”</p> <p>B, FM, L e M dizem: “Sim”.</p> <p>O D diz: “Eu vou aos cavalos”.</p> <p>A P diz: “Sim D, tu vais aos cavalos mas também tens natação às terças.”</p> <p>A P pergunta: “ E lembram-se de conversarmos sobre o que vamos fazer no fim-de-semana?”</p> <p>A P diz: “ Então o trabalho que vamos fazer é desenhar o que gostávamos de fazer no fim de semana.</p>	<p>Dada a situação as crianças parecem pouco à vontade e agitadas. A P parece ter uma expressão de ansiedade, preocupa-se em começar logo o trabalho.</p> <p>Os alunos parecem estar mais calmos e fazem silêncio.</p> <p>Alguns alunos reagem ao comentário, rindo-se.</p> <p>F abana a cabeça em sinal afirmativo.</p> <p>A P espera que F encontre o livro.</p> <p>O D parece mostrar algum desagrado perante a abordagem da professora fazendo uma <i>careta</i>.</p> <p>B e M começam a conversar mas perante o olhar da P calam-se.</p>
11:20			

11:25		<p>Será que gostávamos de ir à praia do fim de semana? O que é que nos apetece fazer? Ir à Serra da Estrela? Ir ao parque brincar? “</p> <p>A P pergunta: “I o que gostarias de fazer no fim de semana?</p> <p>A I diz: “ Ver televisão.”</p> <p>A P pergunta: “O dia todo?”</p> <p>A I diz: “Sim.”</p> <p>A P diz: “Então a I apetecia-lhe ver televisão o dia todo, para descansar.”</p> <p>A P pergunta: “ E tu F? “</p> <p>O F diz: “ Gostava de ir à Serra da Estrela. E eu acho que vou mesmo.”</p> <p>A P diz: “ Então vamos lá desenhar o que cada um gostava de fazer no fim de semana.”</p> <p>A P pergunta: “ FM, que gostavas de fazer este fim de semana?”</p> <p>A FM diz: “ Gostava que o R fosse para a minha casa brincar.”</p> <p>A P diz: “ Ah! Muito bem. E tu R? Gostavas de ir para a casa da FM brincar?”</p> <p>O R diz: “Sim mas não sei se posso.”</p> <p>A P diz: “ E a A, que nunca ouço a voz dela. Que gostavas de fazer no fim de semana?”</p> <p>A A diz: “Gostava de ver televisão e ir ao parque.”</p> <p>A P diz: “J e tu?”</p>	<p>A I boceja.</p> <p>A P olha para o relógio.</p>
-------	--	--	--

<p>11:30</p>	<p>O J diz: “Gostava de ir acampar e jogar PSP.”</p> <p>A P diz: “ Já foste alguma vez acampar?”</p> <p>O J diz: “ Sim, até tenho uma tenda.”</p> <p>A P diz: “Muito bem mas agora está frio para acampar.”</p> <p>A P pergunta: “ E a B? Que gostava de fazer no fim de semana?”</p> <p>A B diz: “ Gostava de ir com a minha prima ver um concerto a Lisboa.”</p> <p>A P diz: “Muito bem, pode ser que ela te leve outra vez.”</p> <p>A P diz: “Eu quero ouvir todos hoje. L, o que gostavas de fazer no fim de semana?”</p> <p>A L diz: “ Eu queria ter os meus amigos a brincar na minha casa.”</p> <p>A P pergunta: “ E tu R?”</p> <p>O R diz: “Queria ficar em casa a jogar PSP.”</p> <p>A P pergunta: “ E tu, JR que queres fazer no fim de semana?”</p> <p>O JR diz: “ Gostava de ir almoçar ao restaurante com os meus pais e depois ir passear, ir às compras.”</p> <p>A P diz: “Vamos lá então desenhar o que gostávamos de fazer aí na folha.”</p>	<p>O J parece estar a imitar os gestos que faz com as mãos quando joga.</p>
<p>11:35</p>	<p>O G diz: “ P serra escreve-se com “s”?”</p> <p>A P responde: “Sim é com “s”, queres escrever serra G?”</p> <p>O G diz: “ Não. É para desenhar na placa.”</p>	<p>A A pega no lápis e parece estar a desenhar.</p> <p>Alguns alunos riem-se perante o</p>

11:45	<p>O D diz: “ Ao parque.”</p> <p>A P diz: “ Então vamos desenhar. Começamos por onde?”</p> <p>O D diz: “ Pela relva do parque e o baloiço azul.”</p> <p>A P diz: “ Então vamos desenhar.”</p> <p>O D diz: “ Falta o mano e a I. “</p> <p>A P diz: “ É assim que queres?”</p> <p>O D diz: “ Não. O mano tem que estar sentado no baloiço.”</p> <p>A P diz: “ Assim não sei fazer os bonecos. Alguém que ajudar o D?”</p> <p>O F diz: “ Eu sei fazer P.”</p> <p>A P diz: “ Então anda cá ajudar o D.”</p> <p>A B diz: “ P já fiz e agora?”</p> <p>A P diz: “ Agora quem já fez presta atenção. Estão aqui três quadradinhos. O que é que está desenhado no primeiro, às 10h da manhã?”</p> <p>A I e a M dizem: “ A menina está na escola.”</p> <p>A P diz: “ Muito bem. E no outro a seguir?”</p> <p>A M diz: “ A menina está a dormir.”</p> <p>A P diz: “ E são que horas?”</p>	<p>A P pega no lápis de cor e começa a desenhar no caderno de D o que ele lhe descreve.</p> <p>A P parece hesitar antes de mostrar o desenho a D.</p> <p>O F dirige-se à mesa de D para o ajudar a desenhar. Pega no lápis por cima da mão de D para este o agarrar e desenhar.</p> <p>O F dirige-se novamente ao seu lugar.</p>
-------	--	--

11:50	<p>A M diz: “ São 6 horas.”</p> <p>A P pergunta: “ Da manhã ou da tarde?”</p> <p>O G responde: “ Da tarde.”</p> <p>A P diz: “ Então às 6h da tarde estamos todos na cama a dormir?”</p> <p>A, B, D, F, FM,G, I, J,JR, L, M,R dizem: “Não.”</p> <p>A P diz: “ Então não acham que são 6h da manhã?”</p> <p>A, B, F, FM, G, I, J, JR, L, M, R dizem: “ Sim.”</p> <p>A P pergunta: “ E no último? O que está desenhado?”</p> <p>O L diz. “ O menino está a comer.”</p> <p>A P diz: “ Muito bem. E alguém sabe que horas são?”</p> <p>O JR diz: “ São 7h30.”</p> <p>A P diz: “ Boa JR. E o que está a fazer a menina?”</p> <p>O D diz: “ Está a comer o pequeno almoço.”</p> <p>A P diz: “ Muito bem D. Então e sabes o que está no segundo desenho?”</p> <p>O D diz: “ A menina está a dormir.”</p> <p>A P diz: “ Sim. E o outro a seguir?”</p>	<p>D parece distraído. Fala para a I constantemente.</p>
-------	--	--

<p>11:55</p>		<p>O D diz: “ A menina está na escola.”</p> <p>A P diz: “ Muito bem D. Foi fácil não foi?”</p> <p>O D diz: “ Sim este era fácil.”</p> <p>A P diz: “ Então já fizeram o desenho? Temos que ensaiar ainda a poesia do Natal antes de irmos almoçar.”</p> <p>A M diz: “ Professora já fiz tudo. Podes ver o meu desenho?”</p> <p>A P diz: “ Sim M vou já aí ver o teu desenho.”</p> <p>A A diz: “P já está.”</p> <p>A P diz: “ Pronto. Então agora vou ver os desenhos de todos e depois vamos almoçar, ensaiamos à tarde.”</p> <p>A P diz: “ Não se levantem do lugar, eu vou ver os desenhos ao pé de cada um.”</p> <p>A porta abre-se e entra uma auxiliar para vestir o casaco ao D, levando-o para o exterior da sala.</p> <p>A campainha toca e a P diz: “ Bem meninos, vistam os casacos e vamos almoçar. Até logo.”</p>	<p>O D parece agora entusiasmado por estar a participar na aula. Sorri à medida que responde.</p> <p>A P olha para o relógio, parece estar a controlar as horas.</p> <p>As crianças começam a conversar umas com as outras num tom mais elevado. Parecem estar a ficar inquietas.</p>
<p>12:00</p>		<p>A aula terminou.</p>	

b) Apresentação dos dados

Categorias	Subcategorias	Comportamentos Observados
Comportamentos dos alunos em grupo	Entre pares	<ul style="list-style-type: none"> - Dada a situação as crianças parecem pouco à vontade e agitadas. - Os alunos parecem estar mais calmos e fazem silêncio. - O F diz: “Não sei do meu livro” e o J responde: “Está na mochila!” - Alguns alunos reagem ao comentário, rindo-se. - F pega no lápis por cima da mão de D para este o agarrar e desenhar. - B e M começam a conversar mas perante o olhar da P calam-se. - Alguns alunos riem-se perante o comentário de G.
	Com a Professora	<ul style="list-style-type: none"> - A P entra na sala juntamente com os alunos. - Os alunos sentam-se nos seus lugares. - F responde que sim. - B, F, FM, G, I, J, JR, L, M e R dizem: “Sim.” - B, FM, L e M dizem: “Sim”. - O D diz: “Eu vou aos cavalos”. - I diz: “Ver televisão”. - I diz: “Sim”. - A FM diz: “Gostava que o R fosse para a minha casa brincar.” - O R diz: “Sim mas não sei se posso.” - A A diz: “Gostava de ver televisão e ir ao parque.” - O J diz: “Gostava de ir acampar e jogar PSP.” - O J diz: “Sim, até tenho uma tenda.” - A B diz: “Gostava de ir com a minha prima ver um concerto a Lisboa.” - A L diz: “Eu queria ter os meus amigos a brincar na minha casa.” - O R diz: “Queria ficar em casa a jogar PSP.” - O JR diz: “Gostava de ir almoçar ao restaurante com os meus pais e depois ir passear, ir às compras.” - O G diz: “P serra escreve-se com “s”?” - O G diz: “Não. É para desenhar na placa.” - O D diz: “Ir ao parque com o mano.” - O D diz: “Ao lá de trás, ao barco azul.” - O D diz: “Amanhã vou ao teatro, ver o pai natal.” - O D diz: “Sim. Do ATL, vou dizer uma poesia.” - O D diz: “Está bem.”

		<ul style="list-style-type: none"> - O J diz: “ P já está.” - A M diz: “ P posso ir à casa de banho?” - O D diz: “ Ao parque.” - O D diz: “ Pela relva do parque e o baloiço azul.” - O D diz: “ Falta o mano e a I. “ - O D diz: “ Não. O mano tem que estar sentado no baloiço.” - O F diz: “ Eu sei fazer P.” - A B diz: “ P já fiz e agora?” - A I e a M dizem: “ A menina está na escola.” - A M diz: “ A menina está a dormir.” - A M diz: “São 6 horas”. - O G responde: “ Da tarde.” - A, B, D, F, FM,G, I, J,JR, L, M,R dizem: “Não.” - A, B, F, FM, G, I, J, JR, L, M, R dizem: “ Sim.” - O L diz. “ O menino está a comer.” - O JR diz: “ São 7h30.” - O D diz: “ Está a comer o pequeno-almoço.” - O D diz: “ A menina está a dormir.” - O D diz: “ A menina está na escola.” - O D diz: “ Sim este era fácil.” - O G diz: “ Professora já fiz tudo. Podes ver o meu desenho?” - A A diz: “P já está”.
	Individualmente	<ul style="list-style-type: none"> - F abana a cabeça em sinal afirmativo [por ter encontrado o seu livro]. - O D parece mostrar algum desagrado perante a abordagem da professora, faz uma <i>careta</i>. - A I boceja. - O J parece estar a imitar os gestos que faz com as mãos quando joga. - A A pega no lápis e parece estar a desenhar. - O D parece estar distraído a olhar para o lado. - O F diz: “ Amanhã é a festa do ATL às 6 horas.” - O F parece querer levantar-se para mostrar o desenho, mas quando a P olha para ele volta a sentar-se. - O F dirige-se à mesa de D para o ajudar a desenhar. - O F dirige-se novamente ao seu lugar. - D parece distraído. Fala para a I constantemente. - O D parece agora entusiasmado por estar a participar na aula. Sorri à medida que responde.

Comportamentos da Professora	Com o Grupo	<ul style="list-style-type: none"> - A P diz: “Agora que já acabou o recreio vamos lá acalmar e vamos começar a trabalhar, agora é hora da ficha de Estudo do Meio”. - A P diz: “Vamos abrir os livros na página 38, um 3 e um 8, é a seguir à ficha que fizemos ontem”. - A P pergunta: “Então já abriram todos o livro?” - A P pergunta: “Lembram-se de termos conversado nos dias da semana e o que fazemos em todos esses dias?”. - A P diz: “A natação, as pinturas e o inglês e também para alguns meninos os cavalos.” - A P pergunta: “E lembram-se de conversarmos sobre o que vamos fazer no fim-de-semana?” - A P diz: “Então o trabalho que vamos fazer é desenhar o que gostávamos de fazer no fim-de-semana. Será que gostávamos de ir à praia do fim-de-semana? O que é que nos apetece fazer? Ir à Serra da Estrela? Ir ao parque brincar? “ - A P diz: “Então a I apetece-lhe ver televisão o dia todo, para descansar.” - O F diz: “Gostava de ir à Serra da Estrela. E eu acho que vou mesmo.” - A P diz: “Então vamos lá desenhar o que cada um gostava de fazer no fim-de-semana.” - A P diz: “Eu quero ouvir todos hoje. - A P diz: “Vamos lá então desenhar o que gostávamos de fazer aí na folha.” - A P diz: “Alguém quer ajudar o D?”. - A P diz: “Agora quem já fez presta atenção. Estão aqui três quadradinhos. O que é que está desenhado no primeiro, às 10h da manhã?” - A P diz: “Muito bem. E no outro a seguir?” - A P diz: “Então às 6h da tarde estamos todos na cama a dormir?” - A P diz: “Então não acham que são 6h da manhã?” - A P pergunta: “E no último? O que está desenhado?” - A P diz: “Muito bem. E alguém sabe que horas são?” - A P diz: “Então já fizeram o desenho? Temos que ensaiar ainda a poesia do Natal antes de irmos almoçar.
	Com A	- A P diz: “E a A, que nunca ouço a voz dela. Que gostavas de fazer no fim-de-semana?”
	Com B	<ul style="list-style-type: none"> - A P pergunta: “E a B? Que gostava de fazer no fim-de-semana?” - A P diz: “Muito bem, pode ser que ela te leve outra vez.”
	Com D	<ul style="list-style-type: none"> - A P diz: “D agora vamos conversar um bocadinho todos está bem?” - A P diz: “Sim D, tu vais aos cavalos mas também tens natação às terças.” - A P diz: “D o que gostavas de fazer no fim-de-semana?” - A P diz: “Qual?” - A P diz: “Então tens que dizer à mãe para te levar.” - A P diz: “O pai natal? Vais a uma festa?” - A P diz: “Vais? Então depois tens que me dizer qual é a poesia que vais dizer, está bem D?” - A P pergunta: “D vamos desenhar o teu desenho? - - Gostavas de ir onde?” - A P diz: “Então vamos desenhar. Começamos por onde?” - A P diz: “Então vamos desenhar.” - A P diz: “É assim que queres?” - A P diz: “Assim não sei fazer os bonecos.”

		- A P diz: “Muito bem D. Então e sabes o que está no segundo desenho?” - A P diz: “Sim. E o outro a seguir?” - A P diz: “Muito bem D. Foi fácil não foi?”
	Com F	- A P pergunta a F se já encontrou o livro. - A P pergunta: “E tu F?”. - A P diz: “Então anda cá ajudar o D.”
	Com FM	- A P pergunta: “FM, que gostavas de fazer este fim-de-semana?” - A P diz: “Ah! Muito bem.”
	Com G	- A P responde: “Sim é com “s”, queres escrever serra G?” - A P diz: “Sim G vou já aí ver o teu desenho.”
	Com I	- A P pergunta: “I o que gostarias de fazer no fim-de-semana?” - A P pergunta: “O dia todo?”
	Com J	- A P diz: “J e tu?” - A P diz: “Já foste alguma vez acampar?” - A P diz: “Muito bem mas agora está frio para acampar.” - A P diz: “Então agora vais fazer uma cruz na imagem do que gostavam de fazer nas férias grandes. As férias grandes são aquelas que temos no verão, quando está muito calor.”
	Com JR	- A P pergunta: “E tu, JR que queres fazer no fim-de-semana?” - A P diz: “Boa JR. E o que está a fazer a menina?”
	Com L	“L, o que gostavas de fazer no fim-de-semana?”
	Com M	- A P diz: “Sim querida, podes.” - A P diz: “E são que horas?” - A P pergunta: “Da manhã ou da tarde?”
	Com R	- A P diz: “E tu R? Gostavas de ir para a casa da FM Brincar?”. - A P pergunta: “E tu R?”

c) Análise dos dados

1. Apresentação de resultados

1.1. Comportamentos do grupo

De acordo com a análise do anexo VI, o grupo foi observado durante a realização de uma ficha de estudo do meio, ao longo de 45 minutos, onde a Professora e os alunos se mostravam um pouco inibidos, talvez devido a estarem a ser observados, numa situação real de sala de aula. Consideram-se como aspectos relevantes os comportamentos do grupo, a relação entre pares, comportamentos individuais e com a professora.

1.1.1. Comportamentos do grupo entre pares

Dada a situação a que estão sujeitas as crianças parecem pouco à vontade e agitadas no início da observação, talvez por estarem a ser observadas e por ser o período da aula que decorreu depois do recreio. No entanto, as crianças parecem mais calmas e fazem silêncio no desenrolar da actividade.

O F procura o seu livro: “Não sei do meu livro” e J tenta ajudar o seu colega: “Está na mochila”. Esta situação é motivo de riso por parte de alguns colegas perante esta situação.

B e M começam a conversar mas calam-se perante o olhar da P.

Os alunos reagem ao comentário de G [queria saber como se serra se escrevia com “s” para colocar na placa] rindo-se.

1.1.2. Comportamentos do grupo com a professora

No início da observação a professora entra na sala juntamente com os alunos e estes sentam-se nos seus lugares.

F procura o seu livro e a P pergunta se este já o encontrou e F responde: “Sim”. Posteriormente a professora inicia um diálogo com os alunos e vai colocando questões ao grupo e estes respondem: “Sim”. Uma das questões colocadas pela professora é se os alunos se lembram dos dias da semana e das actividades que se fazem depois da escola e os alunos respondem novamente que sim, o D acrescenta: “Eu vou aos cavalos”.

Para dar início à actividade e actuando para que os alunos percebam os objectivos da actividade a professora vai perguntando a cada um o que estes gostariam de fazer no fim – de – semana e estes respondem às suas questões.

Nalgum dos casos a professora continua o diálogo com os alunos, talvez para fazer com que estes interajam um pouco mais consigo. A professora vai fazendo também comentários posteriores às respostas dadas. Como por exemplo no caso FM que diz: “Gostava que o R fosse para a minha casa brincar” e a professora pergunta a R se também gostava de ir para a casa de FM brincar e R responde: “Sim mas não sei se posso”.

O aluno D dialoga bastante com a professora, revelando o que gostaria de fazer no fim-de-semana: “Ir ao parque com o mano” e explicando como é que queria o seu desenho à professora [o aluno D tem dificuldade em agarrar canetas e lápis de cor, faz as suas actividades dizendo as respostas em voz alta e alguém

escreve no seu livro]. Também revela a existência de uma actividade que se irá realizar fora da escola: “Amanhã vou ao teatro ver o pai natal (...) vou dizer uma poesia.”

Na segunda actividade a professora vai questionando os alunos a cerca das imagens que estão nos seus livros e estes vão respondendo à medida que as questões lhes são feitas.

Todos os alunos têm a preocupação de responder às perguntas que a professora coloca e demonstram interesse e preocupação de a informar quando terminam o seu trabalho, sem nunca se levantarem do lugar e aguardando a sua vez. Por exemplo a G diz: “P já fiz tudo. Podes vir ver o meu desenho?”

De um modo geral observa-se que os alunos têm um comportamento de disciplina e respeito pelas regras da sala., permanecem a silêncio e participam quando solicitados pela professora, mas também colocam questões quando necessitam sem receios. No fim das suas actividades aguardam pela sua vez nos lugares para que a docente veja os seus trabalhos.

1.1.3- Individualmente

Os alunos individualmente são bem comportados e interessam-se pelas actividades que realizam. “I pega no lápis e parece estar a desenhar” e auxiliam os colegas, como é o caso de F: “dirige-se à mesa de D para o ajudar a desenhar”.

O D parece que se vai abstraindo da aula quando a professora não se está a dirigir somente a ele, mostra algum desagrado quando lhe chamam a atenção: “Faz uma careta”. A professora quando aborda os outros alunos, D perde o entusiasmo: “O D parece distraído a olhar para o lado” ou conversa com os colegas “Fala para I constantemente”. No entanto quando chamado a participar na actividade demonstra entusiasmo. “D parece agora entusiasmado por estar a participar na aula. Sorri à medida que responde.”

1.2. Comportamentos da Professora

Nesta situação de observação inicialmente a professora também se sente um pouco inibida “parece ter uma expressão de ansiedade, preocupa-se em começar logo o trabalho” e por vezes olha para o relógio para controlar as horas.

Consideram-se os aspectos relevantes neste bloco, os comportamentos da Professora em relação ao grupo em geral e especificamente com alguns alunos para se perceber de que forma é feita a dinâmica das aprendizagens e a forma como a professora aborda o aluno alvo, o “D”.

1.2.1- Com o grupo

No início da actividade a professora começa por pedir aos alunos que abram o livro de estudo do meio na página 38, como alguns dos alunos podem não saber de que número se trata, esta tem o cuidado de desdobrar o número: “um 3 e um 8”.

Antes de se começar a actividade a professora pergunta a todos os alunos quais as actividades que gostariam de realizar no fim-de-semana com o intuito de participar na conversa. Afirmo mesmo: “Hoje quero ouvir todos”.

Está presente, em grande parte do tempo, uma tentativa de diálogo entre grupo e professora.

Durante a observação feita é também possível constar que a professora se preocupa em repetir, sempre que necessário, as tarefas a serem realizadas para que haja uma melhor compreensão por parte dos alunos e para que todos consigam alcançar os objectivos da tarefa. É exemplo desta afirmação a frase: “Então vamos lá desenhar o que cada um gostava de fazer no fim-de-semana”.

Observa-se a existência de reforços positivos sempre que um aluno acerta numa pergunta: “Muito bem”, “Boa”. Estas afirmações fazem com que os alunos se sintam motivados a participar e a aprender.

Presencia-se por isso uma boa relação entre a professora e os alunos pois durante a sua dinâmica de aprendizagens a professora preocupa-se com todos os alunos, para que estes compreendam as actividades que estão a realizar. Apesar de ser notória a participação mais activa de alguns alunos a docente tenta chegar a todos, principalmente aos alunos que apresentam mais dificuldades.

1.2.1- Com os alunos individualmente

No que concerne a relação com os alunos de forma individual existe uma relação próxima com os alunos. Mais uma vez é de referir que há uma tentativa de diálogo e uma preocupação em ouvir as opiniões dos alunos quando a professora pede a todos que digam o que desejam fazer no fim-de-semana e em alguns casos preocupa-se em desenvolver mais o diálogo. É o caso do aluno J que refere que gostava de ir acampar e jogar na consola e a professora desenvolve um pouco mais o discurso do aluno quando pergunta: “Já foste alguma vez acampar?” e “Muito bem mas agora está frio para acampar”.

Em relação à aluna A nota-se que é uma aluna que não fala muito, pois a professora chega mesmo a afirmar: “(...) nunca ouço a voz dela”. No entanto, durante o resto da actividade já não se volta a dirigir a esta aluna.

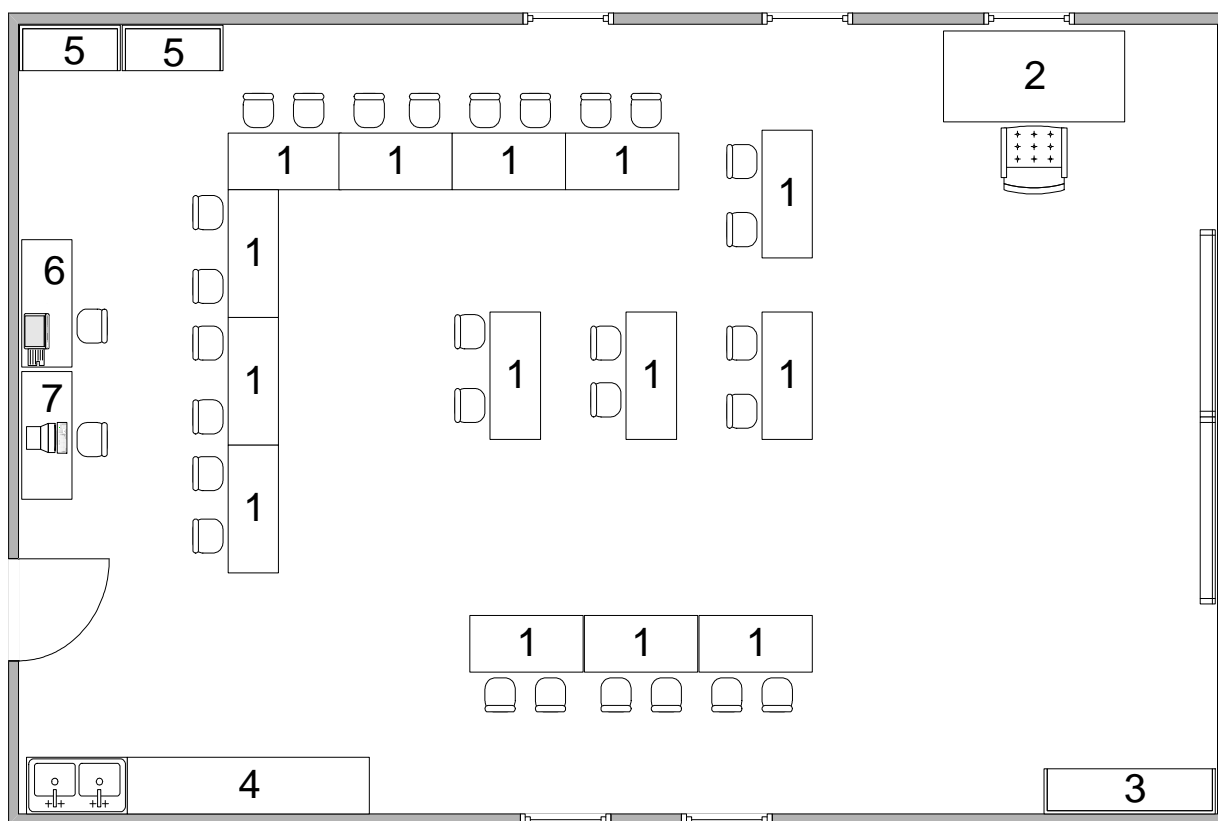
Constata-se que existe uma relação afectiva com os alunos, por exemplo quando a aluna M pergunta se pode ir à casa de banho a professora responde: “Sim querida, podes.”

Em relação ao aluno D, a professora tenta auxiliá-lo nas actividades, desenha aquilo que ele pede, faz com que ele explique as imagens presentes no texto e quando ele está distraído tenta chamar a atenção dele falando com ele.

A professora também inclui o D no grupo e fomenta a entajuda entre pares, neste caso quando pergunta à turma se alguém sabe desenhar um boneco sentado e perante a resposta afirmativa do aluno F pede que ajude o seu colega: “Então anda cá ajudar o D”.

Por aquilo que foi observado a professora preocupa-se bastante com a integração do D no contexto de sala de aula, mas também se preocupa com os restantes alunos pois mantém um diálogo aberto ao grupo, mas também a cada aluno de forma individual para que haja uma participação activa de todos ao longo das actividades realizadas.

Anexo VII – Planta da sala



Legenda:

1. Mesas dos alunos
2. Secretária da professora
3. Estante
4. Bancada de materiais
5. Cacifos
6. Mesa da impressora
7. Mesa do computador

Anexo VIII: Roteiro de actividades

Roteiro 1 e 2

Actividades das Sessões 1 e 2					
Áreas Curriculares	Sub-área	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades / Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	<p>Conhecer uma situação nova dentro da sala de aula</p> <p>Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza</p>	<p>Participar num diálogo e conversação em grupo e professoras</p> <p>- Saber exprimir-se</p> <p>-Relatar acontecimentos da sua vida (gostos e desejos)</p> <p>- Participar com o grupo na elaboração de um trabalho colectivo</p> <p>- Reter informação a partir do relato dos seus pares</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Depois de entrarem para a sala as crianças sentam-se nos seus lugares e iniciarei um diálogo com o grupo para explicar a minha presença dentro da sala e o que irei fazer com a turma. 2. Irei explicar que sou professora que estarei ali um dia na semana para fazer algumas actividades com todos para que possamos ajudar mais o João dentro da sala para ele aprender melhor. 3. Posteriormente peço a todas as crianças que me digam o seu nome para as conhecer melhor. 4. Como é o primeiro dia dentro da sala irei auxiliar o João e as outras crianças enquanto a professora prossegue na sala para que as crianças se habituem à minha presença dentro da sala. 	

Estudo do Meio	Comunicação escrita Identificação do “Eu”	Desenvolver as competências da Escrita Saber identificar-se Gostos e preferências pessoais	Identificar palavras escritas através da utilização de imagens Saber o seu nome e idade Nomear o seu animal preferido	<ol style="list-style-type: none"> 5. Neste dia irei lembrar às crianças que me encontro na sala para fazer uma actividade com as crianças e que nesta actividade pretendo conhecê-las um pouco melhor. 6. Explico que nesta actividade irei pedir para se apresentarem em voz alta e que me digam qual o seu nome, a sua idade e qual o seu animal favorito. 7. De seguida darei início à actividade, começando pelo João, peço-lhe para me dizer como se chama, a sua idade e qual o animal que mais gosta. À medida que o aluno responde vou registando numa folha de papel cenários as respostas. 8. Farei o restante à turma. 9. Peço a cada aluno que leia o que está escrito no papel cenário, de modo a lembrar o que cada um disse. 10. Posteriormente os alunos procuram em revistas o animal que escolheram anteriormente e recortam-no (no caso do João peço a um dos alunos que o ajude a recortar a imagem). 11. Quando todos os alunos já tiverem escolhido e recortado a sua imagem solicito-lhes que colem depois da palavra correspondente ao animal a respectiva imagem. 12. Finalmente irei ler em conjunto com os alunos as frases que estão escritas recorrendo sempre às imagens dos referidos animais, para que haja uma identificação da palavra associada à imagem. 	
----------------	--	--	---	---	--

Roteiro 3

Actividades da Sessão 3					
Áreas Curriculares	Sub-áreas	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades/ Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	Conhecer novas regras a cumprir num passeio exterior à escola	-Participar num diálogo e conversação em grupo e professoras	1. Iniciarei a minha intervenção fazendo um breve diálogo com a turma, pedindo que me expliquem onde será o local da visita de estudo, o que irão ver e qual o meio de transporte em que se vão deslocar até ao museu.	-Material de pintura (lápiz, canetas e tintas de dedo)
		Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza	-Saber exprimir-se	2. Posteriormente a este diálogo faço referência à existência de algumas regras “ especiais” que é preciso ter quando saímos da escola para um passeio e peço que me digam aquelas que a turma acha que serão as mais importantes.	-Cartolinas
	Comunicação escrita	Desenvolver as competências da Escrita	-Relatar acontecimentos futuros	3. Ao mesmo tempo que a turma me vai dando a sua opinião vou fazendo esses registos no quadro e acrescentarei, caso seja necessário, algumas das regras para que fiquem todas registadas. Como exemplo de regra poderá ser: “ <i>Não correr dentro do museu</i> ”.	-Folhas
Expressão Plástica		Desenvolver criatividade	-Participar com o grupo na elaboração de um trabalho colectivo	4. De seguida junto a turma em grupos, no máximo de quatro elementos, distribuo uma folha branca e escolho para cada	
			-Reter informação a partir do relato dos seus pares		
			-Identificar palavras através da utilização de desenhos		
			-Representar graficamente um conteúdo escrito		

			-Realizar cartazes colectivos	<p>grupo uma das regras que está no quadro, repetindo as vezes necessárias para que cada grupo memorize a sua.</p> <p>5. Explico que a tarefa consiste em fazer o desenho que ilustre cada regra, este desenho será feito por todos os elementos do grupo. No caso do grupo do João, como este não consegue desenhar, os seus colegas desenharam algo que descreva a regra escolhida para o grupo. O João fica encarregue de pintar, posteriormente algumas partes do desenho com tinta de dedos.</p> <p>6. Terminada a tarefa, os alunos colam as folhas numa cartolina, pendurando-se de seguida na parede.</p> <p>7. É escolhido então um porta-voz de cada grupo (no grupo do João será ele) para oralmente relembrar</p>	
--	--	--	-------------------------------	---	--

Roteiros 4 e 5

Actividades das Sessões 4 e 5					
Áreas Curriculares	Sub - áreas	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades/ Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	Expressar-se por iniciativa própria Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza	Participar em diálogos com a turma Relatar acontecimentos vividos Dar a opinião pessoal sobre determinado assunto Apresentar um trabalho ao grupo	1. Esta actividade tem como temática a visita de estudo anteriormente realizada. 2. Vou começar por pedir às crianças que me descrevam o passeio que fizeram (onde foram, o que viram e o que mais gostaram). 3. Seguidamente irei questionar as crianças a cerca dos brinquedos que encontraram no museu. Como por exemplo: “De que materiais eram feitos?”, “Quais os que acharam mais bonitos?”, “Se alguma vez já viram algum deles em casa dos pais ou dos avós?”.	-Papel Cenário -Cola -Imagens de brinquedos -Folhas -Porta-chaves -Cola -Tesouras -Materiais de pintura
Estudo do Meio	Comunicação escrita	Desenvolver as competências da Escrita	Descrever um objecto segundo as suas características (cor, forma, textura)	4. Depois desta pequena conversa vou distribuir a cada criança uma imagem que contém um brinquedo antigo ou um brinquedo actual (um carro de lata e um carro telecomandado, por exemplo) e dou tempo para que estas observem bem a sua imagem.	-Computador com o programa GRID
Matemática	O seu passado próximo	Estabelecer relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade Comparar alguns objectos	Participar num registo escrito Distinguir o antes e o depois	5. De seguida divido uma folha de papel cenário e escrevo numa parte a palavra Antes e na outra a palavra Agora 6. Peço então a cada criança que me descreva o seu brinquedo, construindo uma pequena frase. Por exemplo: “O carro é de lata”, perguntando posteriormente na qual coluna o iremos colocar (Antes/ Agora). 7. Farei então o registo escrito da frase anteriormente dita por cada aluno.	- Cartolina canelada
Expressão Plástica		Colar Recortar Desenhar	Comparar os materiais dos brinquedos de antigamente com os actuais Elaborar um painel colectivo Decorar um convite para a família Fazer a prenda e o postal do Dia do Pai	8. Finda a actividade solícito a algumas crianças que colem o seu brinquedo no papel cenário de forma a decorá-lo. De seguida irei ler em voz alta, juntamente com as crianças o resultado das frases elaboradas por todos. 9. O papel cenário é colocado no placard da entrada para que todos possam ver o trabalho colectivo de toda a turma. 10. Esta actividade terá depois continuação com a professora titular de turma que construirá com a turma um convite para que as suas famílias possam ir à escola testemunhar sobre os brinquedos que	

				<p>tinham antigamente, assim como as brincadeiras que faziam na sua altura para que as crianças fiquem com a noção de como era no passado e como é no presente.</p> <p>11. Elaboração de um desenho que simbolize a relação entre as crianças com os seus pais. Este será feito num pequeno cartão, para ser introduzido depois num porta – chaves de plástico que a professora comprou.</p> <p>12. Na parte traseira do seu desenho as crianças irão escrever a frase: “Gosto muito de ti Pai!”</p> <p>13. Posteriormente será feito o cartão do Dia do Pai. As crianças escrevem numa folha uma pequena frase a cerca do seu pai, a qual será corrigida por mim ou pela professora. Depois cada criança copia essa mesma frase para o cartão, que é feito em cartolina canelada. Seguidamente cada criança decora o cartão a seu gosto com diversos materiais (tintas, canetas, lápis de cor, papelinho, etc)</p> <p>14. No caso do João irá fazer o desenho da maneira que conseguir, com a ajuda de um colega ou de uma das professoras. No entanto a frase será escrita com o programa GRID, pedirei ajuda à professora de educação especial que tem o computador na sala que nesse dia o traga, se possível, para a sala e todos juntos observaremos o João a trabalhar no programa e a escrever com os símbolos uma frase sobre o seu pai. Depois de impresso, será o aluno a colar no respectivo postal e no porta-chaves as frases construídas por si.</p> <p>15. Decorando posteriormente o cartão a seu gosto.</p>	
--	--	--	--	---	--

Roteiro 6

Actividades da Sessão 6					
Áreas Curriculares	Sub-áreas	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades/ Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	Conhecer novas regras a cumprir num passeio exterior à escola	Participar num diálogo e conversação em grupo e professoras	1. Para dar início à actividade explico aos alunos que se está a aproximar a Páscoa e que com ela também chegam algumas das tradições que são habituais no nosso país. - De seguida pergunto aos alunos quais as tradições que conhecem na Páscoa e distribuo a todos os alunos uma planificação de um rectângulo para que os alunos colem de forma a fazerem a “base” da cesta, assim como uma tira de esponja para servir de asa para a cesta.	Material de pintura (lápis, canetas e tintas de dedo)
			Saber exprimir-se		Cartolinas
		Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza	Relatar acontecimentos futuros	2. Peço às crianças que decoram a base da cesta a se gosto, depois peço que colem a planificação do rectângulo e aguardem que a cola seque. Depois de seca a cola colar-se-ão a cada uma das extremidades da base da cesta molas de encaixe, e as restantes nas extremidades da tira de esponja para segurar a tira à base da cesta.	Folhas
	Comunicação escrita		Participar com o grupo na elaboração de um trabalho colectivo	3. Finda a actividade as crianças dirigem-se para o refeitório onde procederemos à confecção de folares da Páscoa.	Molas de encaixe
			Reter informação a partir do relato dos seus pares	4. Num algarido os ingredientes são misturados por alguns alunos (farinha, fermento, margarina, açúcar, ovos, erva doce, canela e leite), posteriormente misturam-se os ingredientes e amassasse até obtermos a massa do folar.	Esponja de várias cores
		Desenvolver as competências da		5. A massa confeccionada será apenas para demonstração uma vez que a massa necessita de algum tempo para repousar e como não haverá tempo para esperar, serão as auxiliares da cozinha que confeccionam a massa que será utilizada nos folares.	Planificação de um rectângulo
Estudo do Meio		Escrita	Escrever uma receita com o auxílio das tecnologias de apoio (programa GRID)	6. Para fazerem os folares as crianças lavam as mãos e arregaçam as mangas, posteriormente colocam-se em fila encostadas às mesas que estão polvilhadas de farinha, aguardando assim que lhes seja atribuído um pedaço de massa para moldarem o folar.	Cola
		Conhecer tradições da cultura do nosso País	Fazer folares da Páscoa		Alimentos: farinha, fermento, margarina, açúcar, ovos, erva-doce, canela e leite
Expressão Plástica			Construir uma cesta		Computador adaptado

		Desenvolver criatividade	alusiva à Pascoa	<p>7. Depois de moldado colocam-se os folares no tabuleiro para cozerem no forno.</p> <p>8. Após estarem cozidos os folares colocam-se nas cestas e as crianças levarão para casa o seu folar. Os que foram elaborados por mim e pela professora serão servidos ao lanche para toda a turma.</p> <p>9. Finalmente da parte da tarde para consolidar a actividade as crianças irão registar por escrito a receita dos folares numa cartolina que será decorada com desenhos feitos por todos os alunos. Na actividade da escrita o João, com a ajuda de alguns colegas e da educadora, escreverá a receita no GRID que depois será colada na cartolina para ser decorada pelos colegas e exposta na sala de aula.</p>	
--	--	--------------------------	------------------	--	--

Roteiro 7

Actividades da Sessão 7					
Áreas Curriculares	Sub-áreas	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades/ Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	Conhecer novas regras a cumprir num passeio exterior à escola	Participar num diálogo e conversação em grupo e professoras	1. A actividade será realizada no pátio do recreio ou no ginásio (caso as condições atmosféricas não permitam estar ao ar livre) e tem como objectivo a realização de uma estafeta cujo tema é o dinheiro.	Giz
		Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza	Ter noções de espírito de equipa e entreajuda. Saber exprimir-se Relatar acontecimentos passados	2. Toda a turma se dirige para o pátio onde irei proceder à explicação do que é pretendido na actividade. De seguida divido a turma em 4 equipas com 6 elementos cada e disponho as equipas ao lado umas das outras numa linha desenhada previamente com giz. Esta será a linha de partida.	Objectos de plásticos a simular alimentos e utensílios de casa.
Estudo do Meio		Conhecer actividades que podem ser realizadas fora da sala de aula	Participar com o grupo na elaboração uma actividade de expressão física - motora Reter informação a partir do relato dos seus pares	3. A cada equipa será distribuída uma lista de compras com algumas das imagens dos produtos que se encontram espalhados no recinto. 4. As crianças alinham-se em fila e ao sinal de partida as que estão na posição da frente partem em busca do primeiro objecto da lista.	Imagens dos objectos Cestos de verga
Matemática		Identificar elementos numa imagem Conhecer a moeda em uso Fazer somas	Fazer uma estafeta com os colegas. Procurar um objecto no espaço do recreio recorrendo a uma imagem	5. Quando o encontram terão de regressar o mais rápido possível e colocar o objecto dentro do cesto da sua equipa. De seguida partirá o segundo elemento em busca do segundo objecto da lista de compras e assim sucessivamente até ao último elemento. 6. Ganha a equipa que conseguir recolher todos os objectos da lista em primeiro lugar.	Tabela com as imagens e preços dos produtos Lápis e borracha

			<p>Saber os preços de determinados objectos</p> <p>Somar o valor de cada objecto</p>	<p>7. À medida que os alunos vão chegando com os objectos deverão ainda fazer uma cruz (X) por cima do objecto que trouxeram para não se confundirem.</p> <p>8. Finda a actividade dirigimo-nos para a sala e solicito às crianças que se sentem pelos grupos formados na estafeta.</p> <p>9. Distribuo uma tabela com as imagens dos objectos e os respectivos preços de cada um e os alunos deverão fazer a soma dos objectos que apanharam para saberem quanto dinheiro iriam necessitar para fazer aquelas compras se fosse na realidade.</p> <p>10. Finalmente conversarei em grande grupo a cerca da actividade para obter um feedback dos alunos.</p>	
--	--	--	--	--	--

Roteiro 8

Actividades da Sessão 8					
Áreas Curriculares	Sub-áreas	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades/ Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	Conhecer novas regras a cumprir num passeio exterior à escola	Participar num diálogo e conversação em grupo e professoras	1. Nesta actividade as crianças realizam uma pequena dramatização de uma ida às compras em grupo.	Lista de Compras
	Comunicação Escrita	Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza	Ter noções de espírito de equipa e entreajuda.	2. Divido a turma em grupos de 4 elementos e peço que definam dentro do grupo quem é que serão os compradores e os vendedores, em cada grupo haverá 1 vendedor e 3 compradores.	Folhetos dos hipermercados
		Conhecer actividades presentes na sua vida quotidiana	Saber exprimir-se	3. Enquanto vou arrumando as mesas aos cantos da sala de modo a que cada grupo tenha o seu balcão para vendedor, peço às crianças que definam uma lista de compras e escolham os produtos a comprar dos que se encontram na lista dada por mim, com a regra de terem que escolher um produto de cada secção da lista. Estes estão categorizados pelas secções: mercearia, higiene, carne, etc.	Tesouras
			Relatar acontecimentos passados	4. Posteriormente darei a cada grupo a quantia de 20€ em notas e moedas assim como uma folha de registo que contém três colunas com os títulos: “O que comprámos?”, “Quanto gastámos?” e “Qual o troco recebido?” onde terão que registar todos os produtos dados e as contas que fizeram em casa compra.	Cartolinas
			Participar com o grupo na elaboração uma actividade de expressão dramática	5. Os alunos ocupam os seus lugares e	Desenhos com os símbolos “€”
			Reter informação a partir do relato dos seus pares		Moedas e notas de plástico e papel
			Saber relatar estratégias de aprendizagem		Tabela de preços
Estudo do Meio		- Identificar elementos numa	Saber interpretar uma tabela de preços		
			Saber preencher uma tabela de registos		

Matemática		<p>imagem</p> <p>Interpretar tabelas</p> <p>Conhecer a moeda em uso</p> <p>Fazer somas</p> <p>Construir um pictograma</p>	<p>Conhecer os procedimentos de uma ida às compras</p> <p>Conhecer os preços dos produtos</p> <p>Relacionar imagens num dado contexto</p> <p>Recortar figuras de panfletos</p> <p>Saber os preços de determinados objectos recorrendo a uma tabela</p> <p>Somar o valor de cada objecto</p> <p>- Interpretar um pictograma</p>	<p>começam a fazer as compras, cada elemento terá que fazer a compra de um objecto, pelo menos.</p> <p>6. O “lojista” à medida que os clientes pedem os produtos procura nos catálogos dos hipermercados dispostos na mesa, recortando depois a respectiva imagem e dá ao comprador.</p> <p>7. Os compradores retornam ao seu lugar depois de efectuarem as compras e preenchem a folha de registo, juntamente com os vendedores que também se juntarão ao restante grupo pedindo valor monetário presente na tabela de preços</p> <p>8. Para saberem o preço dos produtos ser-lhes-á dada uma tabela de preços com os produtos presentes na lista de compras inicial.</p> <p>9. Finalizada a análise dos resultados de cada um dos grupos em que dirão a todos os dados na sua folha de registo, procederemos à construção de um pictograma com o número total euros gasto nos produtos que cada grupo comprou, em que o símbolo será “€”.</p> <p>10. Após colarmos os símbolos em barra iremos então fazer uma breve discussão do resultado do pictograma onde colocarei perguntas</p> <p>11. Arrumar-se-á de novo a sala e conversarei com as crianças a cerca da actividade</p>	
------------	--	---	--	---	--

Roteiro 9

Actividades da Sessão 9					
Áreas Curriculares	Sub-áreas	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades/ Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	Conhecer novas regras a cumprir num passeio exterior à escola	Participar num diálogo e conversação em grupo e professoras	1. Diálogo entre os alunos e a professora sobre o Dia da Mãe em que cada aluno dirá o que gostaria de fazer nesse dia com a sua mãe.	Papel cavallinho
		Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza	Ter noções de espírito de equipa e entreajuda.	2. Os alunos nos seus cadernos irão escrever uma pequena poesia sobre a sua mãe. Nesta actividade terão a ajuda das professoras para que o seu texto rime e fique bem escrito para depois passarem para o papel.	Tintas de tecido
	Comunicação Escrita	Escrever uma poesia	Saber exprimir-se	3. Depois de escritas e corrigidas as poesias de todos os alunos estes copiam o seu texto para a folha de papel cavallinho anteriormente distribuídas, onde consta um rectângulo desenhado para o efeito.	Aguarelas
		Utilização de técnicas de pintura em diversos materiais	Escrever uma poesia sobre a Mãe	4. Quando o texto estiver escrito os alunos decoram a gosto o restante papel utilizando aguarelas.	Ráfia
			Conhecer regras da escrita	5. Para a prenda será distribuído por todos um pedaço de pano de cor bege e estes decoram a seu gosto com as tintas de tecido disponibilizadas para o efeito.	Tecido de cor bege
Expressão Plástica			Elaborar uma prenda para o Dia da Mãe		
			Pintar um desenho em pano utilizando tintas de tecido		
			Decorar papel cavallinho		

			com aguarelas	6. Depois de seco o pano embrulham-se os presentes na folha de papel cavalinho, de forma a que a poesia fique na parte de cima do embrulho e decora-se com um laço feito em rafia de várias cores.	
--	--	--	---------------	--	--

Roteiro 10

Actividades da Sessão 10					
Áreas Curriculares	Sub-áreas	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades/ Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	Conhecer novas regras a cumprir num passeio exterior à escola	Participar num diálogo e conversação em grupo e professoras	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conversa com os alunos sobre a função e tipo de calendários que existem; 2. Distribuição de uma cartolina desenhada com quadriculas, de tamanho A4, a cada um dos alunos; 3. Os alunos desenharam em cada quadrícula as suas actividades semanais principais por ordem temporal. Por exemplo a escola; 4. Pedir aos alunos que expliquem os seus desenhos, associando-os às actividades que realizam ao longo do dia; 	Cartolina Lápis de Cor Canetas de Feltro
Matemática	Tempo	Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza	Saber exprimir-se		
			Elaborar um calendário semanal		
			Reter informação a partir do relato dos seus pares		
		Saber sequências temporais			
Expressão Plástica		Utilização de técnicas de pintura	Elaborar um calendário com as principais actividades semanais dos alunos		
			Desenhar as actividades do dia num calendário.		

Roteiro 11

Actividades da Sessão 11					
Áreas Curriculares	Sub-áreas	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades/ Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza	Participar num diálogo e conversação em grupo e professoras	1. Disposição da turma em pares, formando assim 12 grupos de dois elementos.	Computador;
			Saber exprimir-se	2. Distribuição de uma folha com pistas sobre dois acontecimentos que ocorrem em determinado mês do ano.	Folhas com as pistas;
			Elaborar um calendário mensal	3. Os alunos procuram no computador imagens alusivas ao dia que lhes coube.	Velcro;
Matemática	Tempo	Saber sequências temporais	Reter informação a partir do relato dos seus pares	4. Colagem com velcro das respectivas imagens e escrita do dia em que acontece esse mesmo dia numa folha de esponja.	Tesouras;
		Utilização de técnicas colagem e recorte	Elaborar um calendário com os dias principais de cada mês	5. Utilizando um programa de símbolos retiram-se e imprimem-se imagens semelhantes com as anteriormente retiradas da internet.	Folhas de esponja recortadas em igual tamanho;
Expressão Plástica		Utilização da Internet	Recortar e colar imagens com velcro.	6. Recorte e colagem de imagem ao lado da sua homóloga.	Argolas metálicas;
TIC			Pesquisar e seleccionar imagens	7. Apresentação do calendário à turma.	

Roteiro 12

Actividades da Sessão 12					
Áreas Curriculares	Sub-áreas	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades/ Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	Conhecer características dos animais de estimação	Participar num diálogo e conversação em grupo e professoras	<ol style="list-style-type: none"> 1. Separação da turma em seis grupos de quatro elementos cada; 2. Ida à biblioteca pesquisar nos diversos materiais existentes características de um animal de estimação; 3. Registo numa folha das principais características do animal (alimentação, revestimento do corpo e cores que podem ter. 4. Pesquisa de uma imagem do animal trabalhado por cada grupo. 5. Colocar a imagem na folha de registo das características e posteriormente na folha de papel cenário. 	Livros Revistas Computador Papel cenário Cola Tesoura
	Comunicação escrita	Comunicar por escrito pesquisas efectuadas	Saber exprimir-se		
			Reter informação a partir do relato dos seus pares		
Expressão Plástica		Utilização de técnicas: colagem e recorte	Pesquisar , seleccionar e registar características dos animais recorrendo a diversos materiais de pesquisa		
TIC		Utilização da Internet para pesquisa			

Roteiro 13

Actividades da Sessão 13					
Áreas Curriculares	Sub-áreas	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades/ Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	Conhecer novas classes de animais	Participar num diálogo e conversação em grupo e professoras	1. Visionamento de um power point com imagens e características de um animal de cada classe: mamíferos, insectos, moluscos, anfíbios, peixes e reptéis.	Computador; Folhas com textos; Fichas de trabalho;
		Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza	Saber exprimir-se	2. Divisão da turma em seis grupos de quatro elementos,	
	Comunicação Escrita		Saber diferenciar as classes dos animais	3. Cada grupo escolhe um animal dos que se encontram na apresentação em power point.	
		Escrever as características dos animais baseado em pesquisa	Elaborar uma folha de registo contendo as características das diferentes classes dos animais	4. Distribuição de um pequeno texto com as características de cada animal ao grupo que pertence e algumas perguntas no final.	
			Realização de uma ficha sobre os conhecimentos adquiridos	5. Procurar no texto as respostas às perguntas presentes na folha.	
Expressão Plástica		Utilização de técnicas colagem e recorte		6. Pesquisa da imagem de um animal que pertença à mesma classe do animal anteriormente escolhido.	
TIC		Utilização da Internet		7. Colar no placard o trabalho efectuado após apresentação oral à turma.	
			Recortar imagem e colar no placard	8. Elaboração de uma ficha com animais de diferentes classes para consolidação de conhecimentos.	
			Pesquisar e seleccionar imagens e informações sobre as classes de animais		

Roteiro 14

Actividades da Sessão 14					
Áreas Curriculares	Sub-áreas	Objectivos Gerais	Competências Específicas	Actividades/ Estratégias	Materiais
Língua Portuguesa	Comunicação Oral	Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza	Participar num diálogo e conversação em grupo e professoras	1. Saída em grande grupo para exterior da escola.	Plantas;
	Comunicação Escrita	Saber escrever a legenda de uma imagem	Saber exprimir-se	2. Os alunos recolhem algumas plantas durante 15 minutos, aproximadamente.	Folhas brancas;
			Reter informação a partir do relato dos seus pares	3. Regresso à sala onde se observam e limpam as plantas recolhidas por cada aluno.	Cola;
			Compreender o significado de regras	4. Serão distribuídas pelos alunos folhas brancas para colarem as plantas (duas em cada folha).	Tesouras;
Estudo do Meio		Conhecer algumas características das plantas	Relacionar uma imagem ao texto escrito	5. Depois de colada a planta por baixo desta regista-se o nome, a data e a estação do ano em que nos encontramos.	Material de pintura;
		Saber o significado da preservação do meio ambiente	Construir um herbário	6. Com as plantas que restaram decorar-se-á uma folha de papel cenário com estas, assim como com pinturas e desenhos alusivos ao ambiente.	Ficha de Estudo do Meio
Expressão Plástica		Conhecer regras de preservação do ambiente	Realizar uma ficha de estudo do meio	7. Breve conversa sobre as regras a cumprir para preservar o ambiente.	
		Utilização de técnicas colagem, recorte e pintura	Construção de um painel colectivo sobre o ambiente	8. Realização de uma ficha de estudo do meio para consolidação da matéria dada.	

